FUGA DO CAMPO 14

A DRAMÁTICA JORNADA DE UM PRISIONEIRO DA COREIA DO NORTE RUMO À LIBERDADE NO OCIDENTE

BLAINE HARDEN

intrínseca

FUGA DO CAMPO 14

A DRAMÁTICA JORNADA DE UM PRISIONEIRO DA COREIA DO NORTE RUMO À LIBERDADE NO OCIDENTE

BLAINE HARDEN

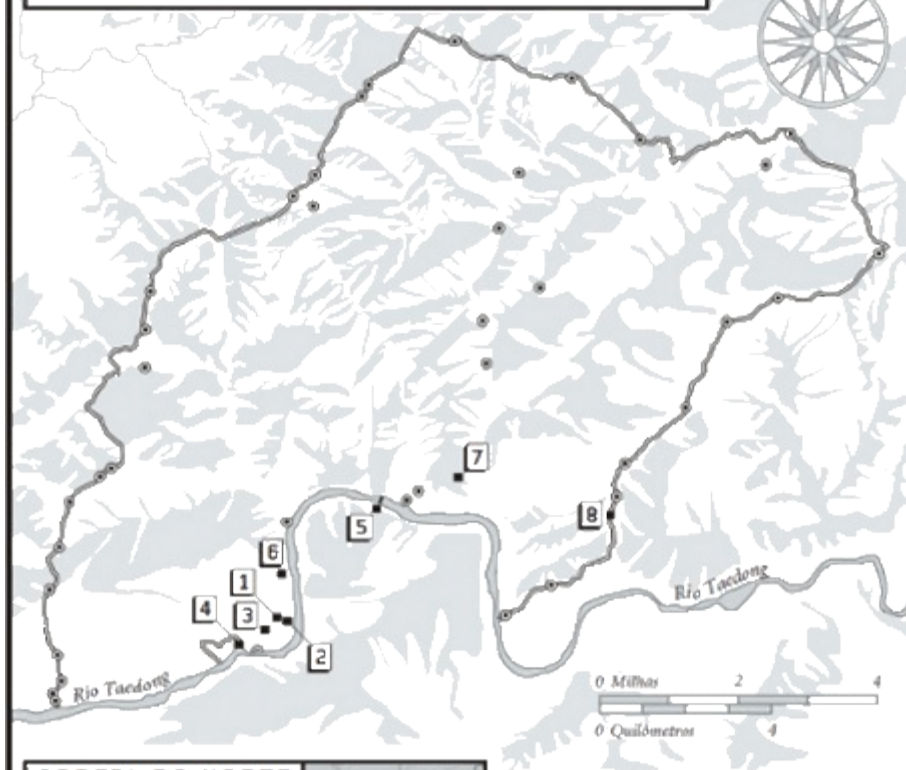
TRADUÇÃO:
MARIA LUIZA X.
DE A. BORGES

Para os norte-coreanos que permanecem nos campos.

Não há nenhuma “questão dos direitos humanos” neste país, pois todos levam uma vida extremamente digna e feliz.

— Agência Central de Notícias da Coreia [do Norte],
6 de março de 2009

O culto à personalidade que cerca a família Kim começou com o Grande Líder, Kim Il Sung (1912-1994), representado na propaganda oficial como um pai amoroso para seu povo.

MAPA DO CAMPO 14, SEGUNDO SHIN
Rio Taedong
Rio Taedong
0 Milhas 2 4
0 Quilômetros 4
COREIA DO NORTE
RÚSSIA
CHINA
CAMPO 14
Pyongyang
Mar do Japão
Baía da Coreia
Mar Amarelo
COREIA DO SUL
LEGENDAS
Cerca do campo
Guarita
1 Casa de Shin Dong-hyuk
2 Campo de execução
3 Escola de Shin
4 Local onde a turma de Shin foi atormentada pelos filhos dos guardas
5 Represa onde Shin trabalhou e encontrou corpos
6 Fazenda de porcos onde Shin trabalhou
7 Fábrica de roupas onde Shin descobriu sobre o mundo lá fora
8 Cerca por onde Shin escapou
© 2012 Jeffrey L. Ward

FUGA DE SHIN DO CAMPO 14 ATÉ A CHINA
Distância estimada: 592 km
CHINA
RÚSSIA
Helong
Rio Tumen
Musan
Chongjin
Rio Yalu
Kilju
Mar do Japão
COREIA DO NORTE
Hamhung
Rio Taedong
CAMPO 14
Maengsan
Bukchang
Baía da Coreia
Pyongyang
COREIA DO SUL
Seul
REGIÃO DA COREIA DO NORTE
Vladivostok
Pequim
Mar do Japão
Seul
COREIA DO SUL
Mar Amarelo
Tóquio
JAPÃO
Xangai
Mar da China Oriental
Oceano Pacífico

PREFÁCIO

UM MOMENTO DIDÁTICO

Sua lembrança mais antiga é de uma execução.

Ele caminhava com a mãe rumo a uma plantação de trigo perto do rio Taedong, onde guardas tinham arrebanhado vários milhares de prisioneiros. Alvoroçado pela multidão, o menino rastejou entre pernas adultas até a fileira da frente, onde viu um homem ser amarrado a um poste de madeira.

Shin In Geun tinha quatro anos, criança demais para compreender o discurso pronunciado antes do fuzilamento. Em dúzias de execuções em anos futuros, ele ouviria um guarda supervisor dizer à multidão que havia sido oferecida, ao prisioneiro prestes a morrer, a "redenção" por meio do trabalho árduo, porém ele rejeitara a generosidade do governo norte-coreano. Para impedir o prisioneiro de amaldiçoar o Estado que logo lhe tomaria a vida, guardas enchiam-lhe a boca de seixos, depois lhe cobriam a cabeça com um capuz.

Naquela primeira execução, Shin viu três guardas fazerem pontaria. Cada um atirou três vezes. As detonações de seus fuzis aterrorizaram o menino, que caiu de costas. Mas ele se levantou depressa, a tempo de ver guardas desamarrarem um corpo frouxo, ensanguentado, enrolá-lo num cobertor e jogá-lo numa carroça.

No Campo 14, uma prisão para os inimigos políticos da Coreia do Norte, era proibido formar grupos com mais de dois presos, a não ser nas execuções. Todos tinham de presenciá-las. No campo de trabalhos forçados, a execução pública — e o medo que ela gerava — era um momento didático.

Os guardas de Shin, no campo, eram seus mestres — e seus criadores. Foram eles que selecionaram sua mãe e seu pai. Ensinaram-lhe que os prisioneiros que infringiam as regras mereciam a morte. Numa encosta perto de sua escola, estava afixado um lema: TUDO DE ACORDO COM AS REGRAS E OS REGULAMENTOS. O menino memorizou as dez regras do campo, "Os Dez Mandamentos", como mais tarde os chamaria, e ainda é capaz de recitá-los de cor. O primeiro dizia: "Qualquer pessoa pega fugindo será imediatamente fuzilada."

Dez anos depois daquela primeira execução, Shin retornou à mesma plantação. Mais uma vez, uma grande multidão se reunia. Mais uma vez, um poste de madeira havia sido fincado no chão. Uma forca improvisada também fora construída.

Dessa vez, Shin chegou no banco de trás de um carro conduzido por um guarda. Usava algemas e uma venda feita com um trapo. Seu pai, também algemado e vendado, estava sentado a seu lado no carro.

Os dois haviam sido libertados depois de oito meses numa prisão subterrânea dentro do Campo 14. Como condição para sua libertação, tinham assinado documentos prometendo nunca mencionar o que lhes acontecera no subsolo.

Nessa prisão dentro de uma prisão, guardas tentaram arrancar, por meio de torturas, uma confissão de Shin e do pai. Queriam informações sobre a fuga frustrada da mãe e de seu único irmão. Despiram o garoto, amarraram-lhe os tornozelos e punhos com cordas e penduraram-no num gancho preso ao teto. Baixaram-no sobre uma fogueira. Ele desmaiou quando sua carne começou a queimar.

Mas não confessou nada. Nada tinha para confessar. Não conspirara para fugir com a mãe e o irmão. Acreditava no que os guardas lhe ensinaram desde que havia nascido, no campo: jamais poderia fugir e deveria denunciar quem quer que cogitasse o assunto. Nem em sonhos fantasiara sobre a vida lá fora.

Nunca lhe ensinaram o que todo norte-coreano que frequenta a escola aprende: os americanos são “canalhas” que conspiram para invadir e humilhar a pátria. A Coreia do Sul é a “puta” de seu patrão americano. A Coreia do Norte é um país grandioso cujos líderes corajosos e brilhantes são a inveja do mundo. Na verdade, ele ignorava a existência da Coreia do Sul, da China ou dos Estados Unidos.

Ao contrário de seus compatriotas, Shin não cresceu com a onipresente fotografia do Querido Líder, como Kim Jong Il era chamado. Nem tinha visto fotografias ou estátuas do pai de Kim, Kim Il Sung, o Grande Líder que fundou a Coreia do Norte e que continua a ser o Eterno Presidente do país, apesar de sua morte em 1994.

Embora não fosse suficientemente importante para merecer uma lavagem cerebral, Shin fora instruído a delatar seus familiares e os colegas de turma. Ganhava comida como recompensa e juntava-se aos guardas para surrar as crianças que traía. Seus colegas de turma, por sua vez, mexericavam sobre ele e o surravam.

———

Quando um guarda tirou-lhe a venda e ele viu a multidão, o poste de madeira e a forca, Shin acreditou que estava prestes a ser executado.

Mas não lhe enfiaram nenhum seixo na boca. As algemas foram removidas. Um guarda o levou para a frente. Ele e o pai seriam espectadores.

Os guardas arrastaram uma mulher de meia-idade até a forca e amarraram um rapaz no poste de madeira. Eles eram a mãe e o irmão mais velho de Shin.

Um guarda apertou um nó corrediço em volta do pescoço da mulher. Ela tentou

capturar o olhar de Shin. Ele desviou os olhos. Depois que a mãe parou de se contorcer na ponta da corda, seu filho mais velho foi fuzilado por três guardas. Cada um atirou três vezes.

Enquanto os via morrer, Shin sentia-se aliviado por não estar em seu lugar. Estava zangado com a mãe e o irmão por planejarem uma fuga. Embora não tenha sido capaz de admitir aquilo para ninguém durante 15 anos, Shin sabia que era o responsável por aquelas execuções.

INTRODUÇÃO

NUNCA OUVIU A PALAVRA "AMOR"

Nove anos depois do enforcamento de sua mãe, Shin contorceu-se para atravessar uma cerca elétrica e saiu correndo pela neve. Era o dia 2 de janeiro de 2005. Até então, nenhuma pessoa nascida em um campo de prisioneiros políticos na Coreia do Norte havia conseguido fugir. Até onde é possível averiguar, ele ainda é o único que teve êxito.

Tinha 23 anos de idade e não conhecia ninguém do lado de fora da cerca.

Depois de um mês, ele entrou na China, a pé. Em 2007, dois anos após a fuga, estava vivendo na Coreia do Sul. Quatro anos mais tarde, morava no Sul da Califórnia e era um embaixador sênior da Liberty in North Korea (LiNK; Liberdade na Coreia do Norte), um grupo americano de defesa dos direitos humanos.

Na Califórnia, ele ia trabalhar de bicicleta, torcia para o time de beisebol Cleveland Indians (por causa do batedor sul-coreano, Shin-Soo Choo) e comia duas ou três vezes por semana no In-N-Out Burger, que, a seu ver, tinha o melhor hambúrguer do mundo.

Seu nome agora é Shin Dong-hyuk.* Ele fez a alteração depois de chegar à Coreia do Sul, numa tentativa de se reinventar como um homem livre. É bonito, com olhos vivos, desconfiados. Um dentista de Los Angeles tratou de seus dentes, que não podiam ser escovados no cativeiro. Sua saúde física geral é excelente. O corpo, porém, é um verdadeiro mapa dos sofrimentos que decorrem de se crescer num campo de trabalhos forçados cuja existência o governo da Coreia do Norte insiste em negar.

Tolhido pela desnutrição, ele é baixo e franzino — 1,67 metro e 54,5 quilos. O trabalho infantil deixou-lhe com braços arqueados. A parte inferior das costas e as nádegas têm cicatrizes das queimaduras infligidas pelo fogo do torturador. A pele sobre o púbis exibe a cicatriz da perfuração feita pelo gancho usado para prendê-lo sobre as chamas. Os tornozelos têm marcas de correntes que serviram para pendurá-lo de cabeça para baixo na solitária. O dedo médio da mão direita foi cortado na altura da primeira articulação, punição que recebeu de um guarda por derrubar uma máquina de costura numa fábrica de roupas do campo. As canelas, do tornozelo até o joelho, em ambas as pernas, são mutiladas e marcadas por cicatrizes de queimaduras provocadas pela cerca de arame farpado eletrificada que não foi capaz de mantê-lo no interior do Campo 14.

Shin tem mais ou menos a mesma idade que Kim Jong Eun, o gorducho terceiro

filho de Kim Jong Il que assumiu o comando depois da morte de seu pai em 2011. Como contemporâneos, os dois personificam os antípodas de privilégio e privação na Coreia do Norte, uma sociedade pretensamente sem classes onde, na realidade, a criação e a linhagem determinam tudo.

Kim Jong Eun nasceu como um príncipe comunista e foi criado atrás das paredes de palácios. Foi educado sob um nome falso na Suíça e, de volta à Coreia do Norte, estudou numa universidade de elite que tem o nome de seu avô. Graças a sua estirpe, vive acima da lei. Para ele, tudo é possível. Em 2010, foi nomeado general de quatro estrelas do Exército do Povo Coreano, apesar da completa falta de experiência de campo nas forças armadas. Um ano depois, após a morte de seu pai, vitimado por um súbito ataque cardíaco, os meios de comunicação da Coreia do Norte o descreviam como "outro líder vindo do céu". Porém, ele talvez seja obrigado a compartilhar sua ditadura terrena com parentes e autoridades militares.

Shin nasceu como escravo e foi criado atrás de uma cerca de arame farpado de alta voltagem. Numa escola do campo de trabalhos forçados, aprendeu a ler e a contar num nível rudimentar. Por ter o sangue maculado pelos supostos crimes dos irmãos de seu pai, não tinha nenhum dos direitos assegurados pela lei. Para ele, nada era possível. O plano de carreira que o Estado lhe prescrevia era trabalho árduo e uma morte prematura causada por alguma doença acarretada pela fome crônica — tudo isso sem uma acusação, um julgamento ou um recurso. E tudo em sigilo.

———

Nas histórias de sobreviventes a campos de concentração, há um arco narrativo recorrente. Forças de segurança roubam o protagonista de uma família amorosa e de um lar confortável. Para sobreviver, ele abandona princípios morais, reprime sentimentos por outras pessoas e deixa de ser um ser humano civilizado.

Em *A noite*, talvez a mais célebre dessas histórias, escrita por Elie Wiesel, ganhador do prêmio Nobel, o narrador de 13 anos explica seu tormento com uma descrição da vida normal que ele e a família levavam antes de serem socados em trens destinados aos campos da morte nazistas. Wiesel estudava o Talmude diariamente. Seu pai era dono de uma loja e zelava pela aldeia em que moravam na Romênia. O avô estava sempre presente para celebrar os feriados judaicos. Mas, depois que toda a família pereceu nos campos, Wiesel foi deixado "só, terrivelmente só, num mundo sem Deus, sem homem. Sem amor ou misericórdia".

A história de sobrevivência de Shin é diferente.

A mãe o surrava, e ele a via como alguém que competia com ele pela comida. O pai, que só tinha permissão para dormir com a mulher cinco noites por ano, o ignorava. O irmão era um desconhecido. Truculentas, as crianças do campo não mereciam confiança. Antes de aprender qualquer outra coisa, ele aprendeu a

sobreviver delatando todas elas.

Amor, misericórdia e família eram palavras sem significado. Deus não desapareceu ou morreu. Shin nunca ouvira falar dele.

No prefácio de A noite, Wiesel escreveu que o conhecimento de um adolescente sobre a morte e o mal "deveria ser limitado ao que se descobre na literatura".

No Campo 14, Shin não sabia da existência da literatura. Lá, viu apenas um livro — uma gramática coreana, nas mãos de um professor que usava uniforme de guarda, carregava um revólver no quadril e que surrou até a morte uma colega da escola primária de Shin com uma vara usada para apontar o que escrevia no quadro-negro.

Ao contrário dos sobreviventes a um campo de concentração, Shin não foi arrancado de uma existência civilizada e obrigado a descer ao inferno. Ele nasceu e cresceu lá dentro. Aceitava seus valores. Chamava-o de lar.

Os campos de trabalhos forçados da Coreia do Norte já duram duas vezes mais tempo que o Gulag soviético e cerca de 12 vezes mais que os campos de concentração nazistas. Não há controvérsia sobre sua localização. Fotografias de alta resolução, feitas por satélites, acessíveis no Google Earth para qualquer pessoa que tenha uma conexão à internet, mostram vastas áreas cercadas que se esparramam entre as montanhas escarpadas da Coreia do Norte.

O governo da Coreia do Sul estima que eles abrigam cerca de 154 mil prisioneiros, enquanto o Departamento de Estado dos Estados Unidos e vários grupos de defesa dos direitos humanos calculam que sejam nada menos que duzentos mil. Após examinar uma década de imagens dos campos feitas por satélites, a Anistia Internacional observou novas construções dentro deles em 2011 e passou a temer que a população de prisioneiros estivesse aumentando, talvez para conter uma possível inquietação no momento em que o poder começou a ser transferido de Kim Jong Il para seu filho, jovem e inexperiente.[1]

De acordo com o serviço de inteligência da Coreia do Sul e grupos de direitos humanos, existem seis campos. O mais extenso tem dois mil quilômetros quadrados, uma área maior que a da cidade de Los Angeles. Cercas de arame farpado eletrificadas — pontuadas por torres de vigilância e patrulhadas por homens armados — contornam a maior parte dos campos. Dois deles, os de número 15 e 18, têm zonas de reeducação, onde alguns detentos afortunados recebem instrução corretiva sobre os ensinamentos de Kim Jong Il e Kim Il Sung. Caso as memorizem o bastante e convençam os guardas de sua lealdade, eles podem ser libertados, mas são monitorados pelo resto de suas vidas por serviços de segurança do Estado.

Os demais campos são "distritos de controle total", onde os prisioneiros,

chamados de "irredimíveis",[2] trabalham até a morte.

O campo de Shin, de número 14, é um distrito de controle total. Tem a reputação de ser o mais duro de todos em razão das condições de trabalho particularmente brutais ali vigentes, da vigilância de seus guardas e da visão implacável do Estado sobre a gravidade dos crimes cometidos por seus detentos, muitos dos quais são membros expurgados do partido no poder, do governo e das forças armadas, assim como suas famílias. Fundado em 1959, no centro da Coreia do Norte — perto de Kaechon, na província de Pyongan do Sul —, o Campo 14 abriga cerca de 15 mil prisioneiros. Em uma área com cerca de cinquenta quilômetros de comprimento por 25 quilômetros de largura, ele abriga fazendas, minas e fábricas distribuídas por vales íngremes.

Embora Shin tenha sido a única pessoa nascida num campo de trabalhos forçados a escapar para contar a história, há pelo menos outras 26 testemunhas oculares no mundo livre.[3] Elas incluem pelo menos 15 norte-coreanos que estiveram presos no distrito de edificação do Campo 15, foram libertados e mais tarde apareceram na Coreia do Sul. Ex-guardas de outros campos também conseguiram chegar à Coreia do Sul. Kim Yong, um ex-tenente-coronel de Pyongyang, de origem privilegiada, passou seis anos em dois campos antes de fugir num trem usado para o transporte de carvão.

Uma síntese dos testemunhos dessas pessoas, feita pela Associação Coreana dos Advogados em Seul, traça um quadro detalhado da vida cotidiana nos campos: todos os anos, alguns prisioneiros são executados em público. Outros são surrados até a morte ou secretamente assassinados por guardas, que praticamente têm carta branca para maltratá-los e estuprá-los. Em sua maioria, os detentos trabalham na agricultura, na extração de carvão, na confecção de uniformes militares ou na fabricação de cimento, subsistindo com uma dieta de fome de milho, repolho e sal. Perdem os dentes, as gengivas ficam pretas, os ossos se enfraquecem, e, quando chegam à casa dos quarenta anos, ficam arqueados na altura da cintura. Como recebem um conjunto de roupas uma ou duas vezes por ano, em geral eles trabalham e dormem vestindo trapos imundos, levando a vida sem sabão, nem meias, luvas, roupas de baixo ou papel higiênico. Jornadas de trabalho de 12 a 15 horas são obrigatórias até que os prisioneiros morram, em geral de doenças relacionadas à desnutrição, antes de completar cinquenta anos.[4] Embora seja impossível obter números precisos, governos de países ocidentais e grupos de direitos humanos estimam que centenas de milhares de pessoas pereceram nesses campos.

Na maioria dos casos, os norte-coreanos são enviados para os campos sem nenhum processo judicial, e muitos morrem sem saber do que foram acusados. São retirados de suas casas, em geral à noite, pela Bowibu, a Agência de Segurança Nacional. A culpa por associação é legal na Coreia do Norte. Muitas vezes um transgressor é preso com os pais e os filhos. Kim Il Sung estabeleceu a lei em 1972: "Inimigos de classe, sejam eles quem forem, devem ter sua semente

eliminada por três gerações.”

Encontrei-me pela primeira vez com Shin num almoço no inverno de 2008. Marcamos num restaurante no centro de Seul. Falante e faminto, ele devorou várias porções de arroz e carne bovina. Enquanto comia, contou-me, com a ajuda de um intérprete, como foi observar o enforcamento de sua mãe. Culpou-a pela tortura que sofreu e fez questão de acrescentar que ainda estava furioso. Disse que não tinha sido um “bom filho”, mas não quis explicar por quê.

Contou que, durante os anos que passou no campo, nunca ouviu a palavra “amor”, nem mesmo da boca de sua mãe, uma mulher a quem continuava a desprezar, mesmo morta. Ouvira falar sobre o conceito de perdão numa igreja sul-coreana. Mas ele se confundia. Pedir perdão no Campo 14, disse ele, era a mesma coisa que “implorar para não ser punido”.

Ele tinha escrito um livro de memórias, mas a obra recebeu pouca atenção na Coreia do Sul. Estava desempregado, sem dinheiro, com aluguel vencido e sem saber o que fazer em seguida. As regras do Campo 14 o proibiram, sob pena de fuzilamento, de manter relações íntimas com uma mulher. Agora, queria uma namorada, mas não sabia como começar a procurar.

Depois do almoço, Shin levou-me ao apartamento acanhado e triste pelo qual não tinha condições de pagar. Embora não me olhasse nos olhos, mostrou-me o dedo amputado e as costas marcadas. Permitiu-me fotografá-lo. Apesar de todas as misérias que suportara, tinha um rosto de criança. Estava com 26 anos — três deles passados fora do Campo 14.

Eu tinha 56 anos por ocasião desse memorável almoço. Como correspondente do Washington Post no Nordeste da Ásia, vinha procurando havia mais de um ano uma reportagem que pudesse explicar de que maneira a Coreia do Norte usava a repressão para evitar sua desintegração.

A implosão política tornara-se minha especialidade. Para o Post e o New York Times, passei quase três décadas cobrindo estados falidos na África, o colapso do comunismo no Leste Europeu, a desintegração da Iugoslávia e o apodrecimento em câmara lenta de Mianmar sob os generais. Para quem via de fora, a Coreia do Norte parecia madura — na verdade, madura demais — para o tipo de colapso que eu testemunhara em outros lugares. Numa parte do mundo em que quase todos os outros países enriqueciam, seu povo via-se cada vez mais isolado, pobre e faminto.

Mesmo assim, a dinastia da família Kim mantinha a situação sob controle. A repressão totalitária preservava seu Estado falido.

Meu problema para mostrar o que o governo fazia era a falta de acesso. Em outras partes do mundo, Estados repressivos nem sempre conseguiam vedar suas fronteiras. Pude trabalhar abertamente na Etiópia de Mengistu, no Congo de

Mobutu e na Sérvia de Milosevic, e entrei disfarçado de turista em Mianmar para escrever sobre o país.

A Coreia do Norte era muito mais cautelosa. Repórteres estrangeiros, em especial americanos, raramente eram admitidos. Visitei-a apenas uma vez, vi o que meus acompanhantes queriam que eu visse e pouco aprendi. Se entrassem ilegalmente, os jornalistas corriam o risco de passar meses na prisão, como espiões. Para ganhar a liberdade, precisavam por vezes da ajuda de um ex-presidente americano.[5]

Dadas essas restrições, os relatos sobre o país eram, em sua maior parte, distantes e ocos. Escritas de Seul, Tóquio ou Pequim, as reportagens começavam com um relato da última provocação de Pyongyang, como afundar um navio ou fuzilar um turista. Depois as enfadonhas convenções do jornalismo entravam em jogo: autoridades americanas e sul-coreanas expressavam indignação. Autoridades chinesas exigiam moderação. Especialistas opinavam sobre o que isso poderia significar. Excedi minha cota desse tipo de matéria.

Shin, entretanto, destruiu essas convenções. Sua vida destrancava a porta, permitindo que o mundo exterior enxergasse como a família Kim se sustentava mediante escravidão infantil e assassinato. Alguns dias após o nosso encontro, a simpática foto de Shin e sua consternadora história ocuparam um lugar de destaque na primeira página do Washington Post.

"Puxa!", escreveu Donald G. Graham, presidente da Washington Post Company, num e-mail de uma só palavra que recebi na manhã após a publicação da matéria. Um cineasta alemão, que visitou por acaso o Museu Memorial do Holocausto de Washington no dia em que a reportagem foi publicada, decidiu fazer um documentário sobre a vida de Shin. O Washington Post publicou um editorial dizendo que a brutalidade suportada por ele era horripilante, mas a indiferença do mundo à existência dos campos de trabalhos forçados da Coreia do Norte era igualmente horripilante.

"Estudantes secundaristas nos Estados Unidos discutem por que o presidente Franklin D. Roosevelt não bombardeou as ferrovias que serviam aos campos de concentração de Hitler", concluía o editorial. "Daqui a uma geração, as crianças poderão perguntar por que o Ocidente olhou fixamente para imagens de satélite dos campos de Kim Jong Il, muito mais nítidas, e nada fez."

A história de Shin comoveu profundamente os leitores comuns. Eles escreveram cartas e enviaram e-mails oferecendo dinheiro, hospedagem e preces.

Um casal de Columbus, Ohio, viu a reportagem, localizou Shin e pagou sua viagem para os Estados Unidos. Lowell e Linda Dye lhe disseram que queriam ser para ele os pais que nunca tivera.

Em Seattle, Harim Lee, uma jovem americana de origem coreana, leu a reportagem e rezou para conhecer Shin um dia. Mais tarde, ela o procurou no Sul da Califórnia e os dois se apaixonaram. Meu artigo havia apenas roçado a superfície da vida do rapaz. Ocorreu-me que um relato mais profundo revelaria o

mecanismo secreto que legitima o governo totalitário na Coreia do Norte. Mostraria também — através dos detalhes da improvável fuga de Shin — como parte desse mecanismo opressivo está sucumbindo, permitindo a um inexperiente e jovem fugitivo vagar sem ser detectado por um Estado policial e cruzar a fronteira com a China. De igual importância seria o fato de que ninguém poderia ignorar a existência dos campos depois de ler um livro sobre um jovem preparado pela Coreia do Norte para morrer de tanto trabalhar.

Perguntei a Shin se estaria interessado. Ele levou nove meses para chegar a uma decisão. Durante esse tempo, ativistas dos direitos humanos na Coreia do Sul, no Japão e nos Estados Unidos exortaram-no a cooperar, dizendo-lhe que um livro em inglês despertaria uma consciência mundial, aumentaria a pressão internacional sobre a Coreia do Norte e talvez lhe permitisse ganhar um pouco do dinheiro de que tanto necessitava. Depois que aceitou, Shin tornou-se disponível para sete rodadas de entrevistas, primeiro em Seul, depois em Torrance, na Califórnia, e por fim em Seattle, no estado de Washington. Ele e eu concordamos em dividir em partes iguais todo o faturamento do livro. Nosso acordo, porém, me deu controle sobre o conteúdo.

Shin começou a manter um diário no início de 2006, cerca de um ano depois de fugir da Coreia do Norte. Em Seul, quando foi hospitalizado com depressão, continuou a escrevê-lo. O diário tornou-se a base para um livro de memórias em coreano, Escape to the Outside World (Fuga para o mundo exterior), publicado em Seul em 2007 pelo Database Center for North Korean Human Rights (Centro de Dados para os Direitos Humanos na Coreia do Norte).

As memórias foram o ponto de partida para nossas entrevistas. Foram também a fonte de muitas das citações diretas atribuídas neste livro a Shin, sua família, amigos e carcereiros no tempo que ele passou na Coreia do Norte e na China. Mas todos os pensamentos e ações atribuídos a Shin nestas páginas baseiam-se em múltiplas entrevistas, durante as quais ele esmiuçou e, em muitos casos decisivos, corrigiu seu livro de memórias.

Ao mesmo tempo em que cooperava, Shin parecia ter receio de falar comigo. Muitas vezes senti-me como um dentista usando a broca sem anestesia. A broca funcionou de maneira intermitente por mais de dois anos. Algumas de nossas sessões foram catárticas para ele; muitas outras o deixaram deprimido.

Ele se esforçava para confiar em mim. Como admite prontamente, tem que se esforçar para confiar em qualquer pessoa. É uma consequência inevitável do modo como foi criado. Foi ensinado pelos guardas a trair os pais e os amigos, e ele supõe que todo mundo que conhece o trairá, da mesma forma.

Ao escrever este livro, precisei, por vezes, me esforçar para confiar em Shin. Em nossa primeira entrevista, ele me induziu ao erro sobre seu papel na morte da mãe, e continuou a fazê-lo em mais de uma dúzia delas. Quando mudou a história, comecei a me preocupar com o que mais ele poderia ter inventado.

A verificação de fatos não é possível na Coreia do Norte. Nenhum estrangeiro

visitou seus campos para prisioneiros políticos. Relatos sobre o que se passa dentro deles não podem ser confirmados de maneira independente. Embora imagens de satélite tenham contribuído muito para que o mundo exterior entenda mais sobre os campos, os desertores continuam sendo as principais fontes de informação. Suas motivações e seu grau de credibilidade não são imaculados. Na Coreia do Sul e em outros lugares, eles se encontram muitas vezes desesperados para ganhar a vida, dispostos a confirmar as ideias preconcebidas dos ativistas dos direitos humanos, dos missionários anticomunistas e dos ideólogos de direita. Alguns sobreviventes de campos recusam-se a falar sem receber dinheiro vivo antecipadamente. Outros repetem episódios impressionantes de que ouviram falar, mas que não testemunharam em primeira mão.

Embora permanecesse desconfiado, Shin respondeu a todas as perguntas que fui capaz de conceber sobre seu passado. Sua vida pode parecer inacreditável, mas faz eco às experiências de outros ex-prisioneiros nos campos, bem como aos relatos de ex-guardas dos campos.

"Tudo que Shin disse é compatível com o que ouvi sobre os campos", afirmou David Hawk, um especialista em direitos humanos que entrevistou Shin e mais de duas dezenas de ex-prisioneiros de campos de trabalhos forçados para "The Hidden Gulag: Exposing North Korea's Prison Camps" (O Gulag oculto: denunciando os campos de prisioneiros da Coreia do Norte), um relatório que associa relatos de sobreviventes a imagens de satélite. Ele foi publicado pela primeira vez em 2003 pelo Comitê Norte-Americano pelos Direitos Humanos na Coreia do Norte e atualizado à medida que mais testemunhos e mais imagens de alta resolução se tornaram disponíveis. Hawk explicou-me que, por ter nascido e crescido num campo, Shin sabe de coisas que outros sobreviventes desconhecem. A história que ele contou foi também cuidadosamente examinada pelos autores do "White Paper on Human Rights in North Korea" (Relatório sobre os direitos humanos na Coreia do Norte) da Associação Coreana dos Advogados. Eles conduziram extensas entrevistas com Shin, bem como com outros sobreviventes conhecidos que se dispuseram a falar. Como Hawk escreveu, a única maneira que a Coreia do Norte teria para "refutar, contradizer ou invalidar" o testemunho de Shin e de outros sobre os campos seria permitir que especialistas estrangeiros os visitassem. Caso contrário, declara Hawk, o testemunho deles se mantém.

Se o país de fato desmoronar, Shin talvez esteja correto ao prever que seus líderes, temendo julgamentos por crimes de guerra, demolirão os campos antes que investigadores consigam chegar até eles. Como Kim Jong Il explicou: "Devemos envolver nosso ambiente num denso nevoeiro para impedir que nossos inimigos aprendam qualquer coisa sobre nós."[6]

Para tentar reunir num todo coerente o que eu não podia ver, passei muito tempo durante três anos escrevendo sobre as forças armadas, a liderança, a economia, a escassez de alimentos e os abusos contra os direitos humanos na Coreia do Norte. Entrevistei um grande número de desertores, inclusive três ex-

detentos do Campo 15 e um ex-guarda e motorista que serviu em quatro campos de trabalhos forçados. Conversei com estudiosos e tecnocratas sul-coreanos que viajam regularmente para a Coreia do Norte e examinei o crescente corpo de pesquisas acadêmicas e memórias pessoais que versam sobre os campos. Nos Estados Unidos, conduzi longas entrevistas com americanos de origem coreana que se tornaram os amigos mais chegados de Shin.

Ao avaliar a história aqui relatada, é preciso ter em mente que muitos outros presos passaram por adversidades semelhantes ou piores, segundo An Myeong Chul, o ex-guarda e motorista. "Shin teve uma vida relativamente confortável pelos padrões de outras crianças nos campos", disse ele.

Ao explodir bombas nucleares, atacar a Coreia do Sul e cultivar uma reputação de beligerância desencadeada ao menor estímulo, o governo da Coreia do Norte provocou uma situação semipermanente de emergência de segurança na península coreana.

Todas as vezes que se dignou a participar da diplomacia internacional, a Coreia do Norte conseguiu excluir os direitos humanos das pautas de discussão. A administração de crises, em geral concentrada em armas nucleares e mísseis, dominou as negociações americanas com o país.

Os campos de trabalhos forçados foram uma reflexão posterior.

"Conversar com eles sobre os campos é algo que ainda não foi possível", disse-me David Straub, que trabalhou no Departamento de Estado durante os anos Clinton e Bush como funcionário graduado responsável pela política com a Coreia do Norte. "Eles ficam doidos quando se fala no assunto."

Os campos mal alfinetaram a consciência coletiva do mundo. Nos Estados Unidos, apesar de notícias nos jornais, a ignorância sobre sua existência continua muito difundida. Durante vários anos em Washington, uma meia dúzia de desertores e sobreviventes de campos da Coreia do Norte reunia-se toda primavera para discursos e passeatas. A imprensa da capital dava-lhes pouca atenção. Parte da razão era a língua. A maioria dos desertores só falava coreano. De igual importância, numa cultura de mídia que se alimenta da celebridade, era o fato de nenhum astro de cinema, nenhum ídolo pop, nenhum ganhador do prêmio Nobel dar um passo à frente para pedir um investimento emocional numa questão distante, que não seria capaz de render boas imagens.

"Os tibetanos têm o Dalai Lama e Richard Gere, os mianmarenses têm Aung San Suu Kyi, os darfurianos têm Mia Farrow e George Clooney", disse-me Suzanne Scholte, uma ativista de longa data que levou sobreviventes de campos para Washington. "Os norte-coreanos não têm ninguém assim."

Shin me disse que não merece falar pelas dezenas de milhares que continuam

nos campos. Envergonha-se do que fez para sobreviver e fugir. Resistiu a aprender inglês, em parte porque não quer contar sua história muitas e muitas vezes numa língua que poderia torná-lo importante. Mas quer desesperadamente que o mundo compreenda o que a Coreia do Norte tentou esconder com tanta diligência. Carrega um grande peso. Nenhuma outra pessoa nascida e criada nos campos fugiu para explicar o que acontecia lá dentro — o que ainda acontece lá dentro.

* Os nomes norte-coreanos não têm hifens, os sul-coreanos têm.

CAPÍTULO 1

O MENINO QUE COMIA O ALMOÇO DA MÃE

Shin morava com a mãe nos melhores alojamentos que o Campo 14 tinha a oferecer: uma "aldeia-modelo" próxima de um pomar e bem em frente à plantação de trigo onde ela foi enforcada mais tarde.

Cada uma das quarenta construções de um pavimento da aldeia abrigava quatro famílias. Shin e a mãe tinham um quarto só para si, onde dormiam lado a lado num piso de concreto. As quatro famílias compartilhavam uma cozinha comunitária, com uma única lâmpada descoberta. Havia eletricidade por duas horas ao dia, das quatro às cinco da manhã e das dez às 11 da noite. As janelas eram feitas de vinil cinza, opaco demais para se ver através dele. Os quartos eram aquecidos — à moda coreana — por uma fogueira de carvão na cozinha com tubos condutores que passavam sob o piso dos quartos. O campo tinha suas próprias minas de carvão e havia disponibilidade de combustível para o aquecimento.

Não existiam camas, cadeiras ou mesas. Não havia água corrente. Nenhum banheiro ou chuveiro. No verão, os prisioneiros que desejavam se banhar às vezes iam furtivamente até o rio. Cerca de trinta famílias se serviam do mesmo poço de água potável. Compartilhavam também uma latrina, dividida ao meio para homens e mulheres. Era obrigatório defecar e urinar ali, porque os excrementos humanos eram usados como fertilizante na fazenda do campo.

Nas ocasiões em que conseguia cumprir sua cota diária de trabalho, a mãe de Shin podia levar comida para aquela noite e o dia seguinte. Às quatro da manhã, ela preparava o desjejum e o almoço para o filho e para si. Todas as refeições eram iguais: mingau de milho, repolho na salmoura e sopa de repolho. Shin comeu essa refeição praticamente todos os dias durante 23 anos, a menos que fosse punido e impedido de comer.

Quando ele ainda não tinha idade para ir à escola, sua mãe muitas vezes o deixava sozinho em casa, pela manhã, e voltava dos campos ao meio-dia para o almoço. Sempre esfomeado, o menino comia seu almoço assim que a mãe saía para o trabalho.

Também comia o almoço dela.

Quando a mãe voltava ao meio-dia e não encontrava nada para comer, ficava furiosa e batia no filho com uma enxada, uma pá, qualquer coisa que lhe estivesse à mão. Algumas surras foram tão violentas quanto as que ele recebeu mais tarde dos guardas.

Apesar disso, o menino pegava toda a comida da mãe que podia, sempre que conseguia. Não lhe ocorria que, se comesse o almoço dela, a mãe passaria fome. Muitos anos depois, quando ela estava morta e ele morava nos Estados Unidos, Shin me disse que a amava. Mas isso era resultado de uma retrospecção. Isso foi depois que ele aprendeu que uma criança civilizada devia amar sua mãe. Quando estava no campo — dependendo dela para todas as refeições, furtando sua comida, suportando as surras —, ele a encarava como uma adversária na luta pela sobrevivência.

Seu nome era Jang Hye Gyung. Shin lembra-se dela como baixa e ligeiramente rechonchuda, com braços fortes. Usava o cabelo curto, como todas as mulheres no campo, e era obrigada a cobrir a cabeça com um pano branco dobrado num triângulo e amarrado na nuca. Shin descobriu a data de nascimento dela — 1º de outubro de 1950 — num documento que viu durante um interrogatório na prisão subterrânea.

Ela nunca lhe falou sobre seu passado, sobre sua família, ou sobre por que estava no campo, e ele nunca perguntou. Sua existência como filho dela fora arranjada pelos guardas. Ela e o homem que se tornou pai de Shin foram selecionados para premiar um ao outro, num casamento de "recompensa".

Homens e mulheres solteiros viviam em dormitórios segregados por sexo. A oitava regra do Campo 14, que Shin teve de memorizar, dizia: "Caso ocorra contato físico sexual sem prévia aprovação, os perpetradores serão fuzilados imediatamente."

As regras eram as mesmas em outros campos de trabalhos forçados norte-coreanos. Segundo minhas entrevistas com um ex-guarda e vários ex-prisioneiros, se o sexo não autorizado resultasse numa gravidez ou num nascimento, a mulher e seu bebê, em geral, eram mortos. Eles disseram que as mulheres que faziam sexo com guardas, na tentativa de obter mais comida ou de arranjar um trabalho mais fácil, sabiam que os riscos eram altos. Se engravidassem, elas desapareciam.

Um casamento por recompensa era a única maneira segura de contornar a regra de abstenção do sexo. Acenava-se aos prisioneiros com o casamento como o bônus supremo por trabalho árduo e delação confiável. Os homens tornavam-se elegíveis aos 25 anos; as mulheres, aos 23. Os guardas anunciavam casamentos três ou quatro vezes por ano, geralmente em datas propícias, como o Ano-Novo ou o dia do aniversário de Kim Jong Il. Nem o noivo nem a noiva tinham muita voz na escolha da pessoa com quem se casariam. Se um parceiro considerasse o cônjuge que lhe fora designado inaceitavelmente velho, cruel ou feio, os guardas por vezes anulavam o casamento. Nesse caso, porém, nem o homem nem a mulher teriam nova permissão para se casar.

O pai de Shin, Shin Gyung Sub, contou que os guardas lhe deram Jang como pagamento por sua habilidade na operação de um torno de metal na oficina mecânica do campo. A mãe nunca revelou como fez jus àquela honra.

Mas para Jang, como para muitas noivas no campo, o casamento era uma

espécie de promoção. Ele vinha com um emprego ligeiramente melhor e melhor moradia — na aldeia-modelo, onde havia uma escola e uma clínica médica. Pouco após seu casamento, ela deixou um dormitório apinhado de mulheres na fábrica de roupas do campo e foi transferida para lá. Ganhou também um cobiçado cargo numa fazenda próxima, onde havia oportunidades de furtar milho, arroz e verduras.

Após o casamento, o casal teve permissão para dormir junto durante cinco noites consecutivas. Dali em diante, o pai de Shin, que continuou a morar num dormitório em seu local de trabalho, passou a ter licença para visitar Jang algumas vezes por ano. A ligação de ambos produziu dois filhos. O mais velho, He Geun, nasceu em 1974. Shin nasceu oito anos depois.

Os irmãos mal se conheciam. Na época em que Shin nasceu, o mais velho passava dez horas por dia numa escola primária. Quando Shin completou quatro anos, o irmão foi removido (na idade obrigatória de 12 anos) de casa para um dormitório.

Quanto a seu pai, Shin lembra-se de que ele aparecia de vez em quando à noite e ia embora cedo, na manhã seguinte. Dava pouca atenção ao menino, que cresceu indiferente a sua presença.

Nos anos que se seguiram à fuga do campo, Shin aprendeu que muitas pessoas associavam carinho, segurança e afeto às palavras "mãe", "pai" e "irmão". Essa não era a sua experiência. Os guardas ensinavam para ele e as demais crianças que elas eram prisioneiras por causa dos "pecados" de seus pais. As crianças ouviam que, embora devessem sempre se envergonhar de seu sangue traiçoeiro, poderiam fazer muito para "lavar" sua herança pecaminosa trabalhando com afinco, obedecendo aos guardas e delatando os próprios pais. A décima regra do Campo 14 diz que um prisioneiro deve considerar cada guarda "seu verdadeiro mestre". Isso fazia sentido para Shin. Durante sua infância e adolescência, os pais foram pessoas exaustas, distantes e pouco comunicativas.

Shin era uma criança magricela, pouco curiosa e basicamente sem amigos, cuja única fonte de certeza eram os sermões sobre a redenção por meio da delação. Sua compreensão do certo e do errado, porém, era muitas vezes obscurecida por encontros que testemunhava entre a mãe e os guardas do campo.

Quando tinha dez anos, ele saiu de casa uma noite, à procura da mãe. Estava com fome e era a hora em que ela devia preparar o jantar. Andou até o arrozal próximo onde ela trabalhava e perguntou a uma mulher se a vira.

— Ela está limpando a sala do bowijidowon — disse-lhe a mulher, referindo-se ao escritório do guarda encarregado da fazenda de arroz.

Shin foi até o local e encontrou a porta da frente trancada. Espiou por uma janela na lateral do prédio. Viu a mãe de joelhos limpando o chão. Enquanto ele olhava, o bowijidowon aproximou-se dela por trás e começou a apalpá-la. Ela não ofereceu resistência. Os dois tiraram as roupas. Shin os viu fazer sexo.

Ele nunca questionou sua mãe sobre o episódio, nem mencionou para o pai o que viu.

Naquele mesmo ano, alunos da turma de Shin na escola primária foram solicitados a oferecer ajuda aos pais no trabalho. Certa manhã, ele se juntou à mãe para plantar mudas de arroz. Ela parecia não se sentir bem e atrasou-se na tarefa. Um pouco antes do intervalo para o almoço, seu ritmo lento chamou a atenção de um guarda.

— Sua puta — ele gritou para ela.

"Puta" era a forma de tratamento dispensada habitualmente às prisioneiras. Shin e os outros prisioneiros do sexo masculino eram chamados em geral de "filhos da puta".

— Como é capaz de encher a barriga quando não consegue nem plantar arroz? — perguntou o guarda.

Ela se desculpou, mas o guarda foi ficando cada vez mais irritado.

— Essa puta não se emenda — gritou ele.

Enquanto Shin estava parado junto da mãe, o guarda inventou uma punição.

— Vá se ajoelhar naquele cimo e levante os braços. Fique nessa posição até que eu volte do almoço.

A mãe de Shin ficou ajoelhada sobre o cimo, ao sol, por uma hora e meia, com os braços estendidos para o céu. O menino manteve-se por perto e observou. Não sabia o que dizer a ela. Não disse nada.

Quando o guarda voltou, mandou a mulher retomar o trabalho. Fraca e faminta, ela desmaiou no meio da tarde. Shin correu até o guarda, suplicando-lhe ajuda. Outras trabalhadoras arrastaram sua mãe até uma sombra, onde ela recobrou a consciência.

Nessa noite, Shin foi com a mãe a uma reunião de "luta ideológica", um encontro compulsório para autocrítica. Lá, ela caiu de joelhos novamente, enquanto quarenta de suas colegas de trabalho na fazenda, seguindo o exemplo do bowijidowon, a repreendiam por não ter sido capaz de completar sua cota de trabalho.

Nas noites de verão, Shin e alguns outros meninos pequenos de sua aldeia entravam às escondidas no pomar que ficava logo ao norte do aglomerado de casas de concreto em que viviam. Colhiam peras e pepinos verdes e comiam o mais rápido que podiam. Quando eram apanhados, os guardas os surravam com bastões e os excluíam do almoço na escola durante vários dias.

Os guardas, porém, não se importavam que Shin e os amigos comessem ratos, rãs, cobras e insetos. Eles eram esporadicamente abundantes na vastidão do complexo, onde se usavam poucos pesticidas, recorria-se a excrementos humanos como fertilizante e não se fornecia água para a limpeza de latrinas ou banhos.

A ingestão de ratos não enchia apenas estômagos vazios; era essencial para a

sobrevivência. Sua carne ajudava a evitar a pelagra, doença por vezes fatal que grassava no campo, em especial no inverno. Prisioneiros com pelagra, resultado de uma carência de proteína e niacina em suas dietas, experimentavam fraqueza, lesões da pele, diarreia e demência. A doença era uma causa frequente de morte.

Apanhar e assar ratos tornou-se uma paixão para Shin. Ele os capturava em casa, nos campos e na latrina. Costumava encontrar-se com os amigos à noite, na escola primária, onde havia uma grelha a carvão, para assá-los. Tirava-lhes a pele, raspava-lhes as entranhas, salgava a sobra e mastigava o resto — a carne, os ossos e as minúsculas patinhas.

Ele também aprendeu a usar as hastes de capim rabo-de-raposa para espetar gafanhotos-do-campo, locustas e libélulas, que assava sobre o fogo no fim do verão e no outono. Nas florestas das montanhas, onde grupos de estudantes eram enviados para catar lenha, comia uvas silvestres, groselhas e framboesas coreanas aos montes.

Durante o inverno, a primavera e o início do verão, havia muito menos o que comer. A fome o impelia, bem como a seus amigos de meninice, a tentar estratégias que, segundo prisioneiros mais velhos, podiam aliviar o desconforto de um estômago vazio. Eles faziam suas refeições sem tomar água nem sopa, com base na teoria de que a ingestão de líquidos acelerava a digestão e apressava o retorno das dores da fome. Também tentavam abster-se de defecar, acreditando que isso faria com que se sentissem cheios e menos obcecados por comida. Uma técnica alternativa de combate à fome consistia em imitar as vacas, regurgitando uma refeição recente e comendo-a de novo. Shin experimentou o artifício algumas vezes, mas isso não ajudou a aliviar sua fome.

O verão, quando crianças eram enviadas para os campos para ajudar a plantar e capinar, era a estação em que os ratos e os camundongos ficavam mais abundantes. Shin lembra-se de comê-los todos os dias. Os momentos de sua infância em que se sentia mais feliz, mais contente, eram aqueles em que tinha a barriga cheia.

O “problema da comida”, como costuma ser chamado na Coreia do Norte, não está confinado aos campos de trabalhos forçados. Ele tolheu os corpos de milhões de pessoas em todo o país. Os meninos adolescentes que fugiram do Norte na última década eram em média 12,7 centímetros mais baixos e pesavam 11,33 quilos a menos que os que cresciam na Coreia do Sul.[1]

O retardo mental causado pela desnutrição infantil precoce desqualifica cerca de um quarto dos recrutas potenciais das forças armadas na Coreia do Norte, segundo o Conselho Nacional de Inteligência, uma instituição de pesquisa que faz parte da comunidade de inteligência dos Estados Unidos. Seu relatório dizia que

incapacidades intelectuais provocadas pela fome entre os jovens provavelmente frustrariam o crescimento econômico, mesmo que o país se abrisse para o mundo exterior ou se unisse ao Sul.

Desde os anos 1990, a Coreia do Norte tem sido incapaz de cultivar, comprar ou distribuir alimentos suficientes para sua população. Em meados dessa década, a fome matou talvez um milhão de norte-coreanos. Se uma taxa de mortalidade semelhante ocorresse nos Estados Unidos, reclamaria cerca de 12 milhões de vidas.

No final dos anos 1990, o desastre alimentar no país foi aliviado quando o governo concordou em aceitar auxílio internacional. Os Estados Unidos tornaram-se seu maior doador, ao mesmo tempo em que continuavam a ser seu mais demonizado inimigo.

A Coreia do Norte precisa produzir, a cada ano, mais de cinco milhões de toneladas de arroz e outros cereais para alimentar seus 23 milhões de habitantes. Quase todos os anos, fica aquém dessa meta, em geral por cerca de um milhão de toneladas. Com invernos prolongados e montanhas altas, o país carece de terra arável, recusa incentivos aos agricultores e não tem recursos para custear combustível ou equipamentos agrícolas modernos.

Durante anos, escapou por pouco de catástrofes alimentares graças a subsídios de Moscou. Quando a União Soviética desmoronou, esses subsídios cessaram, e a economia do país, com planejamento central, parou de funcionar. Não havia mais combustível gratuito para suas fábricas obsoletas, não havia mais mercado garantido para suas mercadorias geralmente de qualidade inferior, nem acesso aos fertilizantes químicos baratos de fabricação soviética dos quais a agricultura estatizada havia se tornado dependente.

Por vários anos, a Coreia do Sul ajudou a preencher a lacuna, doando a Pyongyang meio milhão de toneladas de fertilizantes anualmente como parte de sua “Sunshine Policy” (Política do Raio de Sol), na tentativa de atenuar as tensões Norte-Sul.

Em 2008, quando uma nova liderança em Seul cortou o fornecimento gratuito de fertilizantes, a Coreia do Norte tentou fazer em âmbito nacional o que vinha fazendo havia décadas em seus campos de trabalhos forçados. As massas foram instruídas a fabricar toibee, um fertilizante feito com cinzas misturadas a excrementos humanos. Nos últimos invernos, dejetos congelados foram recolhidos de banheiros públicos em cidades e vilas de todo o país. Fábricas, empresas públicas e bairros receberam ordem de produzir duas toneladas de toibee, de acordo com a Good Friends, uma organização filantrópica budista com informantes no país. Na primavera, secava-se esse material ao ar livre, antes de ser transportado para fazendas estatais. Mas os fertilizantes orgânicos não chegaram nem perto de substituir os produtos químicos dos quais as fazendas estatais dependeram por décadas.

Segregado atrás de uma cerca eletrificada durante os anos 1990, Shin não soube que seus compatriotas estavam desesperadamente famintos.

Nem ele nem seus pais (até onde soube) ouviram falar que o governo enfrentava dificuldades para alimentar o Exército ou que pessoas morriam de inanição em seus apartamentos em cidades da Coreia do Norte, inclusive na capital.

Eles não souberam que dezenas de milhares de norte-coreanos haviam abandonado suas casas e caminhavam para a China em busca de comida. Tampouco foram os beneficiários dos bilhões de dólares de ajuda alimentar despejados no país. Durante aqueles anos caóticos, quando o funcionamento básico do governo de Kim Jong Il estacou, especialistas do Ocidente escreveram livros com títulos apocalípticos, como O fim da Coreia do Norte.

Esse fim não podia ser avistado em lugar algum do Campo 14, que era autossuficiente, exceto por carregamentos ocasionais de sal, que chegavam por via ferroviária.

Os prisioneiros cultivavam seu próprio milho e repolho. Como trabalhadores escravos, produziam hortaliças, frutas, peixes de cativeiro, carne de porco, uniformes, cimento, cerâmica e artigos de vidro para a economia que desmoronava do lado de fora da cerca.

Shin e a mãe sentiram-se infelizes e famintos durante a crise de fome, mas não mais do que o de costume. O menino continuava como antes, caçando ratos, surrupiando a comida da mãe e sempre suportando suas surras.

CAPÍTULO 2

A ÉPOCA DA ESCOLA

O professor iniciou uma busca surpresa. Revistou os bolsos de Shin e os dos outros quarenta meninos de seis anos de sua turma.

Terminada a busca, o professor tinha em mãos cinco grãos de milho. Eles pertenciam a uma menina baixa, frágil e, na lembrança de Shin, excepcionalmente bonita. Ele não se lembra do seu nome, mas tudo mais que aconteceu na escola naquele dia de junho de 1989 ressalta em sua lembrança.

O professor estava de mau humor quando começou a revistar bolsos. Ao achar o milho, explodiu.

— Sua puta, você roubou milho? Quer que cortem suas mãos?

Ele ordenou que a menina ficasse na frente da classe e se ajoelhasse. Brandindo sua comprida vara de apontar, golpeou-a várias vezes na cabeça. Enquanto Shin e os colegas observavam em silêncio, protuberâncias brotaram-lhe no crânio. Sangue escorria-lhe do nariz. Ela tombou no piso de concreto. Shin e vários outros colegas a levantaram e a levaram para casa, uma fazenda de porcos que não ficava longe da escola. Mais tarde naquela noite, a menina morreu. O inciso três da terceira regra do Campo 14 dizia: "Qualquer pessoa que furte ou esconda qualquer alimento será fuzilada imediatamente."

Shin havia aprendido que os professores não costumavam levar essa regra a sério. Quando encontravam comida no bolso de um estudante, por vezes lhe davam um par de golpes erráticos com uma vara. Era mais comum não fazerem nada. Volta e meia, Shin e outros estudantes se arriscavam. A menininha bonita, em sua opinião, tivera apenas azar.

Ele tinha sido treinado por guardas e professores para acreditar que era surrado porque merecia — em razão do sangue traiçoeiro que herdara dos pais. A menina não era diferente. Sua punição pareceu-lhe justa e lícita, e ele nunca se zangou com o professor por tê-la matado. Acreditava que os colegas de classe sentiam o mesmo.

No dia seguinte, na escola, nenhuma menção foi feita à surra. Nada mudou na sala de aula. Até onde Shin soube, o professor não foi castigado por suas ações.

Shin passou os cinco anos da escola primária com esse mesmo professor, que tinha trinta e poucos anos, usava uniforme e levava uma pistola num coldre no quadril. Nos intervalos entre as aulas, ele permitia que os meninos brincassem de "pedra, papel e tesoura". Aos sábados, por vezes concedia às crianças uma ou duas horas para catarem piolhos no cabelo umas das outras. Shin nunca soube seu nome.

No primário, Shin foi ensinado a andar ereto, inclinar a cabeça diante dos professores e nunca olhá-los nos olhos. Quando entrou na escola, recebeu um uniforme preto: calças, camisa, camiseta e um par de sapatos. Eram substituídos a cada dois anos, embora começassem a desintegrar-se depois de um ou dois meses.

Às vezes os estudantes recebiam sabão como recompensa especial por trabalho árduo. Shin, que não se distinguia pela diligência, raramente tocava num sabão. Suas calças, impregnadas de suor e poeira, eram duras como papelão. Se usava as unhas para se coçar, uma casca de sujeira se despregava delas. Quando estava frio demais para banhos de rio ou de chuva, Shin, a mãe e os colegas de classe cheiravam como animais da fazenda. No inverno, quase todos ficavam com os joelhos pretos de sujeira. A mãe de Shin costurava cuecas e meias para ele, feitos de trapos. Depois que ela morreu, ele não usou mais cuecas, e se esforçava para encontrar trapos para enfiar dentro dos sapatos.

A escola, um aglomerado de prédios facilmente visível em fotografias de satélite, ficava a cerca de sete minutos a pé da casa de Shin. As janelas eram de vidro, não de vinil. Era o único luxo. Tal como a casa de sua mãe, a sala de aula era de concreto. O professor ficava num estrado diante de um único quadro-negro. Os alunos se distribuíam dos dois lados de uma passagem central — meninos de um lado, meninas do outro. Retratos de Kim Il Sung e Kim Jong Il — o elemento principal de toda sala de aula na Coreia do Norte — não eram vistos em parte alguma.

Lá ensinavam linguagem e aritmética elementares, treinavam as crianças quanto às regras do campo e lhes lembravam a todo instante seu sangue iníquo. Os alunos da escola primária tinham seis dias de aula por semana. Os da escola secundária tinham sete, com um dia de folga por mês.

— Vocês têm de lavar os pecados de suas mães e seus pais, por isso tratem de trabalhar com afinco! — dizia-lhes o diretor nas assembleias.

O dia escolar começava pontualmente às oito horas com uma sessão chamada chonghwa. Isso significa harmonia total, mas era uma oportunidade para o professor criticar alunos pelo que tinham feito de errado na véspera. A frequência era verificada duas vezes todos os dias. Por mais doente que um aluno estivesse, ausências não eram permitidas. De vez em quando, Shin ajudava colegas de classe a carregar alunos enfermos para a escola. Ele mesmo, porém, raramente adoecia, a não ser por resfriados. Foi vacinado apenas uma vez, contra varíola.

Shin aprendeu a ler e escrever o alfabeto coreano, fazendo exercícios em papel grosseiro fabricado no campo com palha de milho. A cada período letivo, recebia um caderno com 25 folhas. À guisa de lápis, usava muitas vezes uma haste de ponta afiada ou um pedaço de madeira carbonizada. Desconhecia a existência de borrachas. Não havia leitura, pois o único livro era do professor. Para os exercícios escritos, os alunos eram instruídos a explicar como tinham deixado de trabalhar

arduamente e de obedecer às regras.

Shin aprendeu a somar e subtrair, mas não a multiplicar e dividir. Até hoje, quando precisa multiplicar, soma uma coluna de números.

Educação física significava correr de um lado para o outro ao ar livre e fazer exercícios em barras de ferro no pátio da escola. Vez ou outra os alunos iam até o rio catar caracóis para o professor. Não havia jogos de bola. Shin viu uma bola de futebol pela primeira vez aos 23 anos, após fugir para a China.

As metas de longo prazo para os alunos da escola estavam implícitas no que os professores nunca se davam ao trabalho de ensinar. Eles diziam a Shin que a Coreia do Norte era um Estado independente e ressaltavam a existência de carros e trens. (Isso não era uma grande revelação, pois o menino via guardas dirigindo carros e havia uma estação ferroviária no canto sul do campo.) Mas nada diziam sobre a geografia do país, seus vizinhos, sua história ou seus líderes. Shin tinha apenas uma vaga noção de quem eram o Grande Líder e o Querido Líder.

Perguntas não eram permitidas. Elas irritavam os professores e provocavam surras. Professores falavam; alunos escutavam. Por repetição em classe, Shin dominou o alfabeto e a gramática elementar. Aprendeu a pronunciar as palavras, mas com frequência não tinha nenhuma ideia do que significavam. Seu professor o deixava com medo, por instinto, de tentar procurar novas informações.

Ele nunca entrou em contato com um colega de classe que tivesse nascido fora do campo. Até onde podia dizer, a escola era reservada para crianças como ele, a prole de casamentos de recompensa gerada no campo. Disseram-lhe que crianças nascidas fora do campo e levadas para lá com os pais não podiam frequentar a escola e ficavam confinadas nas seções mais remotas do campo, os Vales 4 e 5.

Os professores, então, podiam moldar as mentes e os valores dos alunos sem serem contestados por crianças que pudessem saber alguma coisa sobre o que existia além da cerca.

Não havia segredo em relação ao que estava reservado para Shin e seus colegas de classe. A escola primária e secundária os treinava para o trabalho duro. No inverno, crianças limpavam a neve, derrubavam árvores e revolviam carvão com pás para o aquecimento da escola. Todo o corpo discente (cerca de mil alunos) era mobilizado para limpar latrinas na aldeia Bowiwon, onde viviam os guardas, alguns com mulheres e filhos. Shin e os colegas iam de casa em casa para remover fezes congeladas com enxadas e jogar os dejetos com as mãos nuas (não havia luvas para prisioneiros do campo) em cestos. Tinham de arrastar os excrementos até campos circundantes ou carregá-los nas costas.

Em dias mais quentes e felizes, depois da escola, à tarde, a turma de Shin marchava às vezes para os morros e montanhas atrás da escola a fim de coletar

alimentos e ervas para os guardas. Embora isso fosse contra as regras, muitas vezes eles enchiam os uniformes de samambaias, osmundáceas e outras plantas e as levavam para casa, onde as mães as cozinhavam. Colhiam cogumelos agáricos em abril e matsutake em outubro. Nessas longas caminhadas vespertinas, as crianças tinham permissão para conversar entre si. A segregação rigorosa entre os sexos era relaxada, e meninos e meninas trabalhavam juntos, riam e brincavam lado a lado.

Shin começou o primeiro ano com duas outras crianças de sua aldeia — Hong Sung Jo, um menino, e Moon Sung Sim, uma menina. Durante cinco anos eles caminharam juntos para a escola e sentaram-se na mesma sala de aula. Na escola secundária, passaram mais cinco anos na companhia uns dos outros.

Shin considerava Hong Sung Jo seu companheiro mais chegado. Brincavam juntos entre as aulas na escola. Suas mães trabalhavam na mesma fazenda. Nenhum dos dois, porém, jamais convidou o outro para ir em sua casa. A confiança entre amigos era envenenada pela constante competição por comida e a pressão para delatar. Na tentativa de ganhar rações extras de comida, crianças contavam aos guardas o que seus vizinhos estavam comendo, vestindo e dizendo.

A punição coletiva na escola também jogava colegas de classe uns contra os outros. A turma de Shin muitas vezes recebia uma cota diária de árvores para plantar ou para colher. Se as expectativas não fossem cumpridas, todos eram punidos. Os professores ordenavam que as crianças dessem sua ração de almoço (por um dia ou às vezes por uma semana) para outra turma que tinha realizado sua cota. Nas tarefas, Shin costumava ser lento, muitas vezes o último.

Quando ele e os colegas de classe ficaram mais velhos, suas tarefas, chamadas de “grupamentos de esforços”, se tornaram mais demoradas e mais difíceis. Durante o “combate às ervas daninhas”, que ocorria entre junho e agosto, alunos da escola primária trabalhavam das quatro da manhã até o anoitecer arrancando ervas daninhas de campos de milho, feijão e sorgo.

Quando Shin e seus colegas chegaram ao ensino médio, mal estavam alfabetizados. Mas nessa altura a instrução em sala de aula chegara ao fim. Os professores se tornaram capatazes. A escola secundária era uma preparação para o trabalho em equipe nas minas, nos campos e nas florestas. No fim do dia, era um local de reunião para longas sessões de autocrítica.

Shin entrou pela primeira vez numa mina de carvão quando tinha dez anos de idade. Ele e cinco colegas de classe (mais dois meninos e três meninas, entre as quais sua vizinha Moon Sung Sim) desceram por um poço íngreme até a face da mina. Seu trabalho era carregar gôndolas de carvão e empurrá-las por um trilho estreito até uma área intermediária de armazenamento. Para cumprir sua cota diária, eles tinham de empurrar quatro gôndolas morro acima.

As duas primeiras lhes tomavam toda a manhã. Depois de um almoço de milho moído e repolho salgado, as crianças exaustas, os rostos e as roupas cobertos de poeira negra, rumavam de volta para o veio de carvão, carregando velas na mina

negra como tinta.

Um dia, ao empurrar a terceira gôndola, Moon Sung Sim se desequilibrou e um de seus pés escorregou sob uma roda de aço. Shin, que estava parado junto dela, ouviu um grito. Tentou ajudar a menina, que se contorcia e suava, a tirar o sapato. Seu dedão do pé estava esmagado e sangrando. Um outro estudante amarrou um cordão de sapato em volta do tornozelo da menina como uma espécie de torniquete.

Shin e outros dois meninos ajudaram Moon a subir numa gôndola de carvão vazia e empurraram-na para fora da mina. Depois carregaram a menina até o hospital do campo, onde o dedo dilacerado foi amputado sem anestésicos e a incisão tratada com água salgada.

Além de fazer trabalhos físicos mais pesados, os alunos da escola secundária passavam mais tempo encontrando defeitos em si mesmos e nos outros. Escreviam em cadernos de palha de milho, preparando-se para as sessões de autocensura que aconteciam sempre depois do jantar. Todas as noites, cerca de dez estudantes tinham de confessar alguma coisa.

Shin tentava se encontrar com os colegas antes dessas sessões para combinar quem diria o quê. Inventavam pecados que poderiam satisfazer os professores sem provocar punições draconianas. Shin lembra-se de confessar que comera milho encontrado no chão e que tirara um cochilo quando não havia ninguém olhando. Se os estudantes apresentavam espontaneamente um número suficiente de transgressões, as punições costumavam se limitar a um tapa na cabeça e uma exortação a trabalhar com mais afinco.

———

Espremidos uns contra os outros, 25 meninos dormiam no chão de concreto do dormitório da escola secundária. Os mais fortes dormiam perto — mas não demais — de um tubo condutor aquecido a carvão que passava sob o piso. Os mais fracos, inclusive Shin, dormiam longe do calor e muitas vezes passavam a noite toda tremendo. Alguns não tinham escolha, senão tentar dormir sobre o tubo, onde corriam o risco de sofrer queimaduras graves quando o sistema de aquecimento se inflamava bruscamente.

Shin lembra-se de um garoto arrogante de 12 anos, de constituição robusta, chamado Ryu Hak Chul. Ele dormia onde bem entendia e era também o único menino que ousava falar de maneira desrespeitosa com um professor.

Um dia, Ryu abandonou a tarefa do dia, e seu desaparecimento logo foi comunicado. O professor mandou sua classe sair à procura dele.

— Por que parou de trabalhar e fugiu? — perguntou o professor quando Ryu foi encontrado e voltou à escola.

Para espanto de Shin, o menino não se desculpou.

— Fiquei com fome, por isso fui comer — respondeu ele, sem pestanejar.

O professor ficou igualmente pasmo.

— Esse filho da puta está respondendo? — perguntou.

Ordenou então que os estudantes amarrassem Ryu a uma árvore. Eles lhe tiraram a camisa e o prenderam com arame.

— Surrem-no até que recobre a razão — disse o professor.

Shin juntou-se aos colegas para esmurrar Ryu sem pensar duas vezes.

CAPÍTULO 3

A CLASSE SUPERIOR

Shin estava com nove anos de idade quando o sistema de castas da Coreia do Norte o atingiu em cheio.

Era o início da primavera, e ele e mais uns trinta colegas caminhavam até a estação ferroviária, onde seu professor os mandara apanhar o carvão que caía de vagões durante os carregamentos. A estação ficava próxima do canto sudoeste do Campo 14, e para ir da escola até lá os estudantes tinham de passar em uma área abaixo do complexo de Bowiwon, situado sobre um penhasco sobranceiro ao rio Taedong. Nessa área, moram os guardas e suas famílias, e os filhos deles frequentam a escola ali.

Do alto, as crianças gritaram para Shin e os colegas quando passaram.

— Os filhos da puta reacionários estão vindo.

Pedras do tamanho de punhos choveram sobre as crianças prisioneiras. Entre o rio e o penhasco, elas não tinham onde se esconder. Uma pedra atingiu Shin no rosto, logo abaixo do olho esquerdo, abrindo um talho profundo. Soltando gritos estridentes, o menino e os colegas encolheram-se na estrada de terra, tentando proteger as cabeças com os braços e as mãos.

Uma segunda pedra atingiu Shin na cabeça, derrubando-o no chão e deixando-o tonto. Quando a tontura passou, o apedrejamento havia cessado. Muitos de seus colegas gemiam e sangravam. Moon, a vizinha e colega de classe que mais tarde perderia o dedão do pé na mina, havia sido derrubada. O líder da turma de Shin, Hong Joo Hyun, que deveria atuar como uma espécie de supervisor da missão de trabalho do dia, estava também desmaiado.

Mais cedo, naquela manhã, o professor lhes dissera que fossem na frente para a estação, que se apressassem e começassem a trabalhar. Ele os alcançaria mais tarde.

Quando o professor finalmente veio pela estrada e descobriu seus alunos ensanguentados e caídos pelo chão, ficou irritado.

— O que estão fazendo que ainda não pegaram no serviço? — gritou.

Timidamente, os alunos perguntaram o que deviam fazer com os colegas que permaneciam inconscientes.

— Carreguem-nos nas costas — instruiu o professor. — Tudo o que precisam fazer é trabalhar duro.

Nos anos seguintes, quando Shin avistava crianças de Bowiwon em qualquer lugar no campo, ele procurava andar na direção oposta.

———

Os garotos de Bowiwon tinham todo o direito de jogar pedras em meninos como Shin, pois o sangue deles, como filhos de pecadores irredimíveis, estava contaminado da pior maneira concebível. As crianças de Bowiwon, porém, vinham de famílias cuja linhagem havia sido santificada pelo Grande Líder.

Em 1957, para identificar e isolar aqueles a quem considerava seus inimigos políticos, Kim Il Sung criou um sistema hierárquico neofeudal, baseado em relações consanguíneas. O governo classificou e, numa medida considerável, segregou toda a população norte-coreana com base na aparente confiabilidade dos pais e dos avós de cada indivíduo. A Coreia do Norte se autointitulava o Paraíso dos Trabalhadores, mas, ao mesmo tempo que professava fidelidade aos ideais comunistas de igualdade, inventou um dos sistemas de castas mais rigidamente estratificados do mundo. Três amplas classes foram criadas, com 51 subgrupos: no topo, membros da classe superior podiam obter empregos no governo, no Partido dos Trabalhadores coreano, patentes de oficiais nas forças armadas e trabalho nos serviços de inteligência. A classe superior incluía agricultores, famílias de soldados mortos durante a Guerra da Coreia, famílias daqueles que haviam servido com Kim Il Sung na luta contra a ocupação japonesa e funcionários do governo.

O nível seguinte era a classe vacilante ou neutra, que incluía soldados, técnicos e professores. Na base, estava a classe hostil, cujos membros eram suspeitos de fazer oposição ao governo. Ela incluía ex-proprietários de imóveis, parentes de coreanos que haviam fugido para a Coreia do Sul, cristãos e aqueles que trabalharam para o governo colonial japonês que controlou a península coreana antes da Segunda Guerra Mundial. Seus descendentes estão em minas e fábricas. Não lhes é permitido ingressar em universidades.

Além de ditar oportunidades de carreira, o sistema moldou destinos geográficos e deu à classe superior permissão para viver na capital, Pyongyang, e nas proximidades. Muitas pessoas da classe hostil foram reassentadas em províncias distantes, ao longo da fronteira chinesa. Alguns membros da vacilante podiam ascender no sistema ingressando no Exército do Povo Coreano, servindo com distinção e, com sorte e boas conexões, conseguindo galgar um degrau inferior no partido governante.

O rápido crescimento de mercados privados enriqueceu alguns membros das classes vacilante e hostil, permitindo-lhes alcançar, mediante compra e suborno, padrões de vida melhores que os de alguns membros da elite política.[1]

Para cargos no governo, porém, as origens familiares decidiam praticamente tudo — inclusive quem tinha o direito de jogar pedras em Shin.

Os únicos norte-coreanos considerados confiáveis o bastante para se tornar guardas nos campos de prisioneiros políticos eram homens como An Myeong Chul, filho de um funcionário do serviço de inteligência.

Ele foi recrutado para o Bowibu aos 19 anos, depois de dois anos de serviço

militar. Como parte do processo, a lealdade de toda a sua família estendida foi verificada. Exigiu-se também que assinasse um documento declarando que jamais revelaria a existência dos campos. Sessenta por cento dos duzentos jovens recrutados com ele eram, igualmente, filhos de funcionários do serviço de inteligência.

An trabalhou como guarda e motorista em quatro campos de trabalhos forçados (que não incluíram o Campo 14) durante sete anos no final da década de 1980 e no início dos anos 1990. Fugiu para a China em 1994, depois que seu pai, que supervisionava a distribuição regional de alimentos, entrou em conflito com seus superiores e se suicidou. Após chegar à Coreia do Sul, An conseguiu trabalho como bancário em Seul e casou-se com uma sul-coreana. O casal tem dois filhos. Ele também se tornou um ativista dos direitos humanos.

Após sua deserção, An descobriu que a irmã e o irmão foram enviados para um campo de trabalhos forçados, onde o rapaz veio a morrer.

Quando conversamos durante um jantar chinês em Seul em 2009, An usava terno azul-escuro, camisa branca, gravata listrada e óculos de meia armação. Parecia próspero e falava de uma maneira tranquila, cuidadosa. Entretanto, é um homem de tamanho intimidante, com mãos grandes e ombros de zagueiro de futebol americano.

Durante o treinamento para o posto de guarda, ele estudou a arte marcial coreana do tae kwon do, aprendeu técnicas de repressão de tumultos e foi instruído a não se preocupar se seu modo de tratar prisioneiros causasse ferimento ou morte. Nos campos, An acostumou-se a bater naqueles que não cumpriam suas cotas de trabalho. Lembra-se de ter surrado um prisioneiro corcunda.

“Era normal bater nos prisioneiros”, disse, explicando que seus instrutores o ensinaram a nunca sorrir e a pensar nos detentos como “cães e porcos”. “Ensinavam-nos a não pensar neles como seres humanos. Os instrutores nos diziam para não demonstrar piedade. Diziam: ‘Se o fizer, você se tornará um prisioneiro.’”

Embora a piedade fosse proibida, havia poucas diretrizes além dessa para o tratamento dos prisioneiros. O resultado, comentou An, era que os guardas ficavam livres para dar vazão a seus apetites e excentricidades, muitas vezes abusando de jovens prisioneiras atraentes, que em geral consentiam em fazer sexo em troca de melhor tratamento.

“Se isso resultasse em filhos, as mulheres e os bebês eram mortos”, disse An, observando que ele mesmo vira recém-nascidos serem golpeados até a morte com varas de ferro. “A teoria subjacente aos campos era purificar até três gerações das famílias dos que pensavam erroneamente. Seria incoerente, portanto, permitir o nascimento de mais uma geração.”

Guardas conquistavam o direito de ingressar na faculdade se flagrassem alguém tentando fugir — um sistema de incentivo a que os ambiciosos se agarravam. Eles permitiam uma tentativa de fuga, contou An, e fuzilavam os fugitivos antes que chegassem às cercas que circundam os campos.

Com mais frequência, porém, prisioneiros eram surrados, por vezes até a morte, simplesmente porque guardas estavam entediados ou de mau humor.

Embora pertençam por sangue à classe superior, os guardas das prisões e seus filhos legítimos fazem parte de uma periferia do funcionalismo que passa a maior parte de suas vidas de trabalho trancafiada em ermos gélidos do interior do país.

A nata da classe superior vive em Pyongyang, em grandes apartamentos ou em casas unifamiliares em condomínios fechados. Fora da Coreia do Norte, não se sabe com certeza quantos são os membros dessa elite, mas estudiosos sul-coreanos e americanos acreditam que ela corresponde a uma minúscula fração da população do país, algo entre cem mil e duzentas mil pessoas num universo de 23 milhões.

Membros da elite dignos de confiança e talentosos recebem permissões periódicas para deixar o país, servindo como diplomatas e executivos para companhias estatais. Na última década, o governo dos Estados Unidos e instituições policiais do mundo inteiro documentaram que alguns desses norte-coreanos estão envolvidos em empreendimentos criminosos que canalizam moeda forte para Pyongyang.

Eles foram associados a falsificação de notas de cem dólares, ciberterrorismo, tráfico de drogas que vão de heroína a Viagra e comercialização de cigarros de marcas de alta qualidade (mas falsificados). Violando resoluções das Nações Unidas, os norte-coreanos também venderam foguetes e tecnologia de armas nucleares para países como o Irã e a Síria, segundo funcionários da ONU.

Um bem viajado integrante da elite norte-coreana contou-me como ganhava a vida, ao mesmo tempo em que assegurava o apoio e a afeição de Kim Jong Il.

Seu nome é Kim Kwan Jin, e ele cresceu em Pyongyang como membro da elite de sangue azul. Estudou literatura britânica na Universidade Kim Il Sung, reservada para os filhos dos mais altos funcionários. Sua especialidade profissional — antes de desertar para a Coreia do Sul em 2003 — era administrar uma fraude global envolvendo seguros, comandada pelo Estado. Arrecadavam-se centenas de milhões de dólares de algumas das maiores companhias de seguros do mundo com base em falsas alegações de acidentes industriais e desastres naturais dentro da Coreia do Norte. E a maior parte do dinheiro era canalizada para o Querido Líder.

O festivo ponto culminante anual dessa maquinação acontecia na semana anterior ao aniversário de Kim Jong Il, em 16 de fevereiro. Executivos da Corporação Nacional de Seguros da Coreia — o monopólio estatal que orquestrava a fraude — baseados no exterior preparavam-lhe um presente de aniversário especial.

No início de fevereiro de 2003, em seu escritório em Cingapura, Kim Kwan Jin observou seus colegas encherem duas sacolas reforçadas com vinte milhões de

dólares em dinheiro vivo e as enviarem, via Pequim, para Pyongyang. Era dinheiro pago por companhias internacionais, e não foi uma única oferta. Segundo Kim, nos cinco anos em que trabalhou em Pyongyang para a corporação estatal de seguros, sacolas cheias de dinheiro sempre chegavam a tempo para o aniversário do líder. Ele contou que vinham da Suíça, da França e da Áustria, bem como de Cingapura.

O dinheiro, disse ele, era entregue à Seção 39 do Comitê Central do Partido dos Trabalhadores coreano. Essa abominável seção ou divisão foi criada por Kim Jong Il nos anos 1970 para angariar moeda forte e dar-lhe uma base de poder independente do pai, que na época ainda dirigia o país. Segundo Kim Kwan Jin (e muitos outros desertores e relatos publicados), a Seção 39 compra artigos de luxo para assegurar a lealdade da elite norte-coreana. Também financia a aquisição de componentes de fabricação estrangeira para mísseis e outros programas de armamentos.

De acordo com Kim, o esquema fraudulento de seu país funcionava assim: administradores do monopólio estatal de seguros baseados em Pyongyang emitiam apólices que cobriam desastres onerosos mas comuns no país, como acidentes em minas, colisões de trens e perdas de colheita em decorrência de enchentes. “O principal aspecto da operação de resseguros é que elas se assentam em desastres”, disse ele. “Toda vez que ocorre um desastre, ele se torna uma fonte de moeda forte” — para o governo.

Kim e outros agentes da companhia seguradora da Coreia do Norte baseados no exterior eram espalhados pelo mundo para encontrar corretores que aceitariam prêmios de seguro sedutoramente elevados para compensar o país por esses desastres.

Os resseguros constituem uma indústria de muitos bilhões de dólares que dispersa o risco assumido por uma companhia de seguros entre várias companhias no mundo todo. A cada ano, disse Kim, a Coreia do Norte fazia o possível para embaralhar suas ofertas entre os maiores jogadores no campo dos resseguros.

“Nós as distribuíamos”, contou. “Um ano, podia ser a Lloyd’s [de Londres]. No ano seguinte, podia ser a Swiss Re.”

Ao diluir perdas relativamente moderadas entre muitas grandes companhias, a Coreia do Norte escondia o grande risco que representava. Seu governo preparava pedidos de indenização meticulosamente documentados, empurrava-os através de seu tribunal fantoche e exigia pagamento imediato. Muitas vezes, porém, restringia o direito de resseguradoras de enviar investigadores para verificá-los. Segundo um especialista do setor de seguros baseado em Londres, o país também explorava a ignorância geográfica e a ingenuidade política de algumas resseguradoras e de seus corretores. Muitas pensavam estar lidando com uma firma da Coreia do Sul, disse o especialista, ao passo que outras ignoravam que a Coreia do Norte era um Estado totalitário fechado, com tribunais simulados e nenhuma responsabilidade internacional.

Com o tempo, as companhias de resseguros começaram a suspeitar de

indenizações frequentes e onerosas por desastres de trem e naufrágios de balsas que eram praticamente impossíveis de investigar. Advogados da gigantesca seguradora alemã Allianz Global Investors, da Lloyd's de Londres e de várias outras resseguradoras abriram um processo num tribunal de Londres contra a Corporação Nacional de Seguros da Coreia. Contestaram o pedido de indenização referente à colisão de um helicóptero contra um armazém do governo em Pyongyang em 2005. Em documentos apresentados ao tribunal, as companhias alegaram que o acidente havia sido encenado, que a decisão do tribunal norte-coreano de apoiar a requisição havia sido fabricada e que a Coreia do Norte rotineiramente lançava mão de fraudes em seguros para levantar dinheiro para uso pessoal de Kim Jong Il.

As companhias, no entanto, desistiram de suas acusações e concordaram com um acordo que constituiu uma vitória quase completa para a Coreia do Norte. Fizeram-no, segundo analistas jurídicos, porque haviam assinado, numa atitude insensata, contratos em que concordavam em se submeter às leis norte-coreanas. Após o acordo, advogados da Coreia do Norte declararam ser "assombrosamente injusto" sugerir que o país se envolvera numa fraude. Mas a publicidade gerada pelo caso alertou a indústria mundial de resseguros, levando-a a evitar o país, e o esquema foi se encerrando gradativamente.

Kim Kwang Jin conta que Kim Jong Il ficou encantado quando recebeu as sacolas com vinte milhões de dólares em dinheiro vivo de Cingapura.

"Recebemos uma carta de agradecimento, e houve uma grande celebração", disse, observando que Kim Jong Il providenciara para que ele e os colegas recebessem presentes que incluíam laranjas, maçãs, aparelhos de DVD e mantas.

Frutas, eletrodomésticos e cobertores.

Essa parca manifestação de gratidão ditatorial é reveladora. Em Pyongyang, o estilo de vida da classe superior é luxuoso apenas pelos padrões de um país onde um terço da população sofre de fome crônica.

As elites têm apartamentos relativamente grandes e acesso a arroz. Têm preferência na compra de luxos importados, como frutas e bebidas. Mas, para os residentes em Pyongyang, a eletricidade é, na melhor das hipóteses, intermitente, a disponibilidade de água quente é rara e viajar para fora do país é difícil, exceto para diplomatas e homens de negócios patrocinados pelo Estado.

"Uma família de elite em Pyongyang não vive nem de longe tão bem — em termos de posses materiais, conforto e opções de entretenimento — quanto a família de um assalariado mediano em Seul", contou-me Andrei Lankov, um cientista político de origem russa que cursou a faculdade em Pyongyang e agora leciona na Universidade Kookmin, em Seul. A renda per capita média na Coreia do Sul é 15 vezes mais alta que no Norte (1.900 dólares em 2009). Entre os países com renda per capita mais alta que a da Coreia do Norte estão o Sudão, o Congo e o Laos.

A exceção, é claro, é a dinastia Kim. Imagens de satélite das residências da família destacam-se como oásis de luxo na paisagem paupérrima da Coreia do

Norte. Eles mantêm pelo menos oito casas de campo, segundo livros escritos por seu ex-chef e um ex-guarda-costas, quase todas providas com salas de cinema, quadras de basquete e estandes de tiro. Várias têm piscina coberta, além de centros de entretenimento com pista de boliche e patinação. Fotografias feitas por satélite mostram um hipódromo em tamanho padrão, uma estação de trem privativa e um parque aquático.

Um iate particular, com uma piscina de cinquenta metros e dois tobogãs, foi fotografado perto da casa da família em Wonsan; esta se situa numa península com praias de areias brancas, e acredita-se que é a preferida. O ex-guarda-costas contou que Kim Jong Il ia com frequência para lá caçar corços, faisões e gansos selvagens. Todas as suas casas foram mobiliadas com peças importadas do Japão e da Europa. A carne bovina que a família consome é criada por guarda-costas numa fazenda de gado especial, e suas maçãs vêm de um pomar orgânico onde açúcar, um artigo raro e caro no Norte, é adicionado ao solo para adoçar as frutas.[2]

Os privilégios consanguíneos são singularmente valiosos na família Kim. Em 1994, na primeira sucessão hereditária no mundo comunista, Kim Jong Il herdou do pai o controle ditatorial da Coreia do Norte. A segunda sucessão do mesmo tipo aconteceu em dezembro de 2011, depois da morte de Kim, aos 69 anos. Seu caçula, Kim Jong Eun, foi prontamente alçado à posição de "líder supremo" do partido, do Estado e do Exército. Embora não tenha ficado claro se o poder se encontra nas mãos dele, de seus parentes mais velhos ou dos generais, a máquina de propaganda se esforçou para criar um novo culto à personalidade. Kim Jong Eun foi descrito no diário do partido, Rodong Sinmun, como "o pilar espiritual e o farol de esperança" para os militares e o povo. A agência de notícias estatal observou que o novo líder é "um proeminente pensador e teorista e um comandante brilhante e ímpar" que será uma "fundação sólida para a prosperidade do país".

Além do sangue certo, o filho possui escassas qualificações. Ele frequentou uma escola de língua alemã em Leibefeld, na Suíça, onde jogava como armador no time de basquete e passava horas fazendo desenhos a lápis do grande Michael Jordan d o Chicago Bulls.[3] Retornou a Pyongyang aos 17 anos para frequentar a Universidade Kim Il Sung. Pouco se sabe sobre o que ele estudou lá.

Os preparativos para a segunda transferência de poder de pai para filho se tornaram evidentes em Pyongyang pouco depois que Kim Jong Il sofreu um derrame em 2008. Este deixou o Querido Líder com uma claudicação perceptível e retirou Kim Jong Eun da obscuridade.

Em conferências pronunciadas para audiências seletas em Pyongyang em 2009, Kim Jong Eun foi descrito como um "gênio das artes literárias" e um patriota que "está trabalhando sem dormir ou descansar" para promover a Coreia do Norte como uma superpotência nuclear. Uma música de propaganda, "Pegadas", foi difundida entre bases militares para preparar o quadro de oficiais para a chegada de um dinâmico "Jovem General". Ele era de fato jovem, no fim da casa dos vinte, tendo nascido em 1983 ou 1984.

Em setembro de 2010, na festa de apresentação do jovem general, seu rosto foi oficialmente mostrado ao mundo pela primeira vez. Pasmos, os jornalistas ocidentais, que em geral não conseguem entrar na Coreia do Norte, foram convocados para uma grande parada militar na Praça Kim Il Sung, onde nos estimularam a filmar e fotografar um rapaz que parecia tão vigoroso quanto o pai parecia debilitado. Ele era a imagem do falecido avô Kim Il Sung, o Grande Líder, que sempre fora mais amado do que Kim Jong Il.

Aquela semelhança incomum parecia orquestrada, enquanto Kim Jong Eun procurava consolidar o poder depois da morte do pai. Suas roupas e o cabelo — trajes ao estilo Mao e corte militar bem aparado, sem costeletas — eram iguais aos do avô na época em que ele conquistou o poder sobre a Coreia do Norte em 1945. Na Coreia do Sul, circularam boatos de que tal semelhança havia sido acentuada com a ajuda de cirurgiões plásticos em Pyongyang, que transformaram o jovem em uma espécie de Grande Líder II.

Se o novo líder pretende governar com o mesmo punho de ferro de seu pai e seu avô, com certeza vai precisar de algum apoio popular, junto com uma sólida adesão por parte dos militares. Seu pai, Kim Jong Il, talvez nunca tenha conquistado a popularidade, mas teve quase vinte anos para aprender como dominar os mais velhos. Escolheu a dedo muitos dos principais generais e, na prática, já administrava o país quando da morte do pai, em 1994.

Sem ter completado ainda trinta anos e com apenas três para aprender como funcionam as coisas, Kim Jong Eun não conta com tantas vantagens. Até dominar os mecanismos de governo, ele dependerá de seu sangue privilegiado, de um incipiente culto a sua personalidade e da lealdade de parentes, protegidos e generais que podem ou não estar dispostos a permanecer nos bastidores.

CAPÍTULO 4

A MÃE TENTA FUGIR

Shin calçava os sapatos no dormitório da escola quando o professor apareceu, a sua procura. Era a manhã de sábado, dia 6 de abril de 1996.

— Ei, Shin, venha cá agora — disse o professor.

Intrigado por estar sendo chamado, Shin saiu às pressas do dormitório para o pátio da escola. Ali, três homens uniformizados o esperavam junto de um jipe. Eles o algemaram, vendaram-no com uma faixa de pano preto e o empurraram no banco de trás do jipe. Sem dizer uma palavra, levaram-no dali.

Shin não tinha a menor ideia de para onde o levavam ou por quê. Mas, depois de passar meia hora sacolejando no banco de trás, ficou com medo e começou a tremer.

Quando o jipe parou, os homens o tiraram do carro e o puseram em pé. Ele ouviu a pancada de uma pesada porta de metal que abria e fechava e, em seguida, o gemido de um mecanismo. Os guardas o empurraram para dentro de um elevador, e ele sentiu que descia. Havia penetrado numa prisão subterrânea no interior do campo.

Após sair do elevador, foi conduzido por um corredor até um cômodo grande, vazio e sem janelas onde guardas retiraram-lhe a venda. Ao abrir os olhos, viu um oficial militar com quatro estrelas presas ao uniforme, sentado atrás de uma escrivaninha. Dois outros guardas de farda estavam de pé perto dele. Um deles ordenou a Shin que se sentasse numa cadeira de espaldar reto.

— Você é Shin In Geun? — perguntou o oficial com quatro estrelas.

— Sim, é isso mesmo — respondeu Shin.

— Shin Gyung Sub é o nome de seu pai?

— Sim.

— Jang Hye Gyung é o nome de sua mãe?

— Sim.

— Shin He Geun é o nome de seu irmão?

— Sim.

O oficial olhou fixamente para Shin por cerca de cinco minutos. O garoto não tinha ideia de aonde ele queria chegar com o interrogatório.

— Sabe por que está aqui? — perguntou, por fim, o oficial.

— Não sei.

— Devo lhe dizer?

Shin assentiu com a cabeça.

— Hoje ao raiar do dia sua mãe e seu irmão foram pegos tentando fugir. É por

isso que está aqui. Entende? Tinha conhecimento desse fato ou não?

— Eu... eu não sabia.

Shin estava tão chocado com a notícia que teve dificuldade de falar. Não sabia ao certo se estava acordado ou sonhando. O oficial foi ficando cada vez mais irritado e incrédulo.

— Como é possível que não soubesse que sua mãe e seu irmão tentaram fugir? — perguntou. — Se quer viver, vai dizendo a verdade.

— Não, eu realmente não sabia — disse Shin.

— E seu pai não mencionou nada?

— Faz tempo que não vou em casa — respondeu Shin. — Quando estive lá um mês atrás, não ouvi nada.

— Que tipo de queixa tem sua família para arriscar uma fuga?

— Sinceramente, não sei de nada.

Esta foi a história que Shin contou quando chegou à Coreia do Sul no fim do verão de 2006. Contava-a sempre da mesma maneira, contou-a muitas vezes e contava-a bem.

Os interrogatórios em Seul começaram com agentes do Serviço Nacional de Inteligência do governo. Interrogadores experientes, eles conduzem extensas entrevistas com todo desertor norte-coreano e foram treinados para identificar os assassinos que o governo de Kim Jong Il enviava periodicamente para o Sul.

Depois de passar pelo pessoal do serviço secreto, Shin contou sua história para conselheiros e psiquiatras num centro governamental de readaptação, depois para ativistas dos direitos humanos e para outros desertores, e por fim repetiu tudo para os noticiários. Escreveu sobre ela em suas memórias em coreano de 2007 e narrou-a para mim quando nos encontramos pela primeira vez em dezembro de 2008. Aprofundou-a nove meses mais tarde durante uma série de entrevistas que me concedeu em Seul, que se estenderam por uma semana, muitas vezes nos ocupando o dia todo.

Não havia, é claro, nenhuma maneira de confirmar o que dizia. Shin era a única fonte de informação disponível sobre sua juventude. Sua mãe e seu irmão estavam mortos. O pai continuava no campo, ou talvez também estivesse morto. O governo norte-coreano dificilmente poderia corrigir o depoimento, pois nega a existência do Campo 14.

Apesar disso, a história foi examinada por sobreviventes de outros campos de trabalhos forçados, por estudiosos, por defensores dos direitos humanos e pelo governo na Coreia do Sul e pareceu-lhes verdadeira. Acreditei nela e a inseri na matéria publicada no *Washington Post*. Escrevi que, como a mãe não lhe falara sobre o plano de fuga, Shin “ficou surpreso ao saber dele”.

———

Numa manhã sem nuvens em Torrance, na Califórnia, Shin retornou à história e revisou-a.

Fazia cerca de um ano que trabalhávamos no livro de maneira intermitente, e durante a semana anterior havíamos nos sentado um diante do outro em meu quarto pouco iluminado de um hotel Best Western, passando em revista cuidadosamente os eventos de sua juventude.

Na véspera dessa sessão, Shin disse que tinha algo novo e importante a revelar. Insistiu que encontrássemos um novo intérprete. Também convidou Hannah Song, então sua chefe e guardiã de facto, para ouvir. Song era a diretora executiva da Liberdade na Coreia do Norte, o grupo de direitos humanos que ajudara a trazê-lo para os Estados Unidos. Coreano-americana de 29 anos, ela ajudava Shin a cuidar de dinheiro, vistos, viagens, assistência médica e comportamento. Descrevia-se, de brincadeira, como mãe do rapaz.

Shin tirou as sandálias e enfiou os pés descalços sob o corpo no sofá do hotel. Liguei um gravador. O som do tráfego matinal no Torrance Boulevard penetrava o quarto. Shin mexeu nos botões de seu telefone celular.

— Então, qual é a novidade? — perguntei.

Ele disse que estivera mentindo sobre a fuga da mãe. Inventara a mentira pouco antes de chegar à Coreia do Sul.

— Havia muita coisa que eu precisava esconder — disse. — Estava apavorado que as pessoas reagissem com violência, que me perguntassem: "Você é mesmo humano?"

"Foi um fardo guardar isso comigo. No começo, não dei muita importância a minha mentira. Minha intenção era mentir. Agora as pessoas a minha volta me fazem querer ser sincero. Elas me fazem querer ser mais decente. Para isso, sinto que preciso dizer a verdade. Agora tenho amigos que são sinceros. Comecei a compreender o que é sinceridade. Sinto uma enorme culpa por tudo.

"Eu era mais leal aos guardas do que a minha família. Éramos espiões uns dos outros. Sei que se disser a verdade as pessoas vão me condenar.

"Quem está do lado de fora tem uma compreensão errada do campo. Não são só os soldados que nos surram. Os próprios prisioneiros não são bondosos uns com os outros. Não há nenhum sentido de comunidade. Sou um daqueles prisioneiros malvados."

Shin disse que não esperava perdão pelo que estava prestes a revelar. Disse que ele mesmo não se perdoara. Parecia também estar fazendo algo mais que expiar uma culpa. Queria explicar — de uma maneira que, reconhecia, iria prejudicar sua credibilidade como testemunha — como o campo havia deformado seu caráter.

Disse que, se quem vive do lado de fora pudesse compreender o que os campos de prisioneiros políticos fizeram — e estão fazendo — com as crianças nascidas do

lado de dentro da cerca, isso redimiria sua mentira e sua vida.

CAPÍTULO 5

A MÃE TENTA FUGIR, SEGUNDA VERSÃO

Esta história começa um dia mais cedo, na tarde de sexta-feira, 5 de abril de 1996.

Quando o dia na escola chegou ao fim, o professor de Shin o surpreendeu. Disse que ele não precisava passar a noite no dormitório. Podia ir para casa e jantar com a mãe.

O professor o estava recompensando por bom comportamento. Após dois anos no dormitório, ele tinha começado a compreender algumas coisas. Demorava-se com menos frequência, apanhava com menos frequência, delatava com mais frequência.

Shin não tinha nenhum desejo especial de passar a noite na casa da mãe. A relação dos dois não melhorara depois que passaram a viver separados. Ele não confiava nela para cuidar dele; ela ainda parecia tensa em sua presença. O professor, contudo, mandou-o para casa. Por isso, ele foi.

Por mais inesperado que tivesse sido para ele ser mandado para casa, teve uma surpresa maior quando chegou lá. Seu irmão também estava lá. Ele trabalhava na fábrica de cimento situada a muitos quilômetros de distância, no extremo sudeste do campo. Shin raras vezes o via, mal o conhecia. He Geun, com 21 anos, saíra de casa havia uma década.

Shin sabia apenas que o irmão não era muito trabalhador. Raramente ganhava permissão para deixar a fábrica e visitar os pais. Para se encontrar na casa da mãe, pensou Shin, ele devia por fim ter feito alguma coisa direito.

A mãe de Shin não ficou particularmente encantada quando o caçula apareceu de surpresa para jantar. Não lhe deu as boas-vindas nem disse que sentira sua falta.

— Ah, você está em casa — foram suas palavras.

Depois preparou a comida, usando sua ração diária de setecentos gramas de fubá para fazer mingau na única panela que possuía. Com tigelas e colheres, ela e os filhos comeram sentados no chão da cozinha. Depois da refeição, Shin foi para o quarto.

Vozes vindas da cozinha despertaram-no. Ele espiou pela porta do quarto, curioso em saber o que a mãe e o irmão estavam aprontando.

A mãe cozinhava arroz. Para Shin, foi como uma bofetada na cara. Fora-lhe servida uma rala sopa de milho, o mesmo mingau insípido que comera todos os

dias de sua vida. Agora o irmão ia comer arroz.

É difícil exagerar a importância do arroz na cultura norte-coreana. Ele significa riqueza, evoca a união de uma família e santifica uma refeição apropriada. Os prisioneiros nos campos de trabalhos forçados quase nunca o comem, e sua ausência é um lembrete diário da normalidade que jamais podem ter.

Fora do campo, a escassez crônica também retirou o arroz das dietas diárias de muitos coreanos, em especial os que pertencem às classes hostis. Desertores adolescentes da Coreia do Norte, ao chegar à Coreia do Sul, contam a psicólogos disponibilizados pelo governo um sonho recorrente: estão sentados a uma mesa com as famílias, comendo arroz quentinho. Entre a elite da capital, um dos símbolos de status mais cobiçados é a panela elétrica de arroz.

Enquanto via a mãe cozinhar, Shin supôs que ela devia ter furtado o arroz, alguns grãos de cada vez, da fazenda onde trabalhava e escondido em casa.

No quarto, o menino ficou furioso.

Também prestou atenção.

Era quase só o irmão que falava. Shin ouviu que He Geun não ganhara um dia de folga. Saíra sem permissão da fábrica de cimento, onde, ao que parecia, havia feito algo errado.

Shin percebeu que o irmão estava em apuros e que provavelmente seria punido quando os guardas o pegassem. A mãe e o irmão discutiam o que deveriam fazer.

Fugir.

Shin ficou assombrado ao ouvir essa palavra. O irmão a pronunciou. Ele planejava escapar dali. A mãe o ajudava. Sua preciosa reserva de arroz era comida para a fuga.

O menino não ouviu a mãe dizer que pretendia ir junto. Mas ela não tentava persuadir o filho mais velho a ficar, embora soubesse que, se ele fugisse ou morresse tentando fazê-lo, ela e os outros membros da família seriam torturados e provavelmente mortos. Todo prisioneiro conhecia a primeira regra do Campo 14, inciso 2: “Qualquer testemunha de uma tentativa de fuga que não a denuncie será fuzilada imediatamente.”

A mãe não parecia alarmada. Mas Shin estava. Seu coração batia com força. Enraivecia-o que ela pusesse a vida dele em risco em benefício do irmão mais velho. Tinha medo de ser envolvido na fuga — e fuzilado.

Sentia-se também enciumado porque o irmão estava ganhando arroz.

No chão do quarto da mãe, enquanto o magoado menino de 13 anos esforçava-se para controlar o medo, seus instintos cultivados no campo falaram mais alto: ele precisava contar para um guarda. Levantou-se, passou pela cozinha e saiu pela porta.

— Aonde você vai? — perguntou-lhe a mãe.

— À latrina — respondeu.

Correu de volta à escola. Era uma hora da manhã. Entrou no dormitório. O professor fora para casa, na aldeia fechada de Bowiwon.

Para quem poderia contar?

No dormitório apinhado onde a turma dormia, encontrou o amigo Hong Sung Jo e o despertou.

Confiava no menino tanto quanto era capaz de confiar em alguém.

Contou-lhe o que a mãe e o irmão planejavam e pediu conselhos. Hung sugeriu contar para o vigia noturno da escola. Foram juntos. Enquanto se dirigiam para o escritório do vigia no prédio principal, Shin pensou numa maneira de tirar proveito de sua informação.

O vigia estava acordado e de uniforme. Os dois meninos entraram no seu escritório.

— Preciso lhe contar uma coisa — disse Shin ao vigia, que ele não conhecia. — Mas antes quero receber uma coisa em troca.

O guarda prometeu que o ajudaria.

— Quero uma garantia de mais comida — disse Shin.

Seu segundo pedido foi ser nomeado líder da sua série na escola, posição que lhe permitiria trabalhar menos e não ser surrado com tanta frequência.

O vigia garantiu ao menino que seus pedidos seriam atendidos.

Fiando-se na promessa do homem, Shin explicou o que o irmão e a mãe estavam planejando e disse onde eles se encontravam. O guarda telefonou para seus superiores. Disse a Shin e Hong que voltassem para o dormitório e descansassem um pouco. Ele cuidaria de tudo.

———

Na manhã após ter traído a mãe e o irmão, homens uniformizados apareceram no pátio da escola à procura de Shin.

Exatamente como escreveu em suas memórias, exatamente como contou a todos na Coreia do Sul, ele foi algemado, vendado, empurrado para o banco de trás de um jipe e transportado em silêncio para uma prisão subterrânea no interior do campo.

Mas Shin sabia por que fora intimado. E esperava que os guardas encarregados pelo Campo 14 soubessem que ele lhes dera uma informação secreta.

CAPÍTULO 6

ESSE FILHO DA PUTA NÃO SE EMENDA!

Shin sabia o que tinha feito; seguira as regras do campo e evitara uma fuga.

— Sabe por que está aqui?

Mas o oficial ignorava que ele havia sido um zeloso informante — ou não se importava com isso.

— Hoje, ao raiar do dia, sua mãe e seu irmão foram pegos tentando fugir. É por isso que você está aqui. Entende? Tinha conhecimento desse fato ou não? Como é possível que não soubesse que sua mãe e seu irmão planejavam fugir? Se quiser viver, tem de desembuchar e dizer a verdade.

Desconcertado e cada vez mais amedrontado, Shin teve dificuldade em falar. Era um informante. Não conseguia compreender por que estava sendo interrogado como um cúmplice.

Mais tarde, chegaria à conclusão de que o vigia noturno reclamara para si todo o mérito pela descoberta do plano de fuga. Ao informar seus superiores, não havia mencionado a participação de Shin.

Mas, naquela manhã na prisão subterrânea, ele não entendia nada. Era um aturdido menino de 13 anos. O oficial com quatro estrelas continuava perguntando por quê, quando e como sua família planejara fugir. Ele não conseguia dizer nada de coerente.

Por fim, o oficial empurrou uns documentos sobre a mesa.

— Nesse caso, canalha, leia isto e deixe uma impressão digital do seu polegar no fim.

O documento era um registro criminal da família. Arrolava os nomes, idades e crimes do pai de Shin e dos 11 irmãos do pai.

O irmão mais velho, Shin Tae Sub, era o primeiro da lista. Junto a seu nome havia uma data: 1951, o segundo ano da Guerra da Coreia. Na mesma linha, Shin viu os crimes do tio: perturbação da ordem pública, atos de brutalidade e deserção para o Sul. Os mesmos delitos estavam listados ao lado do nome do seu segundo tio mais velho.

O menino levou muitos meses para compreender o que lhe fora permitido ver. Os papéis explicavam por que a família de seu pai tinha sido presa no Campo 14.

O crime imperdoável que seu pai cometera fora ser irmão de dois rapazes que haviam se bandeado para o Sul durante uma guerra fratricida que arrasou grande parte da península da Coreia e dividiu centenas de milhares de famílias. O crime

imperdoável de Shin era ser filho de seu pai. Ele nunca lhe explicara nada disso.

Mais tarde o pai lhe contou sobre o dia de 1965 em que a família foi levada pelas forças de segurança. Antes do amanhecer, homens armados invadiram uma casa que pertencia ao avô de Shin no condado de Mundok, na província de Pyongan do Sul, uma fértil região agrícola situada a cerca de sessenta quilômetros da capital, Pyongyang. “Arrumem suas coisas”, gritaram. Eles não explicaram por que a família estava sendo presa ou para onde os levariam. Quando amanheceu, um caminhão apareceu para buscar seus pertences. A família viajou durante um dia inteiro (uma distância de cerca de setenta quilômetros em estradas montanhosas) antes de chegar ao Campo 14.

———

Como lhe foi ordenado, Shin deixou a impressão digital de seu polegar no documento.

Guardas vendaram-no de novo, retiraram-no da sala de interrogatório e o conduziram por um corredor. Quando tiraram a venda, ele leu o número “7” na porta de uma cela. Guardas empurraram-no para dentro e jogaram-lhe um uniforme de prisioneiro.

— Ei, filho da puta, vista isto.

O uniforme servia para um adulto grande. Quando o enfiou em seu corpo baixo e ossudo, ele desapareceu no que, ao tato, parecia um saco de aniagem.

A cela era um quadrado de concreto, que mal tinha espaço suficiente para Shin deitar. Havia uma privada no canto e uma pia com água corrente. A lâmpada pendurada do teto estava acesa quando ele entrou e não podia ser apagada. Na falta de janelas, era impossível distinguir o dia da noite. Havia dois cobertores finos no chão. Não lhe deram nada para comer, e ele não conseguia dormir.

Shin acredita que era o dia seguinte quando guardas abriram a porta, vendaram-no e levaram-no para uma segunda sala de interrogatório, onde dois novos oficiais o esperavam. Eles o mandaram se ajoelhar e o pressionaram a explicar por que sua família queria fugir. Que ressentimentos sua mãe alimentava? O que ele havia discutido com ela? Quais eram as intenções de seu irmão?

Ele disse não ter respostas para essas perguntas.

— Você só viveu poucos anos — disse-lhe um dos guardas. — Basta confessar, ir embora e viver. Gostaria de morrer aqui dentro?

— Eu... realmente não sei de nada — respondeu ele.

Estava cada vez mais amedrontado, cada vez mais faminto e ainda esforçando-se para compreender por que os guardas não sabiam que fora ele que lhes dera a informação sobre a fuga.

Os guardas o devolveram à cela.

No que pareceu ser a manhã do terceiro dia, um dos interrogadores e três

outros guardas entraram na sua cela. Agrilhoaram-lhe os tornozelos, amarraram uma corda a um gancho no teto e dependuraram-no de cabeça para baixo. Depois saíram e trancaram a porta — sem dizer uma palavra.

Os pés de Shin quase tocavam o teto. A cabeça estava suspensa sessenta centímetros acima do chão. Estendendo as mãos, que os guardas não tinham amarrado, ele não conseguia tocar o chão. Contorceu-se e balançou-se, tentando endireitar-se, mas não teve sucesso. Ficou com câimbra no pescoço, e os tornozelos doíam. Por fim suas pernas ficaram dormentes. A cabeça, para onde todo o sangue fluíra, doía mais a cada hora.

Os guardas só voltaram à noite. Desamarraram-no e foram embora, de novo sem abrir a boca. Chegou comida à cela, mas pareceu-lhe quase impossível comer. Não conseguia mover os dedos. Os tornozelos, por causa das afiadas bordas de aço dos grilhões, estavam sulcados e sangravam.

No quarto dia, os interrogadores usavam roupas civis em vez de uniformes.

Depois de ser vendado e retirado da cela, Shin os encontrou numa sala pouco iluminada e de pé-direito muito alto. Parecia uma oficina mecânica.

Uma corrente pendia de um sarilho no teto. Um martelo, um machado, alicates e porretes de vários tamanhos e formatos estavam pendurados em ganchos nas paredes. Numa larga bancada de oficina, ele viu um grande par de tenazes, ferramenta usada para agarrar e transportar peças de metal quente.

— Como se sente nesta sala? — perguntou um dos interrogadores.

Ele não soube o que dizer.

— Vou lhe perguntar mais uma vez — disse o principal interrogador. — O que seu pai, sua mãe e seu irmão pretendiam fazer depois de fugir?

— Eu realmente não sei — respondeu o menino.

— Se disser a verdade agora mesmo, vou salvá-lo. Se não, vou matá-lo. Está entendendo?

Shin lembra-se de uma confusão paralisante.

— Tenho sido bonzinho com você até agora porque é uma criança — disse o interrogador. — Não abuse da minha paciência.

Mais uma vez, ele não conseguiu responder.

— Esse filho da puta não se emenda! — gritou o interrogador principal.

Seus ajudantes aproximaram-se de Shin e arrancaram-lhe as roupas. Grilhões foram presos em volta de seus tornozelos e amarrados à corrente que pendia do teto. O sarilho começou a rodar, derrubando-o. Sua cabeça bateu no chão com um ruído surdo. As mãos estavam presas por uma corda que foi passada por um gancho no teto. Quando terminaram de içá-lo, seu corpo formava um “U”, o rosto e os pés virados para o teto, as costas nuas pendendo sobre o chão.

O interrogador principal fez mais perguntas, aos berros. Pelo que se lembra, Shin não deu nenhuma resposta coerente. O chefe disse a um de seus homens para pegar alguma coisa.

Uma tina cheia de carvão em brasas foi arrastada para debaixo do menino. Um dos interrogadores usou um fole para atiçar as brasas. O sarilho abaixou Shin em direção às chamas.

— Continue até ele falar — disse o chefe.

Enlouquecido de dor, cheirando a carne queimada, Shin contorcia-se para escapar do calor. Um dos guardas passou a mão num gancho de arpão na parede e perfurou-lhe o baixo-ventre, mantendo-o sobre o fogo até que ele perdeu a consciência.

Shin acordou na cela. Estava vestido com a mesma roupa de prisioneiro agora suja com suas fezes e urina. Não tinha a menor ideia de quanto tempo passara inconsciente no chão. A parte inferior de suas costas estava coberta de bolhas e pegajosa com fezes. A carne em volta dos tornozelos fora raspada.

Durante dois dias, ele conseguiu arrastar os pés pela cela e comer. Guardas lhe levaram espigas de milho inteiras cozidas no vapor, junto com mingau de milho e sopa de repolho. Mas, à medida que suas queimaduras se infeccionavam, ficou febril, perdeu o apetite e tornou-se quase incapaz de se mexer.

Vendo-o enroscado no chão da cela, um guarda gritou no corredor da prisão: "Esse tampinha é mesmo durão."

Shin presume que dez dias chegaram e se foram antes do interrogatório final. Este aconteceu em sua cela porque ele estava fraco demais para se levantar do chão. Mas não sentia mais medo. Pela primeira vez, encontrou palavras para se defender.

— Fui eu que denunciei isso — disse. — Fiz um bom trabalho.

Os interrogadores não lhe deram crédito. Mas, em vez de ameaçá-lo ou feri-lo, fizeram-lhe perguntas. Ele explicou tudo que ouvira na casa da mãe e o que contara ao vigia noturno na escola. Implorou aos interrogadores que falassem com Hong Sung Jo, o colega de classe que poderia confirmar a história.

Eles não prometeram nada e saíram da cela.

A febre de Shin agravou-se. As bolhas nas costas incharam com pus. Sua cela cheirava tão mal que os guardas se recusavam a pisar lá dentro.

Após vários dias (embora o intervalo de tempo exato não seja claro, pois o menino mergulhava e emergia de um delírio), guardas abriram a porta da cela e ordenaram que dois prisioneiros entrassem. Eles levantaram Shin do chão e o carregaram pelo corredor até outra cela. Guardas o trancaram lá dentro. Havia outro prisioneiro ali.

Shin obtivera uma comutação. Hong confirmara sua história. Ele nunca mais veria o vigia noturno da escola.

CAPÍTULO 7

O SOL BRILHA ATÉ EM TOCAS DE CAMUNDONGO

Pelos padrões do Campo 14, o companheiro de cela de Shin era extraordinariamente velho, com cerca de cinquenta anos. Ele se recusou a explicar por que estava trancado na prisão subterrânea, mas contou que havia passado muitos anos lá e sentia uma falta terrível do sol.

Pálido, a pele dura era bamba sobre os ossos descarnados. Seu nome era Kim Jin Myung. Pediu para ser chamado de "Tio".

Durante várias semanas, Shin não teve condições de falar muito sobre coisa alguma. A febre o mantinha enroscado no chão frio, onde esperava morrer. Não conseguia comer e disse ao companheiro de cela que ficasse com seu alimento. Tio comeu um pouco, mas só até o menino recobrar o apetite.

Nesse meio-tempo, Tio passou a trabalhar como enfermeiro de Shin em tempo integral.

Ele transformava as horas das refeições em um momento terapêutico. Três vezes ao dia, usava uma colher de pau como um rodo sobre as bolhas infeccionadas de Shin.

— Há muito pus aqui — disse a Shin. — Vou raspá-lo fora, por isso tenha paciência.

Ele esfregava sopa de repolho salgado nas feridas do menino como desinfetante. Massageava-lhe os braços e as pernas para que seus músculos não atrofiassem. Para evitar que urina e fezes entrassem em contato com os ferimentos, carregava o urinol da cela até o garoto e o erguia de modo que pudesse usá-lo.

Shin calcula que esse tratamento intensivo se prolongou por cerca de dois meses. Tinha a impressão de que Tio já tinha feito esse tipo de trabalho antes, a julgar por sua competência e tranquilidade.

Volta e meia, Shin e Tio podiam ouvir os berros e gemidos de um prisioneiro sob tortura. A sala com o sarilho e os porretes parecia ficar logo adiante no corredor. As regras da prisão proibiam os detentos de conversar. Mas em sua cela, que mal tinha espaço para os dois se deitarem lado a lado, eles podiam sussurrar. Mais tarde Shin descobriu que os guardas tinham conhecimento dessas conversas.

Tio parecia desfrutar de uma situação especial junto aos guardas. Eles lhe cortavam o cabelo e lhe emprestavam tesouras para que pudesse aparar a barba. Levavam-lhe copos d'água. Diziam-lhe a hora do dia quando ele perguntava.

Davam-lhe comida extra, grande parte da qual ele compartilhava com Shin.

— Garoto, você tem muitos dias para viver — dizia Tio. — Dizem que o sol brilha até em tocas de camundongo.

As habilidades do velho e suas palavras bondosas mantiveram o menino vivo. Sua febre diminuiu, a mente desanuviou e as queimaduras cicatrizaram.

Era a primeira exposição de Shin a uma bondade constante, e ele se sentia indizivelmente grato. Mas também achava aquilo intrigante. Não havia confiado na mãe para impedir que ele passasse fome. Na escola, não confiava em ninguém, com a possível exceção de Hong Sung Jo, e delatava todo mundo. Em troca, esperava ofensa e traição. Na cela, Tio pouco a pouco reconfigurou essas expectativas. O velho dizia sentir-se solitário e parecia genuinamente feliz por compartilhar seu espaço e suas refeições com mais alguém. Nunca irritou ou amedrontou Shin uma vez sequer, nunca solapou sua recuperação.

A rotina da vida na prisão após o interrogatório e a tortura de Shin — afora a gritaria que ecoava periodicamente pelo corredor da prisão — era estranhamente segura.

Embora a comida fosse insípida, os guardas a forneciam em quantidade suficiente para que Shin e Tio sobrevivessem. Não havia trabalho externo perigoso, nenhuma cota exaustiva a ser cumprida. Pela primeira vez na vida, Shin não era obrigado a fazer nenhum trabalho braçal.

A não ser pelos cuidados com o menino, Tio era um homem ocioso. Fazia exercícios todos os dias em sua cela. Cortava o cabelo de Shin. Tinha uma conversa interessante, e seu conhecimento sobre a Coreia do Norte impressionava o menino, em especial quando o assunto era comida.

— Tio, conte-me uma história — dizia Shin.

O velho descrevia o aspecto, o cheiro e o sabor da comida fora da cerca. Graças às suas amorosas descrições de porco assado, frango cozido e mariscos comidos à beira-mar, o apetite do menino voltou com força redobrada.

À medida que sua saúde melhorava, os guardas começaram a chamá-lo fora da cela. Agora sabiam muito bem que Shin havia delatado a própria família. Pressionavam-no para dar informações sobre o velho.

— Vocês dois estão juntos lá dentro — disse-lhe um guarda. — O que diz o velho? Não esconda nada.

Quando ele voltava à cela, Tio queria saber:

— O que eles lhe perguntaram?

Imprensado entre seu enfermeiro e os carcereiros, Shin optou por contar a verdade para os dois lados. Contou a Tio que os guardas lhe haviam pedido para ser um informante. Isso não surpreendeu o velho. Ele continuou a entreter o menino com longas histórias sobre coisas boas para comer. Mas não oferecia informações biográficas. Não falava sobre sua família. Não expressava nenhuma opinião sobre o governo.

Shin achava — com base na maneira de falar de Tio — que ele fora outrora um

homem importante e instruído. Mas era apenas uma suposição.

Embora fosse um crime falar em fugir do Campo 14, não era contra as regras fantasiar sobre como seria a vida se o governo libertasse a pessoa. Tio disse a Shin que os dois seriam soltos um dia. Até lá, acrescentou, tinham a obrigação sagrada de permanecer fortes, viver o quanto fosse possível e nunca pensar em suicídio.

— E você, o que acha? — Tio perguntava depois para Shin. — Acredita que eu também serei capaz de sair?

Ele duvidava, mas não disse nada.

Um guarda destrancou a porta da cela e entregou a Shin o uniforme escolar que ele usava no dia de sua chegada à prisão subterrânea.

— Depressa, vista estas roupas e venha comigo — disse o guarda.

Enquanto se trocava, o menino perguntou a Tio o que iria acontecer. O velho assegurou-lhe que ele estaria a salvo e que os dois voltariam a se encontrar do lado de fora.

— Deixe-me segurá-lo uma vez — disse, apertando com força ambas as mãos de Shin.

O menino não queria partir. Ele nunca confiara em ninguém, nunca amara ninguém antes. Nos anos seguintes, pensaria no velho na cela escura com muito mais frequência e muito mais afeição do que nos pais. Mas, depois que os guardas o tiraram da cela e trancaram a porta, nunca mais viu Tio.

CAPÍTULO 8

O OLHAR DA MÃE É EVITADO

Levaram Shin para a sala ampla e vazia onde, no início de abril, ele fora interrogado pela primeira vez. Estavam agora no final de novembro. Ele acabara de completar 14 anos. Fazia mais de meio ano que não via o sol.

O que viu na sala o chocou: seu pai estava ajoelhado diante de dois interrogadores sentados às suas escrivaninhas. Parecia muito mais velho e atormentado que antes. Tinha sido levado para o subterrâneo na mesma época que o filho.

Ajoelhando-se ao lado do pai, Shin viu que a perna direita dele virava-se para fora de uma maneira anormal. Shin Gyung Sub também havia sido torturado. Abaixo de seu joelho, os ossos das pernas haviam sido quebrados e tinham se consolidado num ângulo esquisito. O ferimento poria fim a seu trabalho relativamente confortável como mecânico e operador de torno. Agora teria de claudicar de um lado para outro como trabalhador não especializado numa equipe de construção.

Durante o tempo que o pai de Shin passara na prisão subterrânea, os guardas lhe contaram que o filho caçula denunciara o plano de fuga. Mais tarde, quando o menino teve uma oportunidade de falar com ele sobre o assunto, a conversa foi tensa. O pai lhe disse que era melhor contar aos guardas do que correr o risco de esconder o plano. Mas seu tom cáustico confundiu Shin. Ele dava a entender que sabia que o primeiro instinto do filho era delatar.

— Leiam isto e ponham suas impressões digitais — disse um dos interrogadores, entregando um documento a Shin e outro a seu pai. Era um acordo de confidencialidade, estipulando que pai e filho não contariam a ninguém o que se passara dentro da prisão. Se falassem, dizia o documento, seriam punidos.

Após pressionar os polegares besuntados de tinta nos respectivos formulários, os dois foram algemados, vendados e levados até o elevador. Na superfície, ainda com as algemas e as vendas, foram guiados para o banco de trás de um pequeno carro e levados dali.

No carro, Shin supôs que ele e o pai seriam devolvidos à população do campo. Os guardas não os teriam obrigado a assinar um compromisso de sigilo para fuzilá-los em seguida. Não fazia sentido. Mas, quando o carro parou trinta minutos depois e a venda foi retirada, ele entrou em pânico.

Uma multidão se reunira na plantação de trigo vazia perto da casa de sua mãe.

Era o lugar onde Shin testemunhara duas ou três execuções por ano desde que se entendia por gente. Uma forca improvisada havia sido construída e um poste de madeira fora fincado no chão.

Naquele momento, Shin se convenceu de que ele e o pai seriam executados. Ficou intensamente consciente do ar que entrava e saía de seus pulmões. Disse a si mesmo que aquelas eram as últimas respirações de sua vida.

Seu pânico amainou quando o guarda ladrou o nome do pai.

— Ei, Gyung Sub. Sente-se bem na frente.

Shin recebeu ordem de acompanhar o pai. Um guarda retirou-lhes as algemas. Eles se sentaram. O oficial que supervisionava a execução começou a falar. A mãe e o irmão de Shin foram arrastados.

Shin não os vira nem ouvira falar coisa alguma sobre seu destino desde que saíra da casa da mãe na noite em que os entregara.

— Executem Jang Hye Gyung e Shin He Geun, traidores do povo — disse o oficial mais graduado.

Shin olhou para o pai. Ele chorava em silêncio.

A vergonha que Shin sente por essas execuções foi exacerbada ao longo dos anos pelas mentiras que começou a contar na Coreia do Sul.

— Não há nada em minha vida que se compare a esse fardo — disse-me ele na Califórnia quando explicou como e por que tinha deturpado seu passado.

No dia das execuções, porém, não sentiu vergonha. Estava furioso. Odiava a mãe e o irmão com a clareza selvagem de um adolescente enganado e ferido.

Na sua maneira de ver as coisas, ele havia sido torturado e quase morrera, e o pai ficara aleijado, por causa da trama absurda e egoísta dos dois.

E, minutos apenas antes de vê-los no campo de execução, Shin acreditara que seria fuzilado por causa da imprudência deles.

Quando os guardas arrastaram sua mãe para a forca, Shin viu que ela parecia inchada. Eles a obrigaram a subir num caixote de madeira, amordaçaram-na, amarraram-lhe os braços atrás das costas e apertaram-lhe um laço em volta do pescoço. Não cobriram seus olhos inchados.

Ela esquadrinhou a multidão e encontrou Shin. Ele se recusou a sustentar o olhar.

Quando guardas empurraram o caixote, ela se sacudiu de um lado para outro, desesperadamente. Enquanto observava a luta da mãe, Shin pensava que ela merecia morrer.

O irmão de Shin parecia macilento e frágil quando os guardas o amarraram ao poste de madeira. Eles dispararam três vezes os seus fuzis. Balas arrebentaram a corda que atava a testa do prisioneiro ao poste. Foi uma morte sangrenta, com

miolos espalhados, um espetáculo que nauseou e amedrontou Shin. Mas ele pensava que o irmão também merecia aquilo.

CAPÍTULO 9

FILHO DA PUTA REACIONÁRIO

Execuções de pais por tentativa de fuga não eram incomuns no Campo 14. Shin testemunhou várias delas antes e depois do enforcamento da mãe. Não estava claro, porém, o que acontecia com as crianças que eles deixavam para trás. Até onde Shin podia determinar, nenhuma delas tinha permissão para frequentar a escola.

Exceto ele.

Talvez porque fosse um delator comprovado, as autoridades o mandaram de volta para a escola. Mas o retorno não foi fácil.

As dificuldades começaram assim que Shin percorreu a pé o caminho entre o campo de execução e sua escola, onde o professor quis ter uma conversa com ele, em particular. O menino conhecia esse homem havia dois anos (embora nunca tenha sabido seu nome) e o considerava relativamente justo, ao menos pelos padrões do campo.

Na reunião, porém, o professor mostrou-se extremamente colérico. Queria saber por que ele informara o vigia noturno sobre o plano de fuga.

— Por que não falou comigo antes? — gritou.

— Eu queria, mas não consegui encontrá-lo — respondeu Shin, explicando que era tarde da noite e a residência dos professores era uma área inacessível para prisioneiros.

— Você poderia ter esperado até de manhã — disse o professor.

Seus superiores não lhe haviam atribuído nenhum mérito pela revelação do plano de fuga. Ele culpou Shin por essa injustiça e o advertiu de que pagaria por sua imprudência. Quando a turma do menino, com uns 35 alunos, reuniu-se mais tarde na sala de aula, o professor apontou para Shin e gritou:

— Venha até a frente. Ajoelhe-se!

Shin passou quase seis horas ajoelhado no piso de concreto. Quando se mexia para aliviar o desconforto, o professor lhe dava uma pancada com a vara de apontar.

No seu segundo dia, Shin foi com a turma para uma das fazendas do campo para

colher palha de milho e transportá-la para uma área de debulha. Ele levantou nas costas um cesto repleto de palha. Era um trabalho relativamente leve comparado ao de empurrar gôndolas de carvão, mas exigia o uso de uma espécie de arreio com uma correia de couro que esfolou a pele sensível das cicatrizes na parte inferior das suas costas e no cóccix.

Logo começou a escorrer sangue por suas pernas. As calças de seu uniforme escolar ficaram ensopadas.

Shin não ousava se queixar. O professor o advertira de que teria de trabalhar mais arduamente que os colegas para purgar os pecados da mãe e do irmão.

Na escola e durante os trabalhos no campo, todos os alunos tinham de pedir permissão para urinar e defecar. Quando Shin fez seu primeiro pedido para ir ao banheiro após ser libertado da prisão, o professor negou. Ele tentava segurar-se durante o dia na escola, mas acabava urinando nas calças umas duas vezes por semana, em geral quando trabalhava ao ar livre com outros estudantes. Como era inverno e fazia muito frio, tinha de trabalhar com as calças enrijecidas de urina.

Shin conhecia a maior parte de seus colegas de classe desde que tinham sete anos, quando entraram juntos na escola primária. Embora fosse menor que a maioria, eles costumavam tratá-lo em pé de igualdade. Agora, seguindo o exemplo do professor, começaram a troçar dele e a maltratá-lo.

Tomavam-lhe sua comida, davam-lhe socos no estômago e o xingavam. Quase todos os xingamentos eram variações em torno de "filho da puta reacionário".

Shin não sabe ao certo se os colegas tinham conhecimento de que ele traíra a mãe e o irmão. Ele acredita que seu amigo de infância, Hong, não contou a ninguém. Seja como for, nunca foi provocado por ter traído sua família. Esse teria sido um insulto antipatriótico e arriscado para o pátio da escola, uma vez que todos os estudantes recebiam ordens dos professores e dos guardas de denunciar suas famílias e uns aos outros.

Antes de ir para a prisão, Shin conseguira fazer uma aliança estratégica em sua turma. Fizera amizade com Hong Joo Hyun, o líder da série. (Era a função que ele havia tentado conquistar na noite em que delatou sua família.) Hong comandava os estudantes nas missões de trabalho e tinha autorização do professor para socar e chutar os colegas que parecessem preguiçosos. Era também o informante em que o professor mais confiava.

O próprio Hong podia apanhar ou ser privado de refeições se a classe se mostrasse indisciplinada durante o trabalho de campo e não cumprisse as cotas. Sua posição era semelhante à de prisioneiros adultos conhecidos como jagubbanang, ou administradores de turma. Os guardas davam a esses administradores, que eram sempre homens e tendiam a ser fisicamente imponentes, uma autoridade praticamente ilimitada sobre outros prisioneiros. Como tinham de responder pelos fracassos de suas turmas, eles costumavam ser mais vigilantes, brutais e implacáveis que os próprios guardas.

Depois que a mãe e o irmão de Shin foram executados, Hong passou a observá-

lo com muita atenção. Durante uma tarefa de conserto de uma estrada, ele reparou que Shin havia carregado uma quantidade excessiva de pedras num carrinho de mão. Shin fez várias tentativas de empurrá-lo sem conseguir, pois estava pesado demais para seu corpo enfraquecido.

Quando Shin viu o líder de sua série aproximar-se com uma pá, a princípio esperou alguma ajuda. Pensou que Hong fosse ordenar que outros estudantes colaborassem e empurrassem o carrinho. Em vez disso, Hong brandiu a pá e golpeou Shin nas costas, jogando-o no chão.

— Empurre seu carrinho de mão da forma correta — disse Hong.

Chutou Shin no lado da cabeça e mandou que se levantasse. Enquanto o menino se esforçava para ficar de pé, Hong mais uma vez brandiu a pá e amassou-lhe o nariz, que começou a sangrar.

Depois dessa surra, estudantes mais novos e menores do que Shin começaram a insultar sua mãe. Com o estímulo do professor, xingavam-no e socavam-no.

Por força de seu confinamento no subsolo, Shin perdera muito de sua força e quase toda a resistência. Seu retorno aos trabalhos árduos, aos longos turnos e às refeições escassas na escola o deixou com uma fome quase insana.

No refeitório da escola, ele estava sempre surrupiando sopa de repolho derramada, enfiando a mão em líquido frio e sujo caído no chão e lambendo os dedos. Vasculhava pisos, estradas e campos à procura de grãos de arroz, feijões ou estrume de vaca que pudesse conter grãos de milho não digeridos.

Numa manhã de dezembro, cerca de duas semanas depois de voltar à escola, quando estava trabalhando com um grupo, encontrou um sabugo de milho ressecado num monte de palha e devorou-o. Hong Joo Hyun, que estava por perto, correu para cima dele, agarrou-o pelo cabelo e arrastou-o até um professor que estava próximo.

— Professor, em vez de trabalhar, Shin está só catando comida no lixo.

Quando o menino caiu de joelhos para implorar perdão (uma humilhação ritual que ele executava instintivamente), o professor golpeou-o na cabeça com a bengala e gritou, chamando o resto da classe para ajudar a punir o catador de comida no lixo.

— Venham esbofeteá-lo — disse o professor.

Shin sabia o que se aproximava. Esbofeteara e socara muitos de seus colegas de classe numa rodada de punição coletiva. Os estudantes fizeram fila diante dele. As meninas lhe davam tapas na face direita, os meninos na esquerda. Ele acredita que a fila girou cinco vezes antes que o professor anunciasse a hora do almoço.

Antes de ser confinado na prisão secreta e antes que o professor e os colegas começassem a atormentá-lo, Shin não pensara em culpar ninguém por ter nascido

dentro do Campo 14.

Sua existência limitada o mantinha concentrado em encontrar comida e evitar surras. Era indiferente ao mundo exterior, aos pais e à história de sua família. Tanto quanto possível, ele acreditava na pregação dos guardas sobre pecado original. Como filho de traidores, sua única redenção — e único meio de evitar a fome — era o trabalho árduo.

De volta à escola, porém, não cabia em si de ressentimento. Ainda não carregava a culpa em relação à mãe e ao irmão; isso viria muito mais tarde. Mas os meses que passara na cela com Tio haviam levantado, ainda que apenas ligeiramente, a cortina que ocultava o mundo além da cerca.

Shin tornara-se consciente do que nunca poderia comer e do que nunca poderia ver. A imundície, o fedor e a aridez do campo esmagavam-lhe o espírito. À medida que se tornava marginalmente consciente de si mesmo, ele descobria a solidão, a tristeza e a ansiedade.

Acima de tudo, sentia-se furioso com os pais. O plano da mãe, acreditava, havia desencadeado sua tortura. Culpava-a, também, pela violência e humilhação a que era submetido pelo professor e os colegas. Desprezava tanto a mãe quanto o pai por terem procriado egoisticamente num campo de trabalhos forçados, por terem gerado filhos condenados a morrer atrás de arame farpado.

No campo de execução, nos momentos que se seguiram à morte da mãe e do irmão, o pai tentara consolá-lo.

— Você está bem? Está machucado em algum lugar? Viu sua mãe lá dentro? — perguntou ele repetidamente, referindo-se à prisão subterrânea.

Shin estava enraivecido demais para responder.

Depois da execução, parecia-lhe desagradável até dizer a palavra "pai". Nas raras ocasiões em que tinha folga da escola — cerca de 14 dias por ano —, esperava-se que fosse visitá-lo. Durante as visitas, ele muitas vezes se recusava a falar.

O pai tentava desculpar-se.

— Sei que você está sofrendo porque tem os pais errados — disse ele a Shin. — Você teve a falta de sorte de ser nosso filho. O que pode fazer? As coisas simplesmente aconteceram assim.

———

O suicídio é uma forte tentação para norte-coreanos arrancados de vidas comuns e sujeitados ao regime de labuta, fome, surras e privação de sono dos campos de trabalhos forçados.

"O suicídio não era incomum no campo", escreveu Kang Chol-hwan em suas memórias sobre a década que passou no Campo 15. "Vários de nossos vizinhos seguiram esse caminho. [...] Em geral deixavam cartas criticando o regime, ou no

mínimo a Força de Segurança. [...] Verdade seja dita, alguma forma de punição sempre seria imposta à família, quer um bilhete crítico fosse deixado ou não. Era uma regra que não admitia exceções. O partido via o suicídio como uma tentativa de escapar a seu domínio, e, se o indivíduo que tentara o ardil não estava por perto para pagar por isso, alguém mais precisava pagar no lugar dele.”[1]

Segundo a Associação Coreana dos Advogados em Seul, a Agência de Segurança Nacional da Coreia do Norte adverte todos os prisioneiros de que o suicídio será punido com sentenças mais longas para os parentes que sobreviverem.

Em suas memórias sobre seis anos passados em dois dos campos, Kim Yong, um ex-tenente-coronel do Exército norte-coreano, diz que o atrativo do suicídio era “irresistível”.

“Já não sendo mais capazes de sentir fome, os prisioneiros deliravam constantemente”, escreveu Kim, que disse ter passado dois anos no Campo 14 até ser transferido para o Campo 18, do outro lado do rio Taedong, uma prisão política onde a guarda era menos brutal e os prisioneiros eram ligeiramente mais livres.

Na tentativa de pôr fim ao delírio que o dominava no Campo 14, Kim disse que pulou dentro de um poço de mina. Após tombar no fundo do poço, gravemente ferido, sentiu mais desapontamento que dor: “Lamentei não ter conseguido encontrar uma maneira melhor de realmente pôr fim àquele tormento indescritível.”[2]

Para Shin, por mais miserável que sua vida tivesse se tornado após a execução da mãe e do irmão, o suicídio nunca foi mais que um pensamento passageiro.

Havia uma diferença fundamental, em sua opinião, entre prisioneiros que chegavam de fora e aqueles nascidos no campo: muitos dos primeiros, despedaçados pelo contraste entre um passado confortável e um presente cruel, não conseguiam encontrar ou manter a vontade de sobreviver. Um perverso benefício do nascimento no campo era a completa ausência de expectativas.

E assim a miséria de Shin nunca se transformou em completo desespero. Ele não tinha nenhuma esperança a perder, nenhum passado a lamentar, nenhum orgulho a defender. Não lhe parecia degradante lamber sopa caída no chão. Não se envergonhava de suplicar o perdão dos guardas. Não lhe perturbava a consciência trair um amigo por comida. Eram apenas técnicas de sobrevivência, não motivos para suicídio.

Os professores de Shin raramente eram designados para outras tarefas. Nos sete anos desde que entrara na escola, ele só conhecera dois mestres. Quatro meses após a execução, porém, houve uma trégua. Certa manhã, o professor que o atormentava — e estimulava seus colegas de classe a fazer o mesmo —

desapareceu.

Seu substituto não deu nenhuma indicação exterior de que seria em alguma medida menos truculento. Como quase todos os guardas no campo, era um homem sem nome e de aspecto forte; tinha uns trinta e poucos anos e exigia que os alunos desviassem o olhar e abaixassem a cabeça ao falar com ele. Shin lembra-se de que era tão frio, distante e dominador quanto os outros.

O novo mestre, no entanto, não parecia querer que ele morresse de fome.

Em março de 1997, cerca de quatro meses após Shin ser libertado da prisão subterrânea, a morte por inanição tornara-se uma possibilidade real para ele. Supliciado pelo professor e pelos colegas, ele não conseguia encontrar alimento suficiente para manter seu peso. Parecia não ser capaz de se recuperar das queimaduras. Suas cicatrizes ainda sangravam. Ficou mais fraco e muitas vezes era incapaz de concluir suas tarefas, o que acarretava mais surras, menos comida, mais sangramentos.

O novo professor o levava para o refeitório após os horários das refeições. Dizia-lhe para comer todos os restos que pudesse encontrar. De vez em quando lhe dava comida às escondidas. Designava-lhe também tarefas menos árduas e assegurava que ele tivesse um lugar quente para dormir no chão do dormitório dos estudantes.

E, o que era igualmente importante, impedia os colegas de classe de surrá-lo e de surrupiar-lhe comida. Os insultos sobre sua mãe morta terminaram. Hong Joo Hyun, o líder da classe que lhe batera no rosto com uma pá, tornou-se de novo seu amigo. Shin ganhou algum peso. As queimaduras em suas costas afinal sararam.

Talvez o novo mestre sentisse pena de uma criança maltratada que vira a mãe morrer. É também possível que guardas mais graduados do campo tenham descoberto que um professor desgostoso estava maltratando um delator confiável. Talvez o substituto tivesse recebido ordens de manter o menino vivo.

Shin jamais teve alguma pista do que levava o novo professor a tratá-lo daquela forma. Mas tem certeza de que, sem sua ajuda, teria morrido.

CAPÍTULO 10

OPERÁRIO

Tratores rebocavam comida para o local de trabalho todos os dias. Eram montes de milho moído e tonéis fumegantes de sopa de repolho.

Shin tinha 15 anos e trabalhava ao lado de milhares de prisioneiros. Era 1998, e eles construíam a barragem de uma hidrelétrica no rio Taedong, que forma a fronteira sul do Campo 14. O projeto era urgente o bastante para justificar que os estômagos dos operários escravizados fossem preenchidos três vezes ao dia. Os guardas também permitiam que eles — cerca de cinco mil prisioneiros adultos e umas duas centenas de alunos da escola secundária do campo — apanhassem peixes e rãs no rio.

Pela primeira vez na vida, Shin comeu bem durante um ano inteiro.

O governo norte-coreano decidira que o campo, com sua cerca de alta voltagem e suas fábricas que produziam grandes quantidades de uniformes militares, artigos de vidro e cimento, precisava de um fornecimento local confiável de eletricidade, e bem depressa.

— Ei! Ei! Ei! Está desmoronando! Desmoronando!

Shin berrou o aviso. Ele estava puxando placas de concreto fresco para a turma quando percebeu que um muro recém-erguido havia rachado e começava a desabar. Debaixo dele, uma equipe com oito terminava outro muro.

Ele gritou o mais alto que pôde. Mas era tarde demais.

Todos os trabalhadores — três adultos, junto com três meninas e dois meninos, todos de 15 anos — morreram. Vários foram tão esmagados que ficaram irreconhecíveis. O guarda supervisor não interrompeu o trabalho após o acidente. No fim do turno, simplesmente mandou que Shin e outros trabalhadores dessem fim aos corpos.

———

Rios de curso rápido, grandes e pequenos, entrecruzam-se nas montanhas da Coreia do Norte. Seu potencial energético é tamanho que, antes da divisão, 90% da eletricidade da península coreana vinha do Norte.[1]

Sob a dinastia da família Kim, porém, o governo havia deixado de construir ou manter uma rede de eletricidade nacional confiável ligada a usinas hidrelétricas, muitas das quais situadas em áreas remotas. No início dos anos 1990, quando a

União Soviética parou de fornecer óleo barato, os geradores das cidades, alimentados com esse, deixaram de funcionar. As luzes apagaram-se em quase todo o país. Na maior parte do tempo, continuam apagadas.

Fotografias de satélite da península coreana à noite mostram um buraco negro entre a China e a Coreia do Sul. Não há energia suficiente no país sequer para manter a iluminação de Pyongyang, onde o governo tenta mimar a elite. Em fevereiro de 2008, quando viajei por três dias e duas noites até a capital como integrante de uma grande delegação de jornalistas estrangeiros que cobririam uma apresentação da Filarmônica de Nova York, o governo conseguiu acender as luzes em grande parte da cidade. Quando a orquestra e a imprensa se foram, elas voltaram a se apagar.

Faz sentido, portanto, que a construção de usinas hidrelétricas de pequeno e médio portes — capazes de servir à indústria local e que podem ser construídas basicamente com trabalho braçal e emprego de tecnologia rudimentar — tenha sido uma prioridade desde os anos 1990. Num frenesi, milhares delas foram erguidas.

Além de protelar o colapso econômico, as barragens são ideologicamente sedutoras para a família que governa o país. Segundo a história contada por seus hagiógrafos, a façanha intelectual mais importante de Kim Il Sung — a brilhante ideologia juche — afirma que o orgulho nacional caminha de mãos dadas com a autossuficiência.

Como o Grande Líder explicou:

> Estabelecer juche significa, em síntese,
> ser o senhor da revolução e
> da reconstrução no próprio país. Isso
> significa aferrar-se com firmeza a uma posição
> independente, rejeitando a dependência em relação a outros,
> usando a própria inteligência, acreditando na
> própria força, manifestando o
> espírito revolucionário da autoconfiança,
> e assim resolver os próprios problemas por
> si mesmo e sob a própria responsabilidade em
> todas as circunstâncias.[2]

Nada disso, é claro, é sequer remotamente possível num país tão mal governado quanto a Coreia do Norte. Ela sempre dependeu de esmolas de governos estrangeiros, e, se elas terminassem, a dinastia Kim provavelmente desabaria. Mesmo nos melhores anos, o país não consegue se alimentar. Não possui nenhum petróleo, e sua economia nunca foi capaz de gerar dinheiro suficiente para a aquisição de combustível ou alimentos no mercado mundial.

A Coreia do Norte teria perdido a Guerra da Coreia e desaparecido como Estado sem a ajuda dos chineses, que combateram os Estados Unidos e outras forças ocidentais até levá-los a um impasse. Até os anos 1990, a economia foi, em grande

parte, sustentada por subsídios da União Soviética. De 2000 a 2008, a Coreia do Sul escorou o Norte — e comprou para si certa dose de coexistência pacífica — com enormes doações incondicionais de fertilizantes e alimentos, ao lado de generosos investimentos.

Desde então, Pyongyang tornou-se cada vez mais dependente da China para o comércio em condições facilitadas, auxílio alimentar e combustível. Uma indicação reveladora da crescente influência da China é que em 2010, nos meses anteriores à emergência oficial de Kim Jong Eun como o sucessor escolhido de Kim Jong Il, o enfermo e idoso Kim viajou duas vezes a Pequim, onde, segundo diplomatas, pediu a bênção da China para seu plano de sucessão.

Em que pese a realidade, a Coreia do Norte defende a autossuficiência como a condição sine qua non da muito alardeada meta do país: tornar-se "uma grande, próspera e poderosa nação" até 2012, o centenário do nascimento de Kim Il Sung.

Para esse fim fantástico, o governo recruta regularmente as massas em tarefas miseráveis enfeitadas por nobres lemas. A propaganda pode ser bastante criativa: a fome foi reembalada como a "Árdua Marcha", uma luta patriótica que os norte-coreanos são estimulados a vencer com o inspirador slogan "Vamos fazer duas refeições por dia".

Na primavera de 2010, quando a escassez de comida voltou a se tornar severa, o governo lançou uma grande campanha "de volta ao campo" para convencer moradores das cidades a se mudar para a zona rural e se dedicar à agricultura. Esses citadinos seriam reforços permanentes para "o combate do plantio do arroz", a campanha anual que envia trabalhadores de escritório, estudantes e soldados para o campo durante dois meses na primavera e duas semanas no outono. No inverno, as pessoas da cidade são encarregadas de coletar suas fezes (e as de seus vizinhos) para o plantio da primavera.

Outras tarefas urgentes e patrióticas que os norte-coreanos foram estimulados a empreender incluem "Vamos criar peixes mais produtivos!", "Vamos expandir a criação de cabras e formar mais pastos como determina o Partido!" e "Vamos cultivar mais girassóis!". O sucesso dessas campanhas exortativas foi relativo, na melhor das hipóteses, em especial no que diz respeito aos esforços extremamente impopulares do governo para atrair pessoas criadas na cidade para exaustivos trabalhos agrícolas.

Para o projeto da barragem no interior do Campo 14, esses problemas de motivação não existiram.

Segundo Shin, logo depois que os guardas anunciaram uma nova "arregimentação de esforços" para construir uma represa hidrelétrica, milhares de prisioneiros adultos marcharam das fábricas para dormitórios improvisados

erguidos perto da margem norte do Taedong. Shin e seus colegas de classe deixaram o dormitório escolar. Todos trabalhavam, comiam e dormiam no canteiro de obras, localizado quase dez quilômetros a sudeste do centro do campo.

O trabalho na barragem — que fotografias de satélite mostram ser uma substancial estrutura de concreto que transpõe um rio largo, com turbinas e desaguadouros abraçando a margem norte — era incessante. Caminhões traziam cimento, areia e pedras. Shin viu uma única escavadeira movida a óleo diesel. A maior parte da escavação e da construção era feita por operários que usavam pás, baldes e mãos nuas.

Shin já havia visto prisioneiros morrerem no campo — de fome, de doença, em consequência de surras e em execuções públicas —, mas não como parte rotineira do trabalho.

O maior número de vítimas fatais ocorreu logo depois que a construção em plena escala começou. Em julho de 1998, na estação chuvosa, uma enxurrada repentina desceu o Taedong, arrastando consigo centenas de operários e estudantes que trabalhavam na barragem. De seu posto, em um lugar alto da margem do rio, onde retirava areia, Shin os viu desaparecer. Logo o puseram para trabalhar confirmando as identidades dos estudantes mortos e enterrando seus corpos.

No terceiro dia após a cheia, ele se lembra de que carregou nas costas o corpo inchado de uma menina. A princípio ele estava mole, mas logo enrijeceu, as pernas e os braços rígidos jogados para os lados. Para espremer o corpo num túmulo estreito, cavado à mão, ele teve de juntar os membros à força.

As águas arrancaram as roupas de alguns estudantes afogados. Quando Hong Joo Hyun descobriu um colega de classe nu, em meio aos escombros deixados pela enxurrada, despiu as próprias roupas e cobriu o corpo.

À medida que a limpeza continuava, Shin competia com muitos outros estudantes para achar corpos. Para cada corpo que enterravam, os guardas os recompensavam com uma ou duas porções de arroz.

O Taedong, tal como corria pelo Campo 14, era largo e rápido demais para congelar no inverno norte-coreano, o que permitia que a construção da barragem prosseguisse durante o ano todo. Em dezembro de 1998, Shin recebeu ordem de vadear pelos baixios do rio para recolher pedras grandes. Incapaz de suportar o frio, ele se juntou a vários outros estudantes que tentavam sair da água sem a aprovação do guarda.

— Saiam dessa água e vou matar todos vocês de fome, estão entendendo? — gritou o guarda que os vigiava.

Tremendo incontrolavelmente, Shin continuou a trabalhar.

Aos estudantes eram destinadas as tarefas mais depreciadas. Muitas vezes carregavam varas de reforço de aço para operários mais velhos, que as amarravam juntas com barbante ou arame à medida que a represa se erguia da margem do rio num padrão quadriculado de blocos de concreto. Nenhum dos estudantes tinha

luvas, e no inverno suas mãos volta e meia ficavam grudadas nas varas de aço. Entregar uma vara por vezes significava ter a pele das palmas das mãos e dos dedos arrancada.

Shin se recorda de que, quando um de seus colegas de classe, Byun Soon Ho, queixou-se de uma febre e de uma indisposição, um guarda deu-lhe uma lição sobre os benefícios do estoicismo.

— Soon Ho, ponha a língua para fora — disse o guarda.

Em seguida ordenou que o menino pressionasse a língua contra uma vara congelada. Quase uma hora depois, Soon Ho, lágrimas nos olhos, a boca vertendo sangue, conseguiu desgrudar a língua.

———

Trabalhar na barragem era perigoso; para Shin, porém, também era empolgante.

A principal razão era a comida. Não era particularmente saborosa, mas fornecida em abundância, mês após mês. Shin lembra-se das horas das refeições na represa como os momentos mais felizes de sua adolescência. Ele recuperou todo o peso e a energia perdidos na prisão subterrânea. Conseguia acompanhar os outros no trabalho. Tornou-se confiante em sua capacidade de sobreviver.

Viver perto da barragem também lhe deu um pequeno grau de independência. No verão, centenas de estudantes dormiam ao ar livre sob um toldo. Quando não estavam trabalhando, podiam andar — enquanto havia luz do sol — por toda a extensão do Campo 14. Por seu trabalho árduo, Shin ganhou uma recomendação de seu líder de série que lhe permitiu deixar o canteiro de obras para fazer quatro visitas ao pai e pernoitar com ele. Como os dois não estavam reconciliados, ele passou apenas uma noite com o pai.

Em maio de 1999, quando fazia um ano que trabalhava na represa, seu tempo na escola secundária terminou. A escola havia sido pouco mais que uma senzala a partir da qual era enviado para quebrar rocha, arrancar ervas daninhas e labutar na construção da barragem. Mas a formatura significava que, aos 16 anos, ele se tornara um trabalhador adulto. Estava pronto para ser designado para um posto permanente dentro do campo.

Cerca de 60% dos alunos de sua turma foram designados para as minas de carvão, onde a morte acidental decorrente de desmoronamentos, explosões e envenenamentos por gás era comum. Muitos mineiros desenvolviam a doença do pulmão preto depois de 10 a 15 anos de trabalho no subsolo. A maioria morria na casa dos quarenta anos ou antes. Da forma como Shin a compreendia, uma colocação nas minas equivalia a uma sentença de morte.

A decisão sobre quem ia para onde era tomada pelo professor da turma de Shin, o homem que dois anos antes lhe salvara a vida fornecendo-lhe comida extra e fazendo cessar as agressões de seus colegas de classe. O professor distribuía

designações sem explicação, comunicando laconicamente aos estudantes onde passariam o resto de suas vidas. Assim que ele fazia seus anúncios, novos patrões — capatazes das fábricas, minas e fazendas do campo — vinham à escola e levavam os estudantes embora.

O professor disse a Hong Joo Hyun que ele iria para as minas. Shin nunca mais o viu.

Moon Sung Sim, a menina que perdeu o dedão do pé nas minas aos 11 anos, foi designada para a fábrica têxtil.

Hong Sung Jo, o amigo que o salvara de seus torturadores ao confirmar que ele delatara a mãe e o irmão, foi igualmente enviado para as minas. Shin também nunca mais voltou a vê-lo.

Se havia uma lógica por trás das designações, ele nunca a compreendeu. A seu ver, tudo se reduzia ao capricho pessoal do professor, que era invariavelmente inescrutável. Talvez ele gostasse de Shin. Talvez tivesse piedade dele. Talvez tivesse recebido ordem de ter cuidado com ele. Shin simplesmente não sabe.

Seja como for, o professor mais uma vez salvou-lhe a vida. Designou-o para um trabalho permanente na fazenda de porcos do Campo 14, onde duzentos homens e mulheres criavam cerca de oitocentos porcos, juntamente com cabras, coelhos, galinhas e algumas vacas. A comida para os animais era cultivada nos campos ao redor dos cercados das criações.

— Shin In Geun, você está designado para a fazenda de criação de animais — disse-lhe o professor. — Trabalhe com afinco.

Em nenhum outro lugar no Campo 14 havia tanta comida para furtar.

CAPÍTULO 11

UM COCHILO NA FAZENDA

Shin não trabalhava com afinco.

Os capatazes, por vezes, batiam nele e em outros trabalhadores relapsos, mas não com muita violência e nunca para matar. A fazenda de porcos era o melhor que o Campo 14 podia lhe oferecer. Ele chegava a tirar um cochilo eventual no meio da tarde.

Na hora das refeições, as porções no refeitório da fazenda não eram maiores que na fábrica de cimento, na fábrica têxtil ou nas minas. A comida também não era nada melhor. Entre as refeições, porém, Shin podia servir-se do milho moído destinado aos leitões que alimentava entre novembro e julho. Nos campos, onde capinava e colhia de agosto a outubro, ele lanchava milho, repolho e outras hortaliças. De tempos em tempos, o capataz levava um panelão até lá e todos podiam comer até se saciar.

A fazenda situava-se no alto das montanhas, longe do rio, a cerca de meia hora a pé da antiga escola de Shin e da casa onde ele morara com a mãe. Mulheres com filhos faziam o caminho de ida e volta entre a fazenda e o alojamento familiar, mas a maioria dos trabalhadores permanecia num dormitório na montanha.

Shin dormia lá, no chão, num quarto para homens. Não havia problema com agressões e ele não precisava disputar um trecho de concreto aquecido. Dormia bem.

Havia um matadouro na fazenda onde cerca de cinquenta porcos eram abatidos duas vezes por ano, exclusivamente para os guardas e suas famílias. Como prisioneiro, Shin não tinha permissão para comer carne de porco ou de nenhum animal criado na fazenda. De vez em quando, porém, ele e outros prisioneiros conseguiam furtá-la. Como o cheiro de porco assado na fazenda alertaria os guardas, provocando surras e semanas de meias rações, eles comiam a carne crua.

O que Shin não fazia na fazenda era pensar, falar ou sonhar sobre o mundo lá fora.

Ninguém mencionava o plano de fuga que havia levado à execução de sua mãe e seu irmão. Guardas não lhe pediam para denunciar os colegas de trabalho. A ira que o dominara após a morte da mãe reduziu-se a um torpor. Antes de ser torturado, confinado na prisão subterrânea e exposto às histórias de Tio sobre o mundo além da cerca, ele não tinha interesse em coisa alguma, a não ser na próxima refeição.

Na fazenda de porcos, essa apatia passiva retornou. Shin descreve como “relaxante” a temporada que passou ali, que se estendeu de 1999 a 2003.

———

Fora do campo, no entanto, a vida na Coreia do Norte durante esses anos foi tudo menos relaxante.

Fome e inundações em meados dos anos 1990 quase destruíram a economia centralmente planejada. O Sistema Público de Distribuição do governo, que alimentava a maior parte dos norte-coreanos desde a década de 1950, entrou em colapso. Como uma resposta ditada pelo pânico à fome e à inanição, o escambo grassou e mercados privados explodiram em número e importância. Nove em dez famílias comerciavam para sobreviver.[1] Um número cada vez maior de norte-coreanos escapava pela fronteira com a China em busca de comida, trabalho, comércio e de uma fuga para a Coreia do Sul. Nem a China nem a Coreia do Sul divulgaram estatísticas, mas estima-se que o número desses imigrantes econômicos varie entre dezenas de milhares e quatrocentos mil.

Kim Jong Il tentou controlar o caos. Seu governo criou uma nova rede de centros de detenção para negociantes que viajavam sem autorização. Mas policiais e guardas famintos podiam ser comprados com bolachas e cigarros. Estações ferroviárias, feiras ao ar livre e becos nas maiores cidades encheram-se de vagabundos famintos. As muitas crianças órfãs encontradas nesses lugares tornaram-se conhecidas como "pardais errantes".

Shin ainda não sabia disso, mas o capitalismo de base, o comércio errante e a corrupção feroz estavam criando brechas no Estado policial que cercava o Campo 14.

No fim dos anos 1990, a ajuda alimentar fornecida pelos Estados Unidos, o Japão, a Coreia do Sul e outros doadores mitigou o pior da fome. Mas, de uma maneira indireta e acidental, ela também energizou os feirantes e os empreendedores itinerantes que dariam a Shin sustento, abrigo e orientação em sua fuga para a China.

Ao contrário de qualquer outro governo do mundo que recebia ajuda, o da Coreia do Norte insistia em deter autoridade exclusiva sobre o transporte dos alimentos doados. A exigência irritava os Estados Unidos, o maior doador, e frustrava as técnicas de monitoração que o Programa Mundial de Alimentos da ONU desenvolvera para rastrear a ajuda e certificar-se de que ela chegava aos destinatários pretendidos. Mas a necessidade era tão urgente e o número de mortos tão alto que o Ocidente engoliu sua repulsa e entregou à Coreia do Norte mais de um bilhão de dólares em alimentos, entre 1995 e 2003.

Durante esses anos, refugiados da Coreia do Norte chegaram ao Sul e contaram aos funcionários do governo que tinham visto arroz, trigo, milho, óleo vegetal, leite em pó desnatado, fertilizantes, remédios, roupas de inverno, cobertores, bicicletas e outros itens doados à venda em mercados privados. Fotos e vídeos feitos nesses mercados mostravam sacos de cereais com os dizeres "Uma doação do povo americano".

Burocratas, autoridades partidárias, oficiais do Exército e outros membros bem posicionados da elite governamental acabavam furtando cerca de 30% do que chegava como ajuda, segundo estimativas feitas por estudiosos estrangeiros e agências internacionais de assistência. Eles vendiam o que conseguiam desviar para comerciantes, muitas vezes em troca de dólares ou euros, e entregavam as mercadorias em veículos do governo.

Sem essa pretensão, os abastados países doadores provocaram uma espécie de onda de adrenalina no mundo corrupto do comércio de rua coreano. O lucrativo furto de ajuda alimentar internacional despertou o apetite por dinheiro fácil daqueles em posição privilegiada e ajudou a transformar mercados privados no principal motor econômico do país. Esses mercados, que hoje fornecem a maior parte da comida que os norte-coreanos consomem, tornaram-se a razão fundamental para que a maioria dos especialistas estrangeiros afirme ser improvável que uma fome catastrófica, no estilo dos anos 1990, volte a acontecer.

Os mercados, porém, não chegaram nem perto de eliminar a fome ou a desnutrição. Eles parecem também ter aumentado a desigualdade, criando um abismo entre os que descobriram uma maneira de comerciar e os que não o fizeram.

No final de 1998, alguns meses antes de Shin ser designado para a fazenda de porcos, o Programa Mundial de Alimentos conduziu um levantamento sobre a nutrição das crianças, que abrangeu 70% da Coreia do Norte. Ele constatou que cerca de dois terços das crianças examinadas eram mirradas ou estavam abaixo do peso. Esses números eram o dobro dos encontrados em Angola, então no fim de uma longa guerra civil, e o governo norte-coreano ficou furioso quando eles foram divulgados.

Dez anos mais tarde, quando mercados privados estavam bem estabelecidos e vendendo de tudo, de frutas importadas a aparelhos de CD fabricados na China, a nutrição para crianças e idosos em instituições mantidas pelo Estado teve uma melhora insignificante, segundo uma pesquisa do Programa Mundial de Alimentos tolerado pelo governo como condição para o recebimento de ajuda.

"As crianças pareciam muito tristes, muito emaciadas, muito miseráveis", disse-me uma nutricionista que trabalhou na pesquisa alimentar de 2008. Ela havia participado de levantamentos anteriores sobre nutrição, realizados desde o final dos anos 1990, e concluiu que a fome crônica e a desnutrição severa persistiram em grande parte da Coreia do Norte, apesar da disseminação dos mercados privados.

Estudos internacionais sobre nutrição também encontraram um padrão difuso de desigualdade geográfica. Fome, nanismo e doenças debilitantes são três a

quatro vezes mais prevalentes em províncias remotas da Coreia do Norte — onde habitam as classes hostis — do que em torno de Pyongyang.

Como Shin descobriu no campo de trabalhos forçados, o lugar mais seguro para norte-coreanos pobres viverem em meio a uma fome crônica é uma fazenda. Segundo todas as indicações, os agricultores (exceto aqueles cujas terras foram arruinadas por inundações) suportaram a fome muito melhor que os habitantes das cidades. Ainda que trabalhassem em fazendas cooperativas, cujos produtos pertenciam ao Estado, eles tinham condições de esconder e armazenar alimentos, bem como vendê-los ou trocá-los por roupas ou outros artigos de primeira necessidade.

O governo teve pouca escolha — após a fome, após a desintegração de seu sistema de distribuição de produtos comestíveis e após a ascensão dos mercados privados — senão oferecer preços mais altos aos agricultores e aumentar os incentivos para o cultivo de alimentos. A agricultura privada em pequenos lotes de terra foi legalizada em 2002. Isso permitiu mais comércio entre o produtor e o mercado, o que aumentou o poder dos negociantes e a autonomia dos agricultores produtivos.

Kim Jong Il, no entanto, nunca viu a reforma do mercado com bons olhos. Seu governo a chamava de "veneno envolto em mel".

"É importante frustrar definitivamente elementos capitalistas e não socialistas no nascedouro", afirmava o Rodong Sinmun, jornal do partido publicado em Pyongyang. "Depois que o envenenamento ideológico e cultural imperialista é tolerado, até a fé inabalável diante da ameaça de uma baioneta estará fadada a ceder como um muro de barro molhado."

O capitalismo que floresceu nas cidades e vilas da Coreia do Norte enfraqueceu o controle férreo do governo sobre a vida cotidiana e pouco fez para enriquecer o Estado. Kim Jong Il resmungou em público, dizendo: "Francamente o Estado não tem nenhum dinheiro, mas os indivíduos têm o equivalente ao orçamento de dois anos."[2]

Seu governo contra-atacou.

Como parte da era "as forças armadas em primeiro lugar" que o governo de Kim proclamou oficialmente em 1999, o Exército do Povo Coreano, com mais de um milhão de soldados que se alimentam três vezes por dia, passou a confiscar de maneira agressiva uma fatia substancial de todo o alimento cultivado nas fazendas cooperativas.

"Na época da colheita, os soldados levam seus próprios caminhões até as fazendas e simplesmente pegam o que querem", disse-me, em Seul, Kwon Tae-jin, um especialista em agricultura norte-coreana do Instituto Econômico Rural da Coreia, financiado pelo governo do Sul.

No extremo norte, onde os estoques de alimentos são historicamente parcos e os agricultores considerados politicamente hostis, os militares apropriam-se de um quarto do total da produção de cereais, explicou Kwon. Em outras áreas do país,

eles tomam de 5 a 7%. Para assegurar que os trabalhadores das três mil fazendas estatais não ludibriem os militares, o Exército instala soldados em todas elas durante a estação da colheita. Quando dezenas de milhares de habitantes das cidades são levados para as fazendas para ajudar na colheita do outono, os trabalhadores são monitorados por militares para garantir que não furtem comida.

A mobilização permanente de soldados nas fazendas gerou corrupção. Segundo Kwon, administradores de fazendas subornam os militares, que passam a fechar os olhos para roubos de comida em grande escala, para ser vendida depois em mercados privados. Disputas entre grupos de soldados corruptos levam periodicamente a trocas de socos e tiroteios, de acordo com vários desertores e relatórios de grupos de assistência. Em 2009 o Good Friends, grupo de assistência budista com informantes no Norte, relatou que um soldado foi golpeado com uma foice numa luta por causa de milho em uma fazenda estatal.

———

Confinado na fazenda de porcos, Shin nada ouvia sobre o comércio de rua, a corrupção e as viagens à margem da lei entre cidades que iriam — dali a menos de dois anos — ajudá-lo na sua fuga.

Isolado no alto da montanha, numa espécie de campo dentro do campo, ele atravessou sem maiores percalços os últimos anos de sua adolescência, mantendo a cabeça baixa, a mente vazia e as energias concentradas no furto de comida. Sua lembrança mais vívida é a de ter sido apanhado enquanto assava intestinos de porco que ele havia furtado. Foi surrado, privado de comida durante cinco dias e teve suas rações no refeitório reduzidas à metade durante três meses.

Ao completar vinte anos, acreditava ter encontrado o lugar onde iria envelhecer e morrer.

Mas o interlúdio da fazenda de porcos terminou de maneira abrupta em março de 2003. Por razões nunca explicadas, Shin foi transferido para a fábrica de roupas, um local de trabalho apinhado, caótico e estressante em que duas mil mulheres e quinhentos homens faziam uniformes militares.

Ali, a vida de Shin voltou a se complicar. Havia uma incessante pressão para o cumprimento de cotas de produção e uma renovada instigação à delação. Guardas procuravam sexo de todas as maneiras junto às costureiras.

Havia também um recém-chegado, um prisioneiro instruído vindo de Pyongyang. Esse homem, que estudara na Europa e vivera na China, contaria a Shin o que ele estava perdendo.

CAPÍTULO 12

COSTURAR E DELATAR

Mil mulheres costuravam uniformes militares durante turnos de 12 horas. Quando suas temperamentais máquinas de costura movidas com o pé quebravam, Shin as consertava.

Ele era responsável por cerca de cinquenta máquinas e pelas costureiras que as operavam. Se as máquinas não vomitassem sua cota diária de uniformes do Exército, Shin e as mulheres eram forçados a executar um "doloroso trabalho de humilhação", o que significava passar duas horas extras, em geral das dez à meia-noite.

Costureiras experientes conseguiam manter seu equipamento em boas condições, mas as jovens, ineptas ou muito doentes não. Para consertar uma máquina quebrada, forjada em ferro numa fundição no interior do Campo 14, Shin e outros mecânicos tinham de levá-la nas costas até uma oficina no pavimento superior da fábrica.

O trabalho a mais exasperava muitos mecânicos, que despejavam sua ira sobre as costureiras, puxando-lhes o cabelo, batendo-lhes a cabeça contra a parede e chutando-as no rosto. Os capatazes da fábrica, prisioneiros escolhidos pelos guardas para a função por sua dureza, em geral faziam vista grossa quando elas apanhavam. Diziam a Shin que o medo estimulava a produção.

Embora ainda fosse baixinho e magricela, Shin não era mais uma criança passiva, desnutrida e traumatizada por torturas. Durante seu primeiro ano na fábrica, ele provou isso para si mesmo e para os colegas de trabalho num confronto com outro mecânico.

Gong Jin Soo era um homem violento. Shin o observara tendo um ataque de fúria quando uma das costureiras em seu setor quebrou o eixo de uma máquina de costura. Gong esmurrou-a no rosto até que ela desabasse no chão.

Quando Gong pediu um arrastador — peça crucial de uma máquina de costura que controla o tamanho do ponto ao regular a velocidade com que o tecido avança em direção à agulha — a uma costureira que trabalhava com Shin, ela negou secamente.

— Sua puta, se um mecânico lhe pedir uma peça, trate de dar — disse Gong. — Para onde está olhando com esses olhos levantados?

Sob o olhar de Shin, ele deu um murro no rosto da mulher, fazendo sangue escorrer do nariz.

Surpreendendo a si mesmo e à costureira, Shin descontrolou-se. Agarrou uma grande chave-inglesa e jogou-a com toda força, tentando partir o crânio de Gong. A

chave esmagou-lhe o antebraço, erguido justo a tempo de proteger sua cabeça.

Gong soltou um uivo e caiu no chão. O capataz do turno, que havia treinado Shin, acorreu. Encontrou Shin, os olhos arregalados e a chave-inglesa na mão, parado junto de Gong, cujo braço ensanguentado exibia um calombo do tamanho de um ovo. O capataz deu uma bofetada em Shin e tomou-lhe a ferramenta. A costureira retomou o trabalho. E dali em diante Gong manteve-se a distância.

———

A fábrica de roupas é um amplo conjunto de sete prédios, todos visíveis em fotografias tiradas por satélite. Localizada perto do rio Taedong, seu terreno situa-se na entrada do Vale 2, não muito longe da represa hidrelétrica e das fábricas de artigos de vidro e porcelana.

Durante o tempo que Shin passou ali, havia dormitórios no terreno para as duas mil costureiras, bem como para os quinhentos homens que trabalhavam no reparo de máquinas de costura, desenho de roupas, manutenção da fábrica e expedição de mercadorias. Todos os capatazes, inclusive o chongbanjang, ou capataz-chefe, eram prisioneiros.

O trabalho na fábrica pôs Shin em estreito contato diário com várias centenas de mulheres: adolescentes, na casa dos vinte e dos trinta anos. Algumas eram extraordinariamente atraentes, e sua sensualidade criava tensão entre os operários. Em parte, isso se devia a seus uniformes mal ajustados. Elas não tinham sutiã, e poucas usavam roupa de baixo. Não havia absorventes higiênicos.

Como um virgem de vinte anos, Shin sentia-se nervoso perto dessas mulheres. Elas o interessavam, mas ele temia a regra do campo que prescrevia a morte para prisioneiros que tivessem relações sexuais sem prévia aprovação. Ele contou que tomava cuidado para não se envolver com ninguém. Mas a proibição do sexo nada significava para o superintendente da fábrica e o punhado de prisioneiros privilegiados que trabalhavam como capatazes.

O superintendente, um guarda de cerca de trinta anos, vagava entre as costureiras como um comprador num leilão de gado. Shin o via escolher uma moça diferente a cada poucos dias, dando-lhe ordem para limpar seu quarto, no interior da fábrica. Aquelas que não limpavam o quarto do superintendente se tornavam alvos de ataque para o capataz-chefe e outros prisioneiros com funções de supervisão na fábrica.

As mulheres não tinham escolha senão ceder. Elas também ganhavam alguma coisa com aquilo, pelo menos a curto prazo. Se agradassem ao superintendente, ou a um dos capatazes, podiam esperar trabalhar menos e ter mais comida. Se quebrassem uma máquina de costura, não eram surradas.

Park Choon Young limpava regularmente o quarto do superintendente. Shin a conhecia da escola secundária, e ela operava uma máquina de costura sob seus

cuidados. Aos 22 anos, era de uma beleza excepcional. Quatro meses depois que a jovem começou a passar as tardes no quarto do superintendente, Shin soube por outro ex-colega que ela estava grávida.

A gravidez foi mantida em segredo até que a barriga começou a se projetar para fora do uniforme. Em seguida, a moça desapareceu.

Shin aprendeu a distinguir pelo som de uma máquina de costura o que havia de errado com ela. Era menos competente para carregá-las, com todo o seu volume, até a oficina de conserto. No verão de 2004, quando subia um lance de degraus com uma nas costas, ela lhe escapuliu. Rolou escada abaixo, ficando irreparavelmente quebrada.

Seu superior imediato, o capataz que havia sido paciente com ele enquanto aprendia como as coisas funcionavam na fábrica, esbofeteou-o algumas vezes quando viu o equipamento arruinado e relatou o estrago para as instâncias superiores na cadeia de comando. Máquinas de costura eram consideradas mais valiosas que prisioneiros, e arruinar uma delas era uma grave transgressão.

Minutos depois de derrubar a máquina, Shin foi chamado ao escritório do superintendente da fábrica, junto com o capataz-chefe e o capataz do setor que havia relatado o incidente.

— O que está pensando? — gritou o superintendente para Shin. — Quer morrer? Como pôde ser fraco a ponto de soltar a máquina? Está sempre enchendo a barriga de comida.

— Mesmo que você morra, a máquina de costura não pode ser trazida de volta — acrescentou. — O problema é a sua mão. Corte-lhe o dedo fora!

O capataz-chefe agarrou a mão direita de Shin e segurou-a sobre uma mesa no escritório. Com uma faca de cozinha, cortou fora o dedo médio logo acima da primeira falange.

Em seguida o capataz ajudou Shin a sair do escritório e escoltou-o de volta ao pátio da fábrica. Mais tarde naquela noite, o capataz levou-o ao centro de saúde do campo, onde um prisioneiro que trabalhava como enfermeiro mergulhou o dedo em água salgada, costurou-o e enrolou-o num pano.

Isso não impediu que o dedo infeccionasse. Mas, de seu tempo na cela subterrânea, Shin lembrava-se de como Tio esfregara sopa de repolho salgado em seus ferimentos. Na hora das refeições, ele mergulhava o dedo na sopa. A infecção não se espalhou para o osso, e dentro de três meses uma pele nova se formou sobre o dedo amputado.

Nos dois primeiros dias após o ferimento, o capataz fez o trabalho de Shin. Foi um gesto inesperado de solicitude que permitiu sua recuperação. O capataz bondoso não durou muito tempo na função. Desapareceu, junto com a esposa,

alguns meses depois de Shin derrubar a máquina de costura. Shin soube por outro colega que a mulher do capataz tinha visto, por acaso, uma execução secreta num desfiladeiro quando trabalhava na mata.

Antes de desaparecer, o capataz levou um presente para Shin.

— É farinha de arroz, e seu pai quer que você a coma — disse o homem.

Ao ouvir a menção a seu pai, Shin ficou furioso. Embora tivesse tentado reprimir o rancor que sentia em relação à mãe e ao irmão, o sentimento crescera desde a execução e envenenara sua relação com o pai. Não queria ter nada a ver com ele.

— Coma-a você mesmo — disse Shin.

— Seu pai mandou-a para você — retrucou o capataz, parecendo intrigado. — Você não deveria comê-la?

Apesar de sua fome, Shin recusou.

———

Com tantos prisioneiros trabalhando tão perto uns dos outros, a fábrica era um meio de cultura perfeito para a delação.

Uma semana depois que Shin derrubou a máquina de costura, um colega de trabalho o denunciou. O turno dele não havia conseguido completar a cota de produção do dia e seus integrantes foram obrigados a fazer trabalho de humilhação. Junto com três outros mecânicos, ele só voltou ao dormitório depois da meia-noite.

Os quatro estavam famintos, e um deles sugeriu que saqueassem a horta da fábrica, onde havia repolho, alface, pepinos, berinjela e rabanetes. Chovia e não havia luar. Eles calcularam que as chances de serem apanhados eram baixas. Saíram sorrateiramente, encheram os braços de hortaliças e levaram-nas para o quarto, onde comeram e adormeceram.

De manhã, os quatro foram chamados ao escritório do superintendente. Alguém havia delatado sua refeição noturna. O superintendente golpeou cada um na cabeça com um bastão. Depois disse a um dos mecânicos, Kang Man Bok, para sair da sala. Um delator é capaz de farejar um delator; Shin soube instintivamente que Kang havia sido o informante.

O superintendente ordenou que as rações dos três homens remanescentes fossem reduzidas à metade por duas semanas e deu-lhes mais algumas cacetadas na cabeça. De volta à fábrica, Shin notou que Kang não o olhava nos olhos.

Logo solicitaram que Shin espionasse seus colegas de trabalho. O superintendente chamou-o em seu escritório e disse-lhe que, para lavar os pecados da mãe e do irmão, tinha de denunciar malfeitores. Levou dois meses para encontrar um.

Deitado no chão uma noite, sem sono, viu quando um colega de quarto, um trabalhador no setor de transporte chamado Kang Chul Min, de pouco menos que

trinta anos, levantou-se e começou a remendar suas calças de trabalho. Usava um retalho de tecido de uniforme militar para cobrir um buraco. Claramente, furtara o tecido da fábrica.

Na manhã seguinte, Shin foi ao superintendente.

— Professor, vi um pedaço de pano furtado.

— É mesmo? Quem estava com ele?

— Era Kang Chul Min, em meu quarto.

Shin trabalhou até tarde naquela noite e foi um dos últimos mecânicos de máquina de costura a chegar a uma reunião de luta ideológica realizada às 22 horas, uma sessão obrigatória de autocrítica.

Ao entrar na sala, viu Kang Chul Min. Ele estava de joelhos e amarrado com correntes. Tinha as costas nuas cobertas de vergões de chicote. Sua namorada secreta, uma costureira sobre quem Shin ouvira rumores, estava ajoelhada ao seu lado. Ela também estava acorrentada. Os dois continuaram ajoelhados em silêncio durante os noventa minutos da reunião. Quando ela terminou, o superintendente ordenou que cada operário esbofeteasse Kang e a namorada antes de sair da sala. Shin esbofeteou os dois.

Ficou sabendo que eles foram arrastados para fora e obrigados a passar mais várias horas ajoelhados num piso de concreto. Nenhum dos dois descobriu quem denunciara o pano furtado. Shin fez todo o possível para evitar-lhes os olhos.

CAPÍTULO 13

A DECISÃO DE NÃO DELATAR

O superintendente tinha mais um serviço para Shin.

Park Yong Chul, baixo e corpulento, com uma basta cabeleira branca, era um novo e importante prisioneiro. Morara no exterior. Sua mulher era bem relacionada. Ele conhecia pessoas importantes no governo da Coreia do Norte.

O superintendente mandou Shin ensinar Park a consertar máquinas de costura e tornar-se amigo dele. Deveria relatar tudo que Park contasse sobre seu passado, suas ideias e sua família.

— Park precisa confessar — disse o superintendente. — Ele está escondendo coisas de nós.

Em outubro de 2004, Shin e Park começaram a passar 14 horas por dia juntos, na fábrica de roupas. Park prestava uma atenção polida às instruções de Shin sobre manutenção de máquinas de costura. Com igual educação, evitava perguntas sobre seu passado. Shin pouco apurou.

Então, após quatro semanas de silêncio quase total, Park surpreendeu Shin com uma pergunta pessoal.

— Onde é sua casa, senhor?

— Minha casa? Minha casa é aqui.

— Eu sou de Pyongyang, senhor — disse Park.

Park dirigia-se a Shin usando títulos honoríficos e terminações verbais. Na língua coreana, isso indica a precedência e superioridade de Shin, o professor, sobre Park, o aprendiz. O prisioneiro novato era um homem grave com cerca de 45 anos, mas o rebuscamento linguístico aborrecia e embaraçava Shin.

— Sou mais jovem do que você — disse ele. — Por favor, não fale comigo de maneira cerimoniosa.

— Está bem — disse Park.

— A propósito — perguntou Shin —, onde é Pyongyang?

A pergunta deixou Park perplexo.

O homem mais velho, porém, não riu nem fez pouco da ignorância do rapaz. Ela pareceu deixá-lo intrigado. Explicou detalhadamente que Pyongyang, situada a cerca de oitenta quilômetros ao sul do Campo 14, era a capital da Coreia do Norte, a cidade onde moravam todas as pessoas poderosas do país.

O gelo foi quebrado pela ingenuidade do jovem. Park começou a falar sobre si mesmo. Contou que crescera num apartamento amplo e confortável em Pyongyang

e seguira a trajetória educacional privilegiada das elites da Coreia do Norte, estudando na Alemanha Oriental e na União Soviética. Após voltar para casa, havia se tornado chefe de um centro de treinamento de tae kwon do em Pyongyang. Nessa posição de destaque, contou, conhecera muitos dos homens que governavam a Coreia do Norte.

Tocando sua mão direita suja de óleo numa máquina de costura, Park disse:

— Com esta mão, apertei a mão de Kim Jong Il.

Ele parecia um atleta. Tinha mãos grandes e carnudas. Embora impressionantemente forte, era um pouco cheio na região da cintura. O que chamou a atenção de Shin, porém, foi sua decência. Ele não o fazia sentir-se estúpido. Tentava explicar com toda paciência como era a vida fora do Campo 14 — e fora da Coreia do Norte.

Assim começou um seminário individual de um mês de duração que transformaria a vida de Shin para sempre.

Enquanto andavam pela fábrica, Park contou a Shin que o nome do gigantesco país vizinho era China. Seu povo estava enriquecendo rapidamente. Contou que no Sul havia outra Coreia. Na Coreia do Sul, disse ele, todos já estavam ricos. Park explicou o conceito de dinheiro. Contou ao rapaz sobre a existência da televisão, de computadores e de telefones celulares. Explicou que a Terra era redonda. Shin tinha dificuldade em entender muitas coisas de que Park falava, em acreditar nelas ou interessar-se por elas, sobretudo no início. Não tinha especial interesse em saber como o mundo funcionava. O que o encantava — o que estava sempre pedindo a Park — eram histórias sobre comida e comer, em particular quando o prato principal era carne grelhada.

Essas eram as histórias que o mantinham acordado à noite, fantasiando sobre uma vida melhor. Em parte, era devido à exaustão esmagadora do trabalho na fábrica. A comida era escassa; as horas, intermináveis, e ele estava sempre faminto. Mas havia algo mais — algo enterrado em sua memória desde o tempo em que tinha 13 anos e lutava para se recuperar das queimaduras na prisão subterrânea: seu idoso companheiro de cela inflamara-lhe a imaginação com histórias sobre refeições generosas.

Enquanto o velho na prisão subterrânea havia comido bem na Coreia do Norte, as aventuras gustativas de Park eram globais. Ele descrevia os encantos do frango, da carne de porco e da carne bovina na China, em Hong Kong, na Alemanha, na Inglaterra e na antiga União Soviética. Quanto mais ouvia essas histórias, mais Shin queria sair do campo. Ansiava por um mundo onde uma pessoa insignificante como ele podia entrar num restaurante e encher o estômago de arroz e carne. Tecia fantasias sobre uma fuga com Park porque queria comer como ele.

Embriagado com o que ouvia do prisioneiro a quem deveria denunciar, Shin tomou talvez a primeira livre decisão de sua vida. Optou por não delatar.

Isso marcou uma importante mudança em seus cálculos sobre como sobreviver. Pela sua experiência, denunciar valia a pena. Isso o salvou dos carrascos que

mataram sua mãe e seu irmão. Depois da execução, essa talvez fosse a razão para que o professor na escola secundária garantisse que ele tivesse comida, pusesse fim às agressões dos colegas e o designasse para um trabalho fácil na fazenda de porcos.

Mas a decisão de fazer honra às confidências de Park não significou para Shin uma nova compreensão da natureza do certo e do errado. Olhando para trás, ele vê seu comportamento como fundamentalmente egoísta. Se tivesse denunciado Park, poderia ter ganhado uma porção extra de repolho. Talvez pudesse ter sido promovido a capataz, com uma permissão especial para assediar as costureiras.

No entanto, as histórias de Park eram muito mais valiosas para ele. Elas tinham se tornado um vício essencial e revigorante, mudando suas expectativas com relação ao futuro e dando-lhe a vontade de planejá-lo. Acreditava que enlouqueceria se não as ouvisse mais.

Em seus relatórios ao superintendente, Shin viu-se contando uma mentira maravilhosamente libertadora. Park, disse ele, não tinha nada para contar.

Uma década antes, na prisão subterrânea, o idoso companheiro de cela de Shin ousara falar sobre a comida fora do campo. Mas Tio nunca lhe falara sobre si mesmo ou sobre suas ideias. Era cuidadoso, desconfiado e contido. Suspeitava que o menino fosse um informante e não confiava nele. Shin não se ofendia com isso. Parecia-lhe normal. A confiança era uma boa maneira de ser fuzilado.

Mas, depois de sua resistência inicial, Park não suspeitou mais dele. Acreditando, ao que parecia, que era tão confiável quanto ignorante, narrou-lhe toda a história de sua vida.

Disse-lhe que perdera seu cargo como chefe do centro de treinamento de tae kwon do em Pyongyang em 2002, após discutir com um burocrata de nível médio, que provavelmente o delatara para funcionários do escalão superior do governo. Sem emprego, viajou com a mulher para o Norte; chegando à fronteira, eles entraram ilegalmente na China e hospedaram-se com um tio dele durante 18 meses. Pretendiam voltar a Pyongyang, onde deixaram um filho adolescente que morava com os pais de Park.

Enquanto estava na China, Park ouvia, todos os dias, transmissões de rádio da Coreia do Sul. Prestava grande atenção às notícias sobre Hwang Jang Yop, um grande artífice da ideologia da Coreia do Norte e o funcionário mais graduado a desertar. Hwang, que fugiu em 1997, tornara-se uma celebridade em Seul.

Enquanto Shin fazia suas rondas pela fábrica de roupas com Park, este lhe explicou que Hwang havia criticado Kim Jong Il por transformar a Coreia do Norte num Estado feudal corrupto. (Em 2010, o governo de Kim enviou agentes para assassinar Hwang. Os agentes, porém, foram presos em Seul, e Hwang morreu de

causas naturais naquele ano, aos 87 anos.)

No verão de 2003, Park retornou à Coreia do Norte com a mulher e um bebê nascido na China. Queria chegar a Pyongyang a tempo de votar na eleição de agosto para a Suprema Assembleia do Povo, o parlamento que tudo aprovava sem questionar.

As eleições na Coreia do Norte são rituais vazios. Com candidatos escolhidos pelo Partido dos Trabalhadores coreano, elas são disputadas sem oposição. Mas Park temia que, se deixasse de votar, o governo perceberia sua ausência, o declararia traidor e mandaria sua família para um campo de trabalhos forçados. O voto não é obrigatório no país, mas o governo fica de olho nos que não comparecem.

Na fronteira, autoridades coreanas detiveram Park e sua família. Ele tentou convencê-las de que não era um desertor, de que estivera apenas visitando seus parentes na China e agora voltava à Coreia para votar. As autoridades não engoliram essa história. Acusaram-no de ter se convertido ao cristianismo e de ser um espião da Coreia do Sul. Após várias sessões de interrogatório, Park, a mulher e o filho foram enviados para o Campo 14. Ele foi designado para a fábrica têxtil no outono de 2004.

Quando Shin o conheceu, Park estava furioso consigo mesmo por ter voltado à Coreia do Norte. Sua insensatez custara-lhe a liberdade e, como contou a Shin, logo lhe custaria a esposa.

Ela estava se divorciando dele. Vinha de uma família proeminente em Pyongyang, com fortes conexões partidárias, contou Park, e tentava convencer os guardas do campo de que havia sido uma esposa leal e submissa, ao passo que o marido era um criminoso político.

———

Apesar de sua raiva — da podridão da Coreia do Norte, de sua mulher, de si mesmo —, Park sempre se comportava com dignidade, em especial quando era hora de comer.

Para Shin, isso parecia absolutamente assombroso. Todos que ele conhecia no campo agiam como animais em pânico nas horas das refeições. Park, mesmo quando tinha fome, não o fazia. Quando Shin apanhava ratos na fábrica, ele insistia na paciência. Recusava-se a permitir que Shin os comesse até que encontrassem um forno ou chama em que um rato pudesse ser estendido numa pá e apropriadamente cozido.

Park também demonstrava ter um espírito jovial. Na opinião de Shin, vez por outra, ele levava isso um pouco longe demais.

Um exemplo eram suas cantorias.

No meio de um turno noturno, Park assustou Shin irrompendo numa canção.

— Ei! O que está fazendo? — perguntou Shin, temendo que um capataz pudesse ouvir.

— Cantando.

— Pare já com isso — disse-lhe Shin.

Shin nunca cantara. Sua única exposição à música acontecera na fazenda, quando caminhões com alto-falantes irradiavam canções marciais enquanto os prisioneiros arrancavam ervas daninhas. Para ele, cantar parecia artificial e insanamente perigoso.

— Gostaria de cantar comigo? — perguntou Park.

Shin sacudiu a cabeça com vigor e agitou as mãos, tentando silenciá-lo.

— Quem me ouviria a esta hora? — perguntou Park. — Cante comigo uma vez.

Shin recusou-se.

Park perguntou por que ele tinha tanto medo de uma simples canção quando se dispunha a ouvir histórias sediciosas sobre como Kim Jong Il era um ladrão e a Coreia do Norte um inferno?

Shin explicou que tolerava essas coisas porque Park tinha o bom-senso de sussurrá-las.

— Gostaria que você não cantasse — disse.

Park concordou em não o fazer. Algumas noites depois, porém, soltou a voz numa canção e ofereceu-se para ensinar a letra a Shin. Ainda que indeciso e atemorizado, ele ouviu e cantou com Park, mas disfarçadamente.

A letra da “Canção do solstício de inverno”, que segundo desertores recentes é o tema musical de um programa muito apreciado na televisão estatal norte-coreana, fala de companheiros de viagem que suportam privações e dores.

> Enquanto caminharmos pela longa, longa estrada da vida,
>
> Permaneceremos cordiais companheiros de viagem, resistindo aos açoites do vento e da chuva.
>
> Ao longo dessa estrada haverá felicidade e sofrimento.
>
> Haveremos de superar, haveremos de suportar todas as tempestades da vida.

Ainda é a única canção que Shin conhece.

———

Em novembro, não muito depois que Park foi designado para a fábrica de tecidos, quatro guardas de Bowiwon apareceram de surpresa na reunião noturna de autocrítica dos prisioneiros. Dois deles tinham rostos desconhecidos, e Shin supôs

que eram de fora do campo.

Quando a reunião terminou, o chefe dos guardas disse que queria falar sobre piolhos, um problema crônico nos campos. Ele pediu que os prisioneiros infestados dessem um passo à frente.

Um homem e uma mulher, líderes em seus respectivos dormitórios, levantaram-se. Disseram que os piolhos estavam fora de controle em seus alojamentos. Os guardas deram a cada um deles um balde cheio de um líquido esbranquiçado que, para Shin, tinha cheiro de defensivo agrícola.

Para demonstrar a eficácia do produto no controle de piolhos, os guardas pediram que cinco homens e cinco mulheres de cada um dos dormitórios infestados se lavassem com ele. Shin e Park, é claro, tinham piolhos, mas não lhes foi permitido usar o tratamento.

Dentro de cerca de uma semana, os dez prisioneiros que vinham se lavando com o líquido desenvolveram bolhas na pele. Algumas semanas depois, suas peles começaram a se deteriorar e descamar. Eles tiveram uma febre alta, que os impediu de trabalhar. Shin viu um caminhão chegar à fabrica e observou os prisioneiros doentes serem embarcados nele. Nunca mais soube deles.

Foi nesse momento, em meados de dezembro de 2004, que concluiu que estava farto. Começou a pensar em fugir.

———

Park tornou esses pensamentos possíveis. Ele mudou a maneira como Shin se relacionava com outras pessoas. A amizade dos dois quebrou um padrão, mantido por ele durante toda a vida — desde a virulenta relação com a mãe —, de desconfiança e traição.

Shin não era mais uma criatura de seus carcereiros. Acreditava ter encontrado alguém que o ajudaria a sobreviver.

A relação dos dois reproduzia, sob muitos aspectos, os laços de confiança e proteção mútua que mantinham os prisioneiros vivos e sãos de espírito nos campos de concentração nazistas. Naqueles campos, constataram os investigadores, a “unidade básica de sobrevivência” era o par, não o indivíduo.

“Era nos pares que os prisioneiros mantinham viva a semelhança de humanidade”, concluiu Elmer Luchterhand, um sociólogo de Yale que entrevistou 52 sobreviventes de campos de concentração nazistas pouco após a libertação.[1]

Pares roubavam comida e roupa um para o outro, trocavam pequenos presentes e planejavam o futuro. Se um membro de um par desmaiava de fome diante de um oficial da SS, o outro o sustentava.

“A sobrevivência [...] só podia ser uma realização social, não um acidente individual”, escreveu Eugene Weinstock, um judeu nascido na Hungria que combateu na resistência belga e foi enviado para Buchenwald em 1943.[2]

Por fim, a morte de um membro de um par com frequência sentenciava o outro. Mulheres que conheceram Anne Frank em Bergen-Belsen contaram que não foi a fome nem o tifo que mataram a jovem autora daquele que se tornaria o diário mais famoso da era nazista. O que ocorreu, disseram, foi que ela perdeu a vontade de viver depois da morte da irmã, Margot.[3]

Tal como os campos de concentração na Alemanha nazista, os campos de trabalhos forçados da Coreia do Norte usam o confinamento, a fome e o medo para criar uma espécie de caixa de Skinner, uma câmara fechada e rigorosamente regulada em que guardas se arrogam controle absoluto sobre os prisioneiros.[4] No entanto, enquanto Auschwitz existiu por apenas três anos, o Campo 14 é uma caixa de Skinner com mais de cinquenta anos, um experimento longitudinal ainda em curso sobre repressão e controle mental, em que guardas criam prisioneiros a quem controlam, isolam e jogam uns contra os outros desde o nascimento.

O milagre da amizade de Shin com Park foi a rapidez com que ela explodiu a caixa.

O espírito de Park, sua dignidade e suas informações incendiárias deram ao rapaz algo ao mesmo tempo atraente e insuportável: um contexto, uma maneira de sonhar com o futuro.

De repente, ele compreendeu quem era e o que lhe faltava.

O Campo 14 não era mais o seu lar. Era uma jaula abominável.

E agora ele tinha um amigo viajado e de ombros largos para ajudá-lo a escapar dali.

CAPÍTULO 14

A FUGA É PREPARADA

O plano dos dois era simples — e delirantemente otimista.

Shin conhecia o campo. Park conhecia o mundo. Shin os levaria até a cerca. Park os levaria até a China, onde um tio lhes daria abrigo, dinheiro e auxílio para viajar até a Coreia do Sul.

Shin foi o primeiro a sugerir que fugissem juntos. Mas, antes de mencionar a ideia, atormentou-se por dias a fio, temendo que Park pudesse ser um informante, que estivesse sendo vítima de uma armadilha, que viesse a ser executado como a mãe e o irmão. Mesmo depois que Park abraçou a ideia, Shin teve dificuldade em livrar-se de sua paranoia: ele havia delatado a própria mãe, por que Park não o denunciaria?

Apesar disso, o plano de fuga, tal como era, foi adiante à medida que o entusiasmo de Shin superava seu medo. Ele acordava de ótimo humor após uma noite sonhando com carne grelhada. Carregar máquinas de costura escadas acima e abaixo na fábrica não mais o exauria. Pela primeira vez na vida, tinha algo para esperar com ansiedade.

Como Park tinha ordens de seguir Shin por toda parte, cada dia de trabalho tornava-se uma maratona de preparativos cochichados para a fuga e de histórias motivacionais sobre os excelentes jantares que os esperavam na China. Os dois decidiram que, se fossem descobertos na cerca, Park liquidaria os guardas a golpes de tae kwon do, apesar de portarem armas automáticas. Shin e Park convenceram-se de que tinham boas chances de não serem mortos.

Por quaisquer critérios, eram expectativas absurdas. Ninguém tinha fugido do Campo 14. Na verdade, além de Shin, pelo que se sabe, apenas uma pessoa fugiu de um campo de prisioneiros políticos na Coreia do Norte e conseguiu chegar até o Ocidente. É Kim Yong, ex-tenente-coronel com amigos influentes por toda a Coreia do Norte. Mas ele não transpôs a cerca. Fugiu graças ao que descreveu como uma "oportunidade totalmente milagrosa". Em 1999, durante o colapso governamental e as falhas de segurança que marcaram o auge da fome norte-coreana, ele se escondeu debaixo de um painel de metal enfiado à força no fundo de um vagão de trem dilapidado que estava sendo carregado de carvão.

Ao deixar o Campo 18, o trem levava Kim, que conhecia bem a zona rural e usou seus contatos pessoais na fronteira para encontrar uma maneira segura de atravessar para a China.

Kim fugiu de uma prisão que não era nem de longe tão bem guardada quanto aquela em que Shin e Park planejavam sua fuga. Como escreveu em suas

memórias, Long Road Home (Longo caminho para casa), ele nunca poderia ter fugido do Campo 14 porque "os guardas de lá agiam como se estivessem na linha de frente de uma guerra".[1] Kim conta que, antes de ser transferido para o campo do qual acabou fugindo, passou dois anos no Campo 14. Descreveu as condições ali como "tão severas que eu não podia pensar sequer na possibilidade".

Shin e Park não sabiam da fuga de Kim e não tinham nenhum meio de estimar as probabilidades de escapar do Campo 14 ou de encontrar uma passagem segura para a China. Mas Park inclinava-se a acreditar nas transmissões de rádio feitas de Seul, que escutara quando vivia na China. Esses relatos concentravam-se nos fracassos e fraquezas do governo da Coreia do Norte. Ele contou a Shin que as Nações Unidas tinham começado a criticar as violações aos direitos humanos nos campos de trabalhos forçados para prisioneiros políticos do Norte. Contou também que ouvira falar que eles desapareceriam num futuro não muito distante.[2]

Embora já tivesse viajado muito pela Coreia do Norte e a China, ele confidenciou a Shin que sabia pouco sobre as montanhas íngremes, cobertas de neve e escassamente povoadas que se estendiam além da cerca. Também não sabia muito sobre as estradas que poderiam levá-los em segurança para a China.

Shin conhecia a disposição do complexo graças aos inúmeros dias que passara catando lenha e colhendo bolotas de carvalho, mas nada sabia sobre como passar por cima ou atravessar a cerca de alta voltagem que circundava o campo. Ele não sabia se morreriam se a tocassem, embora se preocupasse com isso.

Teve também dificuldade, nas semanas e dias que precederam a fuga, em evitar pensamentos sobre o que acontecera com a mãe e o irmão. Não sentia culpa. Era medo. Tinha medo de morrer como eles. Imagens da execução dos dois lhe ocorriam subitamente. Imaginava-se de pé diante de um pelotão de fuzilamento ou sobre um caixote de madeira com um laço em volta do pescoço.

Fazendo um cálculo baseado em informação de menos e aspiração de mais, dizia a si mesmo que tinha 90% de chances de atravessar a cerca e 10% de ser fuzilado.

Antes da fuga, o principal preparativo de Shin foi furtar roupas quentes, assim como sapatos novos, de um colega prisioneiro.

Esse prisioneiro dormia no chão do mesmo dormitório que ele e trabalhava na fábrica cortando roupas, uma função que lhe permitia acumular retalhos de tecido, que trocava por comida e outras mercadorias. Também era meticuloso em relação a suas roupas. Diferentemente de qualquer pessoa no campo, montara um conjunto extra de roupas e sapatos de inverno.

Shin nunca tinha roubado roupas de outro prisioneiro. Mas, desde que deixara de ser um dedo-duro, tornara-se cada vez mais intolerante em relação àqueles que

continuavam a denunciar seus companheiros. Tinha especial aversão pelo cortador de roupas, que delatava todos que furtavam produtos da horta da fábrica. Em sua opinião, ele merecia ser roubado.

Como os prisioneiros não tinham acesso a armários ou nenhuma outra maneira segura de guardar o que lhes pertencia, foi para Shin uma simples questão de esperar que o cortador de roupas saísse do dormitório, passar a mão nos seus pertences e escondê-los até a hora da fuga. O homem não desconfiou dele quando as roupas desapareceram. Os sapatos furtados não serviam nos seus pés (os sapatos no campo quase nunca serviam), mas eram relativamente novos.

As roupas no campo eram distribuídas apenas em intervalos de seis meses. No final de dezembro, quando Shin planejava sua fuga com Park, suas calças de inverno tinham buracos nos joelhos e nas nádegas. Quando chegou a hora de fugir, ele decidiu que, para melhor se aquecer, usaria as roupas velhas por baixo das furtadas. Não tinha paletó, chapéu ou luvas que o protegessem do frio cortante.

———

Planejar uma fuga significou para Shin e Park esperar fazer parte de uma equipe de trabalho que os levasse para fora da fábrica e lhes fornecesse um pretexto para se aproximar da cerca.

Essa chance veio no dia de Ano-Novo, um raro feriado em que as máquinas na fábrica ficavam em silêncio por dois dias. No final de dezembro, Shin soube que em 2 de janeiro, o segundo dia de inatividade, sua equipe de mecânicos e algumas costureiras deixariam a fábrica e seriam escoltados à crista de uma montanha na borda leste do campo. Ali, passariam o dia podando árvores e empilhando madeira.

Shin já trabalhara nessa montanha antes. O lugar ficava perto da cerca que corria pelo topo da crista. Informado de tudo isso, Park concordou que eles fugiriam no dia 2 de janeiro de 2005.

———

Quando a fábrica fechou em 1º de janeiro, Shin decidiu, com alguma relutância, fazer uma última visita ao pai.

A relação dos dois, sempre distante, tornara-se ainda mais fria. Nos poucos dias em que não tinha de trabalhar na fazenda ou na fábrica, Shin raramente se valia das regras que lhe permitiam visitar o pai. Passar algum tempo com ele tornara-se uma provação.

Não sabia dizer o que o deixava tão irritado com o pai. Fora sua mãe, não seu pai, que pusera sua vida em risco ao planejar uma fuga quando ele tinha 13 anos. Ela e seu irmão é que haviam, de comum acordo, desencadeado uma série de

eventos que resultara em sua prisão e tortura, bem como na perseguição que sofrera na escola secundária. Seu pai havia sido mais uma vítima.

Mas o pai estava vivo e tentando reconciliar-se com ele. Pelo cálculo implacável das relações entre pais distantes e filhos ressentidos, isso era razão suficiente para sua aversão.

Eles compartilharam uma soturna ceia de Ano-Novo num refeitório do local de trabalho do pai, comendo fubá e sopa de repolho. Shin não fez nenhuma alusão ao plano de fuga. Ele dissera a si mesmo, enquanto caminhava para ver o pai, que qualquer demonstração de emoção, qualquer sinal de uma despedida definitiva, poderia pôr a fuga em perigo. Não tinha plena confiança nele.

Depois que a mulher e o filho mais velho tinham sido mortos, o pai tentara ser mais atencioso. Pediu desculpas por ser um mau pai e por ter exposto o filho à selvageria do campo. Chegou até a encorajá-lo, se ele algum dia tivesse a oportunidade, a "ver como é o mundo". Esse morno endosso de uma fuga talvez tenha sido expresso em termos brandos porque o pai de Shin também não confiava por completo no filho.

Quando Shin foi designado para a fábrica de roupas, onde oportunidades de encontrar ou furtar comida extra eram particularmente escassas, seu pai fizera o extraordinário esforço de obter farinha de arroz e enviá-la para o filho como um presente paterno. Shin sentiu aversão pelo presente e, mesmo com fome, passou-o adiante.

Agora, sentados juntos no refeitório, nenhum dos dois mencionou o presente, e quando Shin partiu naquela noite não houve nenhuma despedida especial. Ele supunha que, assim que os guardas soubessem da fuga, iriam buscar seu pai e levá-lo de volta para a prisão subterrânea. Tinha quase certeza de que ele não sabia o que estava por vir.

CAPÍTULO 15

A CERCA

Na manhã seguinte, bem cedo, um capataz da fábrica de roupas conduziu Shin, Park e cerca de 25 outros prisioneiros montanha acima. Eles começaram a trabalhar perto do topo de uma encosta de mais de 360 metros. O céu estava claro e o sol brilhava sobre uma camada compacta de neve, mas fazia frio e o vento soprava. Alguns prisioneiros usavam machadinhas para arrancar os galhos de árvores derrubadas, enquanto outros empilhavam madeira.

Estar na turma que saía para catar lenha era um extraordinário golpe de sorte. Isso punha Shin e Park muito perto da cerca que corria ao longo da crista da montanha. Do outro lado dela, o terreno declina abruptamente, mas não é tão íngreme que não possa ser atravessado a pé. Pouco depois da cerca, há árvores.

Uma guarita erguia-se sobre a cerca mais ou menos 400 metros ao norte do local onde os prisioneiros cortavam lenha. Duplas de guardas, caminhando lado a lado, patrulhavam o perímetro interno. Shin notou que havia longos intervalos entre as patrulhas.

O capataz encarregado pela equipe de trabalho era também um prisioneiro, por isso estava desarmado. Nos intervalos entre as patrulhas, não havia ninguém por perto que pudesse disparar uma arma contra Shin e Park. Mais cedo, eles decidiram esperar o cair da noite, quando seria mais difícil que os guardas seguissem suas pegadas na neve.

Enquanto trabalhava e esperava, Shin cismava sobre como os outros prisioneiros ignoravam a cerca e as oportunidades que se encontravam do outro lado. Eram como vacas, pensou, com uma passividade ruminante, resignados a suas vidas sem saída. Tinha sido como eles até conhecer Park.

Por volta das quatro horas da tarde, com a luz do dia se esvaindo, Shin e Park andaram furtivamente em direção à cerca, podando árvores enquanto se moviam. Ninguém pareceu notar.

Shin logo se viu diante da cerca, que tinha cerca de três metros de altura. Havia uma banqueta de neve que chegava à altura do joelho bem em frente a ele e depois uma trilha onde ela fora pisoteada pelos guardas da patrulha. Mais além, havia uma faixa limpa e lisa de areia. Ela revelaria pegadas se alguém a pisasse. E depois disso vinha a própria cerca, que consistia em sete ou oito fios de arame farpado de alta voltagem, a intervalos de cerca de trinta centímetros, presos entre mourões altos.

As cercas em torno de alguns dos campos de trabalhos forçados na Coreia do Norte incluem fossos, com espigões destinados a empalar quem caísse dentro

deles, segundo Kwon Hyuk, um desertor que trabalhou como administrador no Campo 22. Mas Shin não viu nenhum fosso nem espigão.

Ele e Park disseram um ao outro que, se conseguissem passar pela cerca sem tocar nos arames, estariam salvos. Quanto à maneira como fariam isso, não tinham certeza. No entanto, à medida que a hora da fuga se aproximava, Shin ficou surpreso por não sentir medo.

Park, porém, estava perturbado.

Depois que os guardas passaram ao longo da cerca como parte da ronda do fim da tarde, Shin percebeu medo na voz do companheiro.

— Não sei se consigo fazer isso — sussurrou ele. — Não podemos tentar em alguma outra ocasião?

— Do que você está falando? — perguntou Shin. — Se não fizermos isso agora, não haverá outra chance.

Ele temia que se passassem meses, talvez anos, antes que tivessem permissão para ficar longe da fábrica ao cair da noite perto de uma seção da cerca que não podia ser vista de uma torre de vigilância.

Não podia — não iria — esperar mais.

— Vamos correr! — gritou.

Agarrou a mão de Park e puxou-o para a cerca. Por um ou dois segundos torturantes, Shin teve de arrastar o homem que inspirara seu desejo de fugir. Logo, porém, Park começou a correr.

Haviam planejado que Shin ficaria à frente até que os dois estivessem longe da cerca, mas ele escorregou e caiu de joelhos sobre a trilha congelada por onde passara a patrulha.

Park chegou primeiro. Ajoelhando-se, ele empurrou os braços, a cabeça e os ombros entre os dois fios de arame mais baixos.

Segundos depois, Shin viu centelhas e sentiu cheiro de carne queimada.

A maioria das cercas elétricas construídas para fins de segurança repele invasores com um pulso de corrente penoso, mas extremamente breve. Não são projetadas para matar, e sim para afugentar animais e pessoas. Cercas elétricas letais, porém, usam uma corrente contínua que pode fazer uma pessoa ficar pregada no arame enquanto a voltagem provoca contrações musculares involuntárias, paralisia e morte.

Antes que Shin conseguisse se levantar, Park parara de se mexer. É possível que já estivesse morto. Mas o peso de seu corpo puxava para baixo o fio de arame inferior, prendendo-o contra o chão coberto de neve e criando uma pequena brecha na cerca.

Sem hesitação, Shin rastejou sobre o corpo do amigo, usando-o como uma espécie de almofada isolante. Enquanto se contorcia através da cerca, pôde sentir a corrente. Parecia que havia agulhas se fincando nas solas de seus pés.

Havia quase terminado de atravessar a cerca quando a parte inferior de suas pernas escorregou do torso de Park e entrou em contato direto, através dos dois

pares de calças que usava, com o fio de baixo. A voltagem do arame causou-lhe queimaduras severas dos tornozelos aos joelhos. Os ferimentos sangraram por semanas.

Mas levaria em torno de duas horas até que ele percebesse a gravidade dos ferimentos.

A lembrança mais clara que tem dos momentos em que rastejava através da cerca era que o corpo de Park cheirava como se estivesse queimando.

——

O corpo humano é imprevisível no que diz respeito à condução de eletricidade. Por razões não claramente compreendidas, a capacidade dos indivíduos de sofrer um choque de alta voltagem e sobreviver varia muito. Não é uma questão de constituição ou preparo físico. Pessoas corpulentas não mostram maior resistência que as esguias.

A pele humana pode ser um isolante relativamente bom se estiver seca. O tempo frio fecha os poros da pele, reduzindo a condutividade. Múltiplas camadas de roupa podem ajudar também. Mas mãos suadas e roupas molhadas podem derrotar facilmente a resistência natural da pele à corrente. Uma vez que a eletricidade de alta voltagem penetra num corpo bem aterrado (sapatos molhados sobre um solo coberto de neve), os líquidos e sais no sangue, músculos e ossos são excelentes condutores. Já houve caso de pessoas molhadas, de mãos dadas, que morreram, juntas, eletrocutadas.

O sucesso de Shin em se arrastar e atravessar uma cerca elétrica projetada para matar parece ser sido uma questão de sorte. A dele foi estarrecedoramente boa; a de Park foi terrível. Se Shin não tivesse escorregado na neve, teria chegado à cerca em primeiro lugar e é muito provável que tivesse morrido.

Ele não sabia, mas para passar em segurança pela cerca ele precisava de um dispositivo que pudesse desviar o fluxo da corrente dela para o chão. O corpo de Park, deitado sobre o solo úmido acima do fio inferior de arame, transformou-se nesse dispositivo.

Com Park extraindo a corrente do fio e canalizando-a para o solo, o nível de voltagem a que Shin foi exposto enquanto rastejava sobre as costas do amigo provavelmente não estava perto de ser letal. As camadas extras de roupa que usava também podem ter ajudado.

——

Quando se afastou da cerca, Shin não fazia ideia de para onde ir. No topo da montanha, a única direção que ele podia considerar era para baixo. A princípio,

avançou sinuosamente em meio a um grupo de árvores. Dentro de minutos, porém, estava num descampado, enfiando-se em campos e pastos elevados esporadicamente iluminados por uma meia-lua que aparecia entre as nuvens.

Correu por cerca de duas horas, sempre rumando para baixo, até que entrou num vale. Havia celeiros e casas espalhadas. Não ouviu nenhum alarme, nenhum tiroteio, nenhum grito. Até onde podia ver, ninguém o perseguia.

Quando a adrenalina da fuga começou a refluir, percebeu que as pernas de suas calças estavam pegajosas. Suspendeu-as, viu sangue brotando das pernas e compreendeu a gravidade de suas queimaduras. Os pés também sangravam. Ele pisara em pregos, ao que parecia, quando estava perto da cerca do campo. Fazia muito frio, a temperatura estava bem abaixo dos 12 graus negativos. Ele não tinha agasalho.

Park, morto na cerca, não lhe dissera onde poderia encontrar a China.

CAPÍTULO 16

FURTOS

Precipitando-se montanha abaixo na escuridão do início da noite através do restolho de um campo de trigo, Shin deparou com um barracão de fazenda semienterrado na encosta. A porta estava trancada. Como não havia nenhuma casa nas proximidades, ele quebrou o cadeado com um cabo de machado que achou no chão.

Logo ao entrar, descobriu três espigas de milho seco e devorou-as. O milho o fez perceber como estava faminto. Ajudado pelo luar, vasculhou o barracão à procura de mais alguma coisa para comer. Em vez disso, deu com um velho par de calçados de algodão e um surrado uniforme militar.

Há uniformes por toda parte na Coreia do Norte, a sociedade mais militarizada do mundo. O recrutamento é quase universal. Os homens servem por dez anos, as mulheres por sete. Com mais de um milhão de soldados no serviço ativo, cerca de 5% da população do país usa uniforme, contra apenas 1% nos Estados Unidos. Outros cinco milhões de pessoas servem no Exército de reserva durante grande parte de suas vidas adultas. O Exército é "o povo, o Estado e o Partido", diz o governo, que não se qualifica mais como um Estado comunista. Seu princípio norteador, segundo a Constituição, é "em primeiro lugar as forças armadas". Soldados uniformizados catam mexilhões e lançam mísseis, colhem maçãs e constroem canais de irrigação, vendem cogumelos e supervisionam a exportação de jogos Nintendo falsificados.

Inevitavelmente, uniformes acabam em celeiros e barracões.

As calças e a camisa que Shin encontrou eram muito grandes para ele, assim como os calçados. Porém, encontrar uma muda de roupa — menos de três horas depois de fugir do campo e antes que qualquer pessoa pudesse vê-lo — foi um extraordinário golpe de sorte.

Ele tirou os sapatos molhados e frios e despiu os dois pares de calças da prisão. Dos joelhos para baixo elas estavam rígidas de sangue e neve. Tentou fazer uma bandagem para as pernas com páginas arrancadas de um livro que encontrou no barracão. Elas grudaram nas suas canelas laceradas. Vestiu o uniforme roto, grande demais, e enfiou os pés nos sapatos que encontrara.

Não mais reconhecível instantaneamente como um prisioneiro fugitivo, ele se tornara apenas mais um norte-coreano malvestido, mal calçado e malnutrido. Num país onde um terço da população era cronicamente desnutrida, onde os mercados e estações de trem locais estavam repletos de vendedores itinerantes imundos e onde quase todo mundo servia o Exército, Shin se misturava facilmente aos

demais.

Fora do barracão, ele também encontrou uma estrada e seguiu-a até chegar a uma aldeia no fundo do vale. Ali, para sua surpresa, viu o rio Taedong.

Apesar de ter corrido tanto, estava a pouco mais de três quilômetros rio acima do Campo 14.

Notícias da sua fuga não haviam chegado à aldeia. As ruas estavam escuras e vazias. Shin cruzou uma ponte sobre o Taedong e rumou para o leste numa estrada paralela ao rio. Escondeu-se dos faróis quando um único carro passou por ele. Depois subiu num trilho de estrada de ferro que parecia abandonado e continuou andando.

Tarde da noite, tendo caminhado cerca de dez quilômetros, ele alcançou os arredores de Bukchang, uma vila produtora de carvão logo ao sul do rio, com cerca de dez mil habitantes. Havia alguns transeuntes na rua, mas sua presença não lhes pareceu despertar especial atenção. Com uma fábrica de alumínio, minas de carvão e uma grande usina elétrica, a vila talvez estivesse acostumada a ver trabalhadores andando pelas ruas mesmo em horas tardias.

Avistou um chiqueiro, uma visão familiar e confortadora. Pulou uma cerca, encontrou um pouco de palha de arroz e enfiou-se nela para passar a noite.

Durante os dois dias seguintes, procurou comida pelas redondezas de Bukchang, devorando tudo que conseguia encontrar no chão ou em montes de lixo. Não tinha ideia do que deveria fazer ou de para onde deveria ir. As pessoas na rua pareciam ignorá-lo. As pernas doíam, e ele sentia fome e frio. Apesar disso, estava radiante. Sentia-se como um extraterrestre caído na Terra.

Nos meses e anos seguintes, Shin descobriria todas as coisas modernas: vídeos em streaming, blogs e viagens aéreas internacionais. Terapeutas e conselheiros profissionais o orientariam. Pregadores lhe mostrariam como orar para Jesus Cristo. Amigos o ensinariam a escovar os dentes, usar um cartão de débito e andar por aí com um smartphone. Por meio de obsessivas leituras na internet, a política, a história e a geografia das duas Coreias, da China, do Sudeste Asiático, da Europa e dos Estados Unidos se tornariam todas familiares para ele.

Nada disso, porém, contribuiu mais para mudar sua compreensão de como o mundo funciona — e de como seres humanos interagem uns com os outros — do que os primeiros dias que passou fora do campo.

Chocou-o ver norte-coreanos cuidando das próprias vidas sem receber ordens de guardas. Quando tinham a audácia de rir juntos na rua, ou de usar roupas muito coloridas, ou ainda de pechinchar numa feira livre, Shin esperava que homens armados interviessem, golpeassem cabeças e acabassem com aquele disparate.

A palavra que Shin usa reiteradamente para descrever aqueles primeiros dias é "choque".

Não era significativo para ele que a Coreia do Norte no auge do inverno seja feia, suja e escura, ou que seja mais pobre que o Sudão, ou que, tomada como um todo, seja vista pelos grupos de direitos humanos como a maior prisão do mundo.

Seu contexto eram 23 anos numa jaula ao ar livre dirigida por homens que enforcaram sua mãe, fuzilaram seu irmão, aleijaram seu pai, assassinaram mulheres grávidas, surraram crianças até a morte, o ensinaram a trair sua família e o torturaram com fogo.

Sentia-se maravilhosamente livre — e, até onde lhe era possível perceber, ninguém estava a sua procura.

Mas também estava fraco de fome e, enquanto vagava pelas ruas, começou a procurar uma casa vazia onde pudesse comer e descansar. Encontrou uma no fim de uma ruela. Forçando uma janela dos fundos feita de vinil, pulou para dentro.

Na cozinha, encontrou três tigelas de arroz cozido. Imaginou que quem o preparara devia estar prestes a voltar. Temendo arriscar-se a comer ou dormir na casa, esvaziou o arroz num saco de plástico e pôs junto um pouco de pasta de soja que encontrou numa prateleira.

Vasculhando o resto da casa, encontrou um par de calças grossas de inverno penduradas num cabide e mais um par de sapatos. Encontrou também uma mochila e um casaco de inverno marrom-escuro, que era de estilo militar e muito mais quente do que qualquer casaco que já tivesse usado. Abriu uma última gaveta da cozinha e descobriu um saco de cinco quilos de arroz. Enfiou-o na mochila e saiu.

Perto do centro de Bukchang, uma feirante gritou-lhe. Queria saber o que havia na sua mochila, se ele tinha alguma coisa para vender. Tentando manter a calma, ele respondeu que tinha um pouco de arroz. Ela se ofereceu para comprá-lo por quatro mil wons norte-coreanos, que valiam cerca de quatro dólares no câmbio negro.

Shin descobrira a existência do dinheiro por meio de Park. Antes que a senhora na feira o chamasse, observara, maravilhado, pessoas usarem pequenos pedaços de papel — que supunha serem dinheiro — para comprar comida e outras mercadorias.

Não tinha a menor ideia se quatro mil wons era um preço justo por seu arroz furtado, mas vendeu-o alegremente e comprou algumas bolachas e biscoitos. Guardou o resto do dinheiro e deixou a vila a pé. Seu destino era a China, mas ainda não sabia onde ela ficava.

Na estrada, encontrou vários homens andrajosos e escutou sua conversa. Eles estavam procurando trabalho, surrupiando comida, viajando de uma feira livre para outra e tentando manter-se longe da polícia. Um ou dois deles perguntaram a Shin de onde era. Ele respondeu que crescera na área de Bukchang, o que não deixava de ser verdade e satisfez a curiosidade dos homens.

Shin logo percebeu que quase todos aqueles homens eram estranhos uns para

os outros. Mas tinha medo de fazer perguntas demais. Não queria se sentir obrigado a falar sobre si mesmo.

As pessoas que vagavam pela Coreia do Norte na época eram, em sua maioria, operários desempregados e agricultores fracassados, segundo um levantamento feito entre mais de 1.300 refugiados norte-coreanos na China no fim de 2004 e em 2005.[1] Havia também estudantes, soldados, técnicos e alguns ex-funcionários do governo.

A pesquisa sugeriu que eles estavam na estrada sobretudo por razões econômicas, na esperança de encontrar emprego ou ocupação na China. Suas vidas haviam sido extremamente difíceis, e as relações com o governo eram tensas: quase 25% dos homens e 37% das mulheres disseram que parentes tinham morrido de fome. Mais de um quarto deles tinha sido preso na Coreia do Norte, e 10% disseram ter sido postos na cadeia, onde a fome forçada, a tortura e as execuções eram comuns. Para sair da Coreia do Norte, mais da metade dos refugiados contou ter usado dinheiro para subornar funcionários ou comprar a ajuda de contrabandistas profissionais.

Shin juntou-se a essa população errante, supondo que estaria mais seguro em sua companhia do que viajando sozinho. Tentava copiar o comportamento dos homens que encontrava na estrada. Não era difícil. Como ele próprio, eles eram esfarrapados, pareciam sujos, cheiravam mal e estavam desesperados por comida.

———

Como um Estado policial, a Coreia do Norte não tolera andarilhos desocupados. Leis proíbem estritamente os cidadãos de viajar entre cidades sem a devida autorização. Mas no período que se seguiu à fome — com o colapso da economia dirigida pelo Estado, a ascensão dos mercados privados e a quase onipresença de negociantes com mercadorias contrabandeadas da China — as leis eram ignoradas com frequência. Policiais podiam ser subornados; na verdade, muitos deles viviam de subornos. Desocupados com um pouquinho de dinheiro podiam viajar em direção à China sem atrair atenção.

Não há números confiáveis sobre as deserções para a China ou sobre o movimento de pessoas que perambulam no interior da Coreia do Norte. A probabilidade de escapar de uma prisão e conseguir entrar no país vizinho parece mudar de um período para outro. Depende de quão recentemente o governo ordenou uma intensificação das medidas de segurança, do grau de vigilância das autoridades chinesas na repatriação dos desertores, da disposição dos guardas para aceitar subornos e do quanto os norte-coreanos estão desesperados para cruzar a fronteira. O governo norte-coreano criou novos campos de trabalhos forçados para abrigar negociantes e viajantes pobres demais ou sem sorte de abrir caminho para o norte mediante subornos.

Mas uma tendência é clara. O número de norte-coreanos que buscam asilo na Coreia do Sul vem aumentando a cada ano desde 1995. Naquele ano, chegaram 41. Em 2009, esse número havia saltado para quase três mil. Entre 2005 e 2011 chegaram mais desertores ao Sul do que em todo o período desde o fim da Guerra da Coreia, em 1953.

Quando Shin começou a andar rumo à fronteira em janeiro de 2005, as condições para a fuga eram, ao que parece, relativamente boas. Evidências disso podem ser encontradas no grande número de fugitivos — cerca de 4.500 — que chegaram à Coreia do Sul entre 2006 e 2007. Os desertores levam, em geral, um ou dois anos para se deslocar da China à Coreia do Sul.

A permeabilidade da fronteira norte-coreana tende a aumentar quando guardas e funcionários locais podem aceitar propinas sem receber uma punição draconiana de autoridades superiores.

— Mais do que nunca, o dinheiro fala mais alto — disse Chun Ki-won, um pastor protestante em Seul que me contou que, entre 2000 e 2008, ele ajudou mais de seiscentos norte-coreanos a entrarem na China e depois seguirem caminho até a Coreia do Sul.

Quando Shin se arrastou pela cerca elétrica, havia uma bem estabelecida rede de contrabando humano, com tentáculos que alcançavam as profundezas da Coreia do Norte. Chun e vários outros agentes baseados em Seul me disseram que, se recebessem dinheiro suficiente, podiam tirar praticamente qualquer norte-coreano do país.

Divulgando seus serviços através do boca a boca, agentes em Seul ofereciam "fugas planejadas". Uma versão econômica custava menos de dois mil dólares. Ela envolvia meses de viagem pela China, via Tailândia ou Vietnã, até Seul e podia exigir travessias de rios traiçoeiros, árduas viagens a pé e semanas de espera em insalubres campos de refugiados tailandeses.

Uma fuga planejada de primeira classe, incluindo passaporte chinês falsificado e passagem aérea de Pequim a Seul, custava dez mil dólares ou mais. Do princípio ao fim, disseram agentes e desertores, a fuga de primeira classe podia durar menos de três semanas. Pastores ativistas de igrejas sul-coreanas inventaram o negócio da fuga no final dos anos 1990 e início da década de 2000, contratando agentes que subornavam guardas do Norte na fronteira com dinheiro doado por paroquianos em Seul. Quando Shin caiu na estrada, os próprios desertores, muitos deles ex-oficiais das forças armadas e da polícia da Coreia do Norte, haviam tomado conta do negócio e dirigiam discretamente operações com fins lucrativos.

Essa nova linhagem de agentes muitas vezes recebia pagamento adiantado em dinheiro de famílias sul-coreanas abastadas ou de renda média que buscavam a libertação de um parente. Às vezes, eles trabalhavam num sistema de crediário, recebendo pouco ou nenhum dinheiro à vista do desertor ou de sua família. Quando o beneficiado pelo plano em prestações chegava a Seul e tinha acesso a parte dos mais de quarenta mil dólares que o governo sul-coreano dava a recém-chegados do

Norte, eles costumavam exigir mais dinheiro que sua remuneração básica.

"Meu chefe está disposto a adiantar todo o dinheiro para pagar subornos e tirar alguém do país", disse um agente baseado em Seul e ex-oficial militar norte-coreano que trabalhou para uma organização de contrabando humano na China. "Mas, quando o sujeito chega a Seul, tem de pagar o dobro por esse serviço."

Em 2008, muitos desertores estavam tão endividados com os contrabandistas que o governo sul-coreano mudou sua maneira de distribuir ajuda monetária. Em vez de pagar a quantia total, dava o dinheiro ao longo do tempo, com incentivos para os que arranjavam empregos e se mantinham neles. Cerca de um quarto do dinheiro passou a ir diretamente para a moradia, impossibilitando sua transferência para um agente.

Usando contatos pessoais e institucionais no Norte, agentes contratavam guias para escoltar pessoas de suas casas na Coreia do Norte até a fronteira chinesa, onde elas eram entregues a guias que falavam chinês e as levavam até o aeroporto de Pequim.

Perto de Seul, conversei com uma desertora norte-coreana que, em 2002, pagou 12 mil dólares a um agente para tirar clandestinamente do país seu filho de 11 anos.

"Eu não sabia que a coisa podia acontecer com tanta rapidez", declarou a mulher. Ela não quis revelar seu nome porque, na época, junto com os irmãos, estava providenciando a retirada clandestina de sua mãe. "Bastaram cinco dias para que meu filho fosse arrancado de lá e cruzasse o rio para chegar à China. Fiquei pasma quando recebi um telefonema de funcionários do aeroporto em Seul informando que ele estava aqui."

Na fronteira e dentro do país, o governo norte-coreano tem tentado reprimir essas operações — e periodicamente consegue.

"Muita gente foi apanhada", disse-me Lee Jeong Yeon, um ex-funcionário norte-coreano da fronteira. "A polícia é a favor da execução de 100% dos que são pegos ajudando pessoas a desertar. Eu mesmo vi várias dessas execuções. Os contrabandistas de gente bem-sucedidos são pessoas experientes, com bons contatos nas forças armadas e que dão dinheiro aos guardas", afirmou. "Os guardas são trocados com frequência, e novas pessoas precisam ser subornadas."

Lee, cuja identidade foi confirmada por funcionários do serviço sul-coreano de informações, trabalhou durante três anos junto da fronteira da China com a Coreia do Norte. Ele supervisionava agentes secretos que se passavam por intermediários e guias, com o objetivo de se infiltrar no negócio de retirada clandestina de pessoas e desmantelá-lo. Lee contou-me que, após sua deserção para o Sul, usou seus contatos no Norte para trazer 34 pessoas para a liberdade.

———

Shin não tinha a consciência, o dinheiro nem os contatos necessários para usar as redes de contrabando humano, e por certo não tinha ninguém fora do país para contratar profissionais para ajudá-lo.

Mas, mantendo a boca fechada e os olhos abertos, ele penetrou no turbilhão de contrabandos, negociações e pequenos subornos que tomou conta da economia pós-fome da Coreia do Norte.

Negociantes informais lhe mostravam montes de feno onde podia dormir, bairros em que podia arrombar casas e feiras onde podia trocar mercadorias roubadas por alimento. Shin muitas vezes compartilhava comida com eles à noite, quando todos se amontoavam em torno de uma fogueira à beira da estrada.

Quando partiu de Bukchang naquele dia, usando seu paletó recém-roubado e carregando um farnel escondido de biscoitos, Shin juntou-se a um grupinho de mercadores que por acaso se dirigia para o norte.

CAPÍTULO 17

RUMO AO NORTE

A menos que pudesse ir para bem longe — e rápido —, Shin temia logo ser apanhado.

Ele andou quase 15 quilômetros até um povoado na montanha chamado Maengsan, onde lhe disseram que um caminhão apareceria perto do mercado central. Por uma pequena quantia, o veículo transportava passageiros até a estação ferroviária de Hamhung, a segunda maior cidade da Coreia do Norte.

Shin ainda não aprendera geografia suficiente para saber onde ficava Hamhung. Mas não se preocupou com isso. Estava desesperado para encontrar um meio de transporte que não fossem suas pernas doloridas. Fazia três dias que atravessara a cerca elétrica, arrastando-se, e ainda estava a pouco mais de vinte quilômetros do Campo 14.

Após fazer fila com mercadores que esperavam o caminhão, conseguiu enfiar-se na carroceria. A estrada era ruim, e a viagem de mais de 95 quilômetros até Hamhung levou o dia todo e avançou pela noite. Na carroceria do caminhão, um par de homens perguntou a Shin de onde ele vinha e para onde ia. Sem ter certeza de quem eram ou por que perguntavam aquilo, ele fingiu estar confuso e não disse nada. Os homens perderam o interesse nele.

Sem que soubesse, Shin fazia a viagem em um momento muito propício.

Outrora, os deslocamentos interurbanos na Coreia do Norte haviam sido impossíveis sem uma autorização de viagem, carimbada ou inserida num "certificado de cidadão", documento do tamanho de um passaporte que tinha por modelo a carteira de identidade da antiga União Soviética.

Prisioneiros criados num campo como Shin não recebiam certificado de cidadão. Para os norte-coreanos que não o possuíam, era muito difícil obter autorizações para viagem. Em geral, eram concedidas por razões relacionadas a trabalho ou a um evento familiar que pudesse ser confirmado por burocratas, como um casamento ou um funeral. Mas a fiscalização policial sistemática desses documentos havia terminado em grande parte em 1997, exceto para viagens com destino a Pyongyang e outras áreas restritas.[1] As regras foram relaxadas quando a fome impeliu as pessoas para as estradas, em busca de comida. Desde então, os subornos pagos pelos mercadores evitavam que a polícia e outros agentes de segurança aplicassem a lei. Em poucas palavras, a cobiça da burocracia faminta por dinheiro pareceu permitir a viagem de Shin.

Com toda probabilidade, o caminhão em que ele viajou era um veículo militar convertido ilegalmente em meio de transporte pago. O sistema, conhecido como

servi-cha, ou carro de serviço, foi inventado no final dos anos 1990 por elites do governo e militares para arrancar dinheiro daqueles que precisavam se locomover e transportar mercadorias pelo país. Foi parte de um sistema emergente que logo obteve grande sucesso e que o Daily NK, um site baseado em Seul com informantes do Norte, descreve como a "principal ferramenta de transporte" do país e provavelmente a "mais decisiva influência no crescimento" dos mercados privados.[2]

Na Coreia do Norte os veículos não pertencem a indivíduos, mas ao governo, ao partido e às forças armadas. Oportunistas empregados dentro dessas organizações desviavam caminhões e tramavam com contrabandistas para trazer frotas de carros de segunda mão, vans e ônibus da China. Depois que os veículos eram registrados em nome de entidades estatais, motoristas privados eram contratados, e andarilhos como Shin podiam se deslocar por grande parte do país sem que lhes fizessem perguntas.

O capitalismo insurgente apavorava o governo da Coreia do Norte, que se queixava publicamente de um declive escorregadio rumo à mudança de regime e à catástrofe. Mas tentativas periódicas de disciplinar os corruptos, restringir as atividades dos mercados, tirar os veículos do servi-cha das estradas e confiscar dinheiro defrontavam-se com uma resistência generalizada. Grande parte dela vinha de um funcionalismo público mal remunerado, cujo sustento dependia do uso da autoridade policial e administrativa para arrancar dinheiro de capitalistas em ascensão.

Para obrigar os comerciantes a pagar, as forças de segurança da Coreia do Norte introduziram uma nova modalidade de campos de trabalhos forçados, diferentes daquele em que Shin nascera. Em vez de abrigar criminosos políticos em caráter perpétuo, eles encarceravam — e ocasionalmente torturavam — mercadores que não pagavam subornos a agentes de segurança. Policiais percorriam de quando em quando os mercados e prendiam os negociantes a pretexto de vagas leis que proibiam compras e vendas. Eles só podiam evitar uma horrível viagem para um campo de trabalhos forçados mediante pagamentos em moeda forte.

A existência desses campos, que o governo começou a construir antes da fuga de Shin, foi revelada pela primeira vez em "Repression and Punishment in North Korea" (Repressão e punição na Coreia do Norte), um relatório de 2009 baseado em informações de mais de seiscentos refugiados entrevistados na China e na Coreia do Sul entre 2004 e 2008.

Os agentes de segurança usavam essas prisões como "um sistema para extorquir as pessoas", contou-me, em Washington, Marcus Noland, economista e coautor do documento. "Parece de fato o trabalho de uma quadrilha, uma espécie de Estado 'Soprano'."

Cerca de dois terços das pessoas presas nesses campos tinham permissão para voltar para casa dentro de um mês, segundo a pesquisa feita entre os refugiados.

Geralmente, não eram locais muito grandes, havia poucos guardas e não muitas cercas, mas, durante a breve estada lá dentro, muitos norte-coreanos disseram ter testemunhado de maneira rotineira execuções e mortes por tortura e inanição. O efeito desse encarceramento expresso para crimes econômicos espalhou medo entre as pessoas que ganhavam a vida com o comércio.

"O governo norte-coreano ordena à polícia restringir os mercados, mas ela nem sempre obedece porque muitos policiais e outras autoridades estão ganhando dinheiro", afirmou Jiro Ishimaru, o editor de Rimjin-gang, um jornal baseado no Japão que compila relatos de testemunhas oculares, fotos e vídeos contrabandeados por repórteres anônimos. "As pessoas de fora não compreendem, mas a Coreia do Norte está passando neste exato momento por uma mudança drástica."

——

Shin chegou à noite às imediações da estação ferroviária de Hamhung, uma cidade litorânea com cerca de 750 mil habitantes. A maioria deles trabalhava em fábricas, ou o fizera, antes que elas fossem fechadas por conta da falta de eletricidade e de matérias-primas.

Durante a fome dos anos 1990, o sistema estatal de distribuição de alimentos se desintegrou em Hamhung, deixando os operários sem quaisquer formas alternativas de obtê-los. Em consequência, a cidade foi mais duramente atingida pela fome e pela inanição que qualquer outro centro populacional na Coreia do Norte, segundo relatos de refugiados.[3] Jornalistas ocidentais que visitaram o país em 1997 observaram que os morros que cercam a cidade estavam cobertos de túmulos novos. Um sobrevivente disse que 10% dos habitantes da cidade morreram, ao passo que outro estimou que 10% fugiram em busca de comida.

Em 2005, quando Shin chegou a Hamhung, a maioria de suas fábricas ainda estava fechada. Mas o grosso do tráfego de trens norte-sul da Coreia do Norte ainda continuava a passar por seus pátios ferroviários.

Protegido pela escuridão, Shin foi com outros mercadores do caminhão até um trecho do pátio ferroviário onde trens de carga eram montados e despachados. Viu alguns guardas na estação, mas eles não estavam verificando documentos de identidade e não fizeram nenhum esforço para afastar os comerciantes dos vagões.

Ainda seguindo outros homens, Shin subiu num vagão de carga fechado que iria para Chongjin, a maior cidade do extremo norte do país e um portão para estradas de ferro que rumavam para a fronteira chinesa. O trem partiu antes do amanhecer para um percurso de cerca de 280 quilômetros. Se tudo corresse bem, eles chegariam ao destino em um dia, talvez dois.

Shin logo aprendeu algo que todo mundo na Coreia do Norte já sabia havia anos — os trens andam devagar, quando andam.

Durante os três dias seguintes, ele viajou menos de 160 quilômetros. No vagão de carga fechado, fez amizade com um rapaz de cerca de vinte anos que disse estar indo para Gilju, uma cidade de 65 mil habitantes por onde passava a principal ferrovia para Chongjin. O rapaz contou que voltava de uma tentativa malograda de encontrar trabalho; não tinha comida, nem dinheiro, nem agasalho de inverno. Mas ofereceu-se para deixar Shin passar alguns dias no apartamento de sua família. Disse que ele ficaria aquecido e que lá haveria o que comer.

Shin precisava descansar. Estava exausto e faminto. A comida que comprara em Bukchang acabara. As queimaduras em suas pernas continuavam a sangrar. Aceitou com gratidão o oferecimento do rapaz.

Era o começo da tarde, fazia frio e começava a nevar quando desceram do trem na estação de Gilju. Por sugestão do novo amigo de Shin, que conhecia lugares onde havia comida barata, eles pararam a caminho do apartamento e compraram macarrão quente de um vendedor de rua. Shin pagou a refeição com as últimas notas do que recebera pelo arroz furtado.

Quando terminaram a refeição, o rapaz disse que o apartamento de sua família ficava bem perto dali, mas confessou estar constrangido de se apresentar aos pais usando roupas puídas. Perguntou se Shin se importaria de lhe emprestar seu paletó por alguns minutos. Assim que tivesse cumprimentado a família, acrescentou, viria buscá-lo naquele mesmo lugar e o levaria para o apartamento, onde poderiam se aquecer e dormir.

Desde que fugira do campo, Shin se esforçava para aprender qual era o comportamento normal dos norte-coreanos. Mas, depois de apenas uma semana, ele não havia descoberto muita coisa. Emprestar um paletó para um amigo que precisava manter as aparências para a mãe e o pai talvez fosse normal, pensou. Entregou o agasalho e concordou em esperar.

Passaram-se horas. A neve continuou a cair. Seu amigo não voltou. Shin não pensara em segui-lo para ver em que prédio ele havia desaparecido. Começou a procurar nas ruas próximas. Não encontrou nenhum sinal do rapaz. Após várias horas, trêmulo e confuso, enrolou-se num sujo encerado de plástico que encontrou na rua e esperou o amanhecer.

Durante os vinte dias seguintes, Shin vagou por Gilju. Sem casaco, sem dinheiro, sem contatos e sem nenhuma ideia de para onde deveria ir, foi uma tarefa formidável simplesmente permanecer vivo. A temperatura média de janeiro na cidade é sete graus negativos, muito abaixo do ponto de congelamento.

Uma coisa o salvou: a companhia — e os conselhos sobre gatunagem — dos sem-teto da cidade, muitos deles adolescentes. Ele os encontrou nas proximidades da estação ferroviária, onde mendigavam, trocavam informações e periodicamente

partiam em bandos em busca de comida.

O grupo a que Shin se juntou era especializado em desenterrar daikon, um rabanete branco com formato de cenoura, típico do Leste da Ásia, muito usado para fazer kimchi, o condimento fermentado e picante que é o prato mais famoso da Coreia. Para impedir que a safra de outono congele durante os meses frios, os norte-coreanos por vezes os enterram em montes de terra.

Durante o dia, Shin seguia turmas de ladrões adolescentes até os arredores da cidade, procurando casas isoladas com os reveladores montes de terra em seus quintais. Após um dia desenterrando e comendo daikons crus, voltava para o centro com todos que conseguia carregar, vendia-os nas feiras livres e comprava lanches. Quando não conseguia furtar daikons, revirava o lixo à procura de comida.

À noite, mais uma vez seguia os sem-teto e ia dormir em lugares semiprotegidos que eles tinham encontrado perto de prédios com sistemas de aquecimento central. Também dormia em montes de feno e perto de fogueiras que os sem-teto às vezes preparavam.

Não fez nenhum amigo e tomava muito cuidado para não falar sobre si mesmo.

Em Gilju, como ao longo de toda a Coreia do Norte, ele via fotografias de Kim Jong Il e de Kim Il Sung em toda parte — em estações ferroviárias, praças e nas casas que ele às vezes invadia. Mas ninguém, nem mesmo os vagabundos e adolescentes sem-teto, ousava criticar seus líderes ou ridicularizá-los. Sondagens realizadas entre desertores recém-chegados à China constataram que esse medo é persistente e quase universal.

Para Shin, a maior luta ainda era encontrar o suficiente para comer. Mas furtar comida estava longe de ser uma atividade excepcional na Coreia do Norte.

“O furto sempre foi um problema”, revelou Charles Robert Jenkins nas memórias que escreveu em 2008 sobre os quarenta anos que viveu no país. “Se o sujeito não tomasse conta de suas coisas, não faltava quem ficasse feliz em livrá-lo delas.”[4]

Jenkins era um sargento do Exército norte-americano pouco instruído e profundamente infeliz que serviu na Coreia do Sul em 1965, quando decidiu que a grama devia ser mais verde no Norte. Depois de tomar dez cervejas, topou com a fronteira mais fortemente militarizada do mundo e entregou seu fuzil M14 para espantados soldados norte-coreanos.

“Eu era ignorante a esse ponto”, disse-me ele. Contou que havia desertado do Exército em troca do encarceramento autoimposto numa “prisão gigantesca, insana”.

No entanto, na qualidade de desertor norte-americano, Jenkins foi bem mais que um prisioneiro. O governo norte-coreano transformou-o no ator que sempre fazia o papel do branco perverso nos filmes de propaganda que demonizavam os

Estados Unidos.

Agentes de segurança também lhe entregaram uma jovem japonesa e o estimularam a estuprá-la. Ela havia sido raptada de sua cidade natal no Japão em 12 de agosto de 1978, como parte de uma prolongada e sempre oculta operação norte-coreana que sequestrava jovens japoneses de comunidades litorâneas. Três agentes norte-coreanos a agarraram ao anoitecer perto de uma praia, enfiaram-na num saco preto e a levaram embora num navio.

Mas a mulher, Hitomi Soga, acabou se apaixonando por Jenkins. Os dois se casaram e tiveram duas filhas, ambas matriculadas numa escola de Pyongyang que preparava espiões poliglotas.

O começo do fim das estranhas aventuras de Jenkins na Coreia do Norte veio em 2002, quando o primeiro-ministro japonês Junichiro Koizumi voou até Pyongyang para uma reunião extraordinária com Kim Jong Il. Durante esse encontro, Kim admitiu para Koizumi que seus agentes haviam sequestrado 13 civis japoneses nas décadas de 1970 e 1980, entre os quais a mulher de Jenkins, Hitomi. Ela recebeu autorização imediata para deixar o país no avião de Koizumi. Depois de uma segunda viagem do primeiro-ministro japonês à Coreia do Norte em 2004, Jenkins e as filhas também obtiveram permissão para ir embora.

Quando entrevistei Jenkins, ele e a família moravam na remota ilha japonesa de Sado, onde sua mulher nasceu e onde havia sido sequestrada por agentes norte-coreanos.

Durante as décadas que passou na Coreia do Norte, Jenkins teve uma casa no campo e cultivou uma grande horta que ajudava a alimentar sua família. Ele também recebia do governo um pagamento mensal em dinheiro — o suficiente para assegurar que não ficassem sem comida durante a fome coletiva. Ainda assim, para sobreviver ele e a família tinham de rechaçar vizinhos ladrões e soldados que perambulavam a esmo.

“Tornou-se rotina para nós, quando o milho amadurecia, montar guarda a noite inteira porque os soldados nos deixariam depenados”, escreveu ele.

Os furtos chegaram ao auge durante a escassez dos anos 1990, quando bandos de jovens sem-teto — muitos deles órfãos — começaram a se reunir em torno das estações ferroviárias em cidades como Gilju, Hamhung e Chongjin.

O comportamento e o desespero deles são descritos em Nothing to Envy (Nada a invejar), o livro de Barbara Demick sobre como norte-coreanos comuns suportaram os anos de fome.

Na estação de Chongjin, contou ela, crianças arrancavam lanches das mãos de viajantes. Trabalhando em equipes, as mais velhas derrubavam bancas de comida e provocavam os vendedores a sair correndo para agarrá-las. As menores avançavam então para recolher a comida caída. As crianças usavam também gravetos de ponta afiada para fazer buracos em sacos de cereais em trens e caminhões muito lentos.[5]

Durante a fome, os funcionários da limpeza da estação ferroviária faziam rondas

com um carro de mão de madeira, recolhendo corpos do piso da estação, escreveu Demick. Havia rumores muito difundidos de canibalismo, com afirmações de que algumas crianças que faziam ponto em torno da estação foram drogadas, mortas e tiveram sua carne retalhada para servir de alimento.

Embora isso não fosse uma prática generalizada, Demick concluiu que ela, de fato, ocorreu.

“A partir de minhas entrevistas com desertores, parece de fato que houve pelo menos dois casos [...] em que pessoas foram presas e executadas por canibalismo”, escreveu.

Quando Shin ficou retido em Gilju em janeiro de 2005, a situação alimentar era muito menos medonha.

As colheitas em toda a Coreia do Norte foram relativamente boas em 2004. A Coreia do Sul enviava ao país ajuda alimentar e fertilizantes gratuitos em quantidade. Auxílio alimentar da China e do Programa Mundial de Alimentação também jorrava nos cofres do Estado — e parte dele acabava nas feiras de rua.

Os sem-teto em torno da estação de trem tinham fome, mas Shin, no tempo que passou nas ruas de Gilju, nunca viu ninguém morrendo ou morto de frio ou fome.

As feiras estavam repletas de abundantes provisões de alimentos secos, frescos e processados, incluindo farinha de arroz, tofu, biscoitos, bolos e carne. Roupas, utensílios de cozinha e eletrodomésticos também estavam à venda. Quando aparecia com daikons furtados, Shin encontrava feirantes ávidas por comprá-los.

Enquanto ele vivia à custa do alheio em Gilju, a fuga para a China desapareceu de sua mente. Os sem-teto em cujas fileiras ingressara tinham outros planos. Em março, eles pretendiam viajar para uma fazenda estatal, onde plantariam batatas, um trabalho que proporcionava refeições regulares. Sem nada mais para fazer e nenhum outro contato, Shin resolveu ir com eles. Seus planos mudaram de novo, porém, depois de um dia de furtos excepcionalmente produtivo.

Na zona rural nos arredores da cidade, ele se desgarrou do bando, cujos membros escavavam uma horta. Sozinho, foi até os fundos de uma casa vazia e entrou por uma janela.

Dentro, encontrou roupas de inverno, um chapéu de lã de estilo militar e um saco de sete quilos de arroz. Trocou suas roupas por aquelas mais quentes e levou o arroz em sua mochila para um comerciante de Gilju, que o comprou por seis mil wons, cerca de seis dólares.

Agora que tinha um novo bolo de notas para comprar comida e pagar subornos, a China voltou a lhe parecer possível. Foi a pé até o pátio da estação de Gilju e arrastou-se para dentro de um vagão de carga fechado que iria para o norte.

CAPÍTULO 18

A FRONTEIRA

O rio Tumen, que forma cerca de um terço da fronteira entre a Coreia do Norte e a China, é raso e estreito. Em geral, ele congela no inverno, e para atravessá-lo bastam alguns minutos. Na maior parte dessa área, a margem chinesa do rio oferece uma proteção razoável; é densamente arborizada. A vigilância no lado chinês é esparsa.

Shin aprendeu sobre o Tumen com mercadores que viajavam no trem. Mas não tinha informações detalhadas sobre onde deveria atravessá-lo ou que subornos seriam aceitáveis pelos guardas norte-coreanos que patrulham a margem sul.

Assim, viajou num vagão fechado de Gilju para Chongjin e de lá para Gomusan, uma junção ferroviária a cerca de quarenta quilômetros da fronteira, e começou a fazer perguntas a pessoas do lugar.

— Olá, está frio, não é? — disse a um velho que encontrou agachado nos degraus da estação ferroviária de Gomusan.

Ofereceu biscoitos.

— Oh, muito obrigado — disse o homem. — Posso lhe perguntar de onde vem?

Shin havia pensado numa resposta verdadeira, mas um tanto vaga. Contou que tinha fugido de casa na província de Pyongan do Sul, onde o Campo 14 se situa, porque estava faminto e a vida era difícil.

O velho contou que tivera uma vida muito mais fácil quando vivia na China, onde era fácil encontrar comida e trabalho. Oito meses antes, a polícia chinesa o prendera e o devolvera para a Coreia do Norte, onde passara alguns meses num campo de trabalhos forçados. Perguntou se Shin pensava em ir para lá.

— Alguém consegue atravessar para a China? — perguntou Shin, tentando manter sob controle sua curiosidade e sua excitação.

O velho não precisava de muito estímulo. Passou mais da metade do dia falando sobre a China, explicando onde atravessar o Tumen e como se comportar nos postos de controle perto da fronteira. A maioria dos guardas, segundo ele, era ávida por subornos. Outras instruções que deu: quando guardas pedirem documentos de identidade, dê-lhes alguns cigarros e um pacote de biscoitos, junto com pequenas quantias. Diga-lhes que é um soldado. Diga-lhes que está indo visitar parentes na China.

Cedo na manhã seguinte, Shin entrou num trem de carvão que ia para as proximidades de Musan, uma cidade mineira na fronteira. Como havia sido avisado de que a cidade estava apinhada de soldados, saltou do trem quando ele reduziu a marcha para entrar na estação de Musan e rumou para o sul a pé. Caminhou o dia

inteiro, quase trinta quilômetros, procurando um trecho do Tumen que fosse raso e fácil de atravessar.

Sem nenhum documento de identidade, ele sabia que seria preso se os vigias fizessem seu serviço. No primeiro posto de controle, um guarda pediu seus papéis. Tentando esconder o medo, ele disse que era um soldado voltando para casa. O fato de suas roupas e seu chapéu de lã, furtados em Gilju, serem do verde-escuro dos uniformes militares ajudava.

— Aqui, fume isto — disse, entregando dois maços de cigarros ao guarda.

O guarda pegou os cigarros e, com um gesto, mandou-o passar.

Num segundo posto de controle, outro guarda pediu-lhe um documento de identidade. Mais uma vez Shin ofereceu cigarros e um pacote de biscoitos. Ao avançar, encontrou um terceiro e um quarto guardas da fronteira. Eram jovens, esqueléticos e estavam famintos. Antes que ele pudesse abrir a boca, pediram-lhe cigarros e comida — mas não quiseram ver qualquer documento de identidade.

Shin não poderia ter fugido da Coreia do Norte sem uma grande dose de sorte, em especial na fronteira. Quando conseguiu ingressar na China à custa de subornos no fim de janeiro de 2005, por acaso havia uma janela aberta, permitindo uma passagem ilegal relativamente pouco arriscada.

O governo norte-coreano foi obrigado — pela fome catastrófica de meados da década de 1990 e pela importância dos gêneros alimentícios chineses para alimentar a população — a tolerar uma fronteira porosa com a China. Essa tolerância tornou-se uma política semioficial em 2000, quando a Coreia do Norte prometeu brandura com quem havia fugido do país à procura de comida. Foi um reconhecimento atrasado de que dezenas de milhares de norte-coreanos atingidos pela fome já haviam ido para a China e de que o país estava cada vez mais dependente de suas remessas. Além disso, em 2000 os mercadores haviam começado a se deslocar aos milhares para um lado e para outro da fronteira, fornecendo alimentos e produtos para as feiras informais que praticamente substituíram o sistema público de distribuição do governo.

Após o decreto de Kim, as pessoas presas ao cruzar as fronteiras eram soltas após alguns dias de interrogatórios ou, no máximo, depois de alguns meses em campos de trabalhos forçados, a menos que os interrogadores concluíssem que elas tinham contatos com sul-coreanos ou com missionários na China.[1] O governo do Norte começou também a reconhecer e autorizar o papel dos mercadores na alimentação da população. Após seis meses de trâmites burocráticos e verificação de antecedentes, funcionários do governo — em especial se recebessem subornos — por vezes emitiam certificados que autorizavam negociantes a ir e vir legalmente entre a Coreia do Norte e a China.[2]

A fronteira porosa transformou vidas. Viajantes regulares para áreas rurais da Coreia do Norte perceberam que um número muito maior de pessoas parecia estar usando roupas quentes de inverno e que os mercados privados estavam vendendo aparelhos chineses de televisão e de videocassete, de segunda mão, bem como fitas de vídeo e vídeo-CDs piratas. (Os vídeo-CDs oferecem uma resolução muito mais baixa que os DVDs, mas os aparelhos de CD eram mais baratos que os de DVD e mais acessíveis aos norte-coreanos.)

Desertores norte-coreanos que chegavam a Seul contavam que rádios de pilha fabricados na China lhes permitiam ouvir estações chinesas e sul-coreanas, bem como a Rádio Ásia Livre e a Voz da América. Muitos contavam histórias sobre como haviam se viciado em filmes de Hollywood e telenovelas sul-coreanas.

“Fechávamos as cortinas e abaixávamos o volume sempre que assistíamos aos vídeos de James Bond”, contou-me uma dona de casa de quarenta anos, em Seul. Ela fugiu de sua aldeia de pescadores num bote com o marido e o filho. “Foi com aqueles filmes que comecei a aprender o que estava acontecendo no mundo, foi com eles que o povo aprendeu que o governo de Kim Jong Il não trabalha realmente para o seu bem.”

Seu filho me contou que se apaixonara pelos Estados Unidos, onde esperava viver um dia, vendo As panteras em vídeos fora de foco.

Quando o gotejar de filmes estrangeiros transformou-se em dilúvio, a polícia norte-coreana ficou alarmada e propôs uma nova técnica para deter as pessoas que assistiam a eles. Cortavam a eletricidade de prédios de apartamentos específicos e depois invadiam de surpresa cada unidade para ver que fitas e discos tinham ficado presos dentro dos aparelhos.

Por volta da época em que Shin e Park faziam seu plano de fuga, o governo concluíra que a fronteira se tornara porosa demais e representava uma ameaça para a segurança interna. Pyongyang estava particularmente enfurecida com iniciativas sul-coreanas e americanas que tornavam mais fácil para desertores norte-coreanos na China viajar para mais longe ainda e estabelecer-se no Ocidente. No verão de 2004, na maior deserção em massa, a Coreia do Sul transportou de avião 468 norte-coreanos do Vietnã para Seul. A agência norte-coreana de notícias denunciou o voo como “atração premeditada, sequestro e terrorismo”. Mais ou menos na mesma época, o congresso norte-americano aprovou uma lei que aceitava norte-coreanos para reassentamento nos Estados Unidos, ridicularizado pela Coreia do Norte como uma tentativa de derrubar seu governo sob o pretexto de promover a democracia.

Por essas razões, as regras na fronteira começaram a mudar no final de 2004. A Coreia do Norte anunciou uma nova política de punição severa para travessias ilegais da fronteira, com sentenças de até cinco anos de prisão. Em 2006, a Anistia Internacional entrevistou 16 pessoas que haviam atravessado a fronteira e apurou que as novas regras estavam em vigor e que as autoridades divulgavam avisos de que mesmo quem estava cruzando a fronteira pela primeira vez seria mandado

para a prisão por pelo menos um ano. Para fazer cumprir suas regras, a Coreia do Norte começou a implantar um sistema de vigilância eletrônica e fotográfica ao longo da fronteira. Estendeu cercas de arame farpado e construiu novas barreiras de concreto.[3] A China, da mesma forma, aumentou a segurança para desencorajar o ingresso de norte-coreanos no país às vésperas das Olimpíadas de 2008.

No fim de janeiro de 2005, quando Shin caminhou em direção à China com cigarros e salgadinhos, a janela da passagem de baixo risco através da fronteira com certeza estava quase começando a se fechar. Mas ele teve sorte: as ordens superiores ainda não haviam alterado o comportamento ávido por subornos dos quatro soldados andrajosos que encontrou nos postos de controle ao longo do rio Tumen.

— Estou morrendo de fome aqui — disse o último soldado que Shin subornou quando tentava sair da Coreia do Norte. Ele não parecia ter mais de 16 anos. — Você não tem alguma coisa de comer?

Seu posto ficava próximo de uma ponte que conduzia à China. Shin deu-lhe salsicha de tofu, cigarros e um pacote de balas.

— Muita gente atravessa a fronteira, indo para a China? — perguntou Shin.

— Claro que sim — respondeu o guarda. — Eles atravessam com a bênção do Exército e voltam depois de ganhar um bom dinheiro.

No Campo 14, Shin discutira muitas vezes com Park o que fariam depois de transpor a fronteira. Tinham planejado hospedar-se com o tio de Park, e agora esse tio lhe veio à mente.

— Seria possível eu visitar meu tio que mora na aldeia do outro lado do rio? — perguntou, embora não tivesse nenhuma ideia de onde o tio de Park realmente morava. — Quando eu voltar, vou lhe dar um presente.

— É claro, vá em frente — respondeu o guarda. — Mas hoje à noite só fico de serviço até as sete horas. Volte antes disso, está bem?

O guarda conduziu Shin por uma floresta até o rio, num ponto em que, segundo ele, a travessia seria segura. Era o fim da tarde, mas Shin prometeu-lhe que estaria de volta bem antes das sete com comida para lhe dar.

— Não corro perigo? — perguntou. — O rio está mesmo congelado?

O guarda garantiu-lhe que sim e que, mesmo que o gelo se quebrasse, a água só lhe chegaria aos tornozelos.

— Você não vai ter problema — disse.

O rio tinha uns noventa metros de largura. Shin pôs-se a caminhar devagar sobre o gelo. Na metade do caminho, o gelo quebrou-se e seus sapatos ficaram encharcados de água gelada. Ele pulou de volta para o gelo firme e avançou de gatinhas pelo resto do caminho até a China.

Na outra margem, levantou-se e virou-se para olhar pela última vez para a Coreia do Norte.

Perguntou a si mesmo se seu pai teria sido morto no campo.

O jovem guarda de fronteira norte-coreano estivera observando seu progresso. Ele agitou o punho num gesto de impaciência, indicando a Shin que se apressasse e desaparecesse na mata.

CAPÍTULO 19

CHINA

Shin correu margem acima e escondeu-se brevemente na mata, onde seus pés molhados começaram a congelar. Escurecia e ele se sentia exausto depois de um longo dia no frio. Por ter reservado o pouco dinheiro que tinha para os cigarros e as gulodices que entregaria aos guardas da fronteira, havia comido pouco nos últimos dias.

Para se aquecer e se afastar do rio, subiu um morro e seguiu uma estrada através de campos cobertos de neve. A uma curta distância, além dos campos, podia ver um grupo de casas.

Entre ele e as casas, havia dois homens na estrada. Eles empunhavam lanternas e tinham caracteres chineses impressos nas costas. Mais tarde Shin ficou sabendo que eram soldados chineses da patrulha da fronteira. Desde 2002, quando centenas de norte-coreanos em busca de asilo criaram constrangimentos para a China ao invadirem embaixadas estrangeiras, dezenas de milhares de pessoas que cruzavam a fronteira ilegalmente haviam sido recolhidas e repatriadas à força.[1] Os soldados que Shin viu olhavam para o céu. Ele imaginou que estavam contando estrelas. Sua presença não pareceu interessá-los. Ele apertou o passo em direção às casas.

Seu plano para sobreviver na China era tão simplório quanto o plano para fugir da Coreia do Norte. Ele não sabia para onde ir ou com quem entrar em contato. Desejava simplesmente afastar-se da fronteira o máximo possível. Havia entrado numa região pobre, montanhosa e esparsamente povoada da província chinesa de Jilin. O vilarejo mais próximo era Helong, cerca de cinquenta quilômetros ao norte do ponto em que ele cruzara o rio. Sua única esperança era um boato que ouvira de negociantes itinerantes na Coreia do Norte: pessoas de origem coreana que viviam na região da fronteira chinesa poderiam se dispor a lhe oferecer abrigo e comida — e talvez um trabalho.

Entrando no quintal de uma das casas, Shin provocou os latidos furiosos de um grande número de cachorros. Contou sete deles — uma quantidade surpreendente pelos padrões da Coreia do Norte, onde a população de animais de estimação havia sido dizimada por pessoas à cata de comida, muitas delas órfãs, que furtavam e esfolavam cães para lhes assar a carne nos anos de fome.[2]

Quando a porta da frente foi aberta, ele pediu alguma coisa para comer e um lugar para dormir. Um homem coreano-chinês mandou-o embora. Disse-lhe que a polícia o avisara naquela manhã mesmo que não deveria ajudar norte-coreanos.

Shin dirigiu-se para uma casa de tijolos próxima, onde pediu ajuda a outro coreano-chinês. Foi mandado embora de novo. Desta vez, com grosseria.

Estava desesperado de frio ao sair do quintal. Viu os restos de um fogo de um forno escavado na terra ao ar livre. Após desenterrar três toras em brasa, levou-as para uma floresta de lariços próxima, raspou a neve do chão, encontrou alguns gravetos e conseguiu acender uma fogueira. Sem querer, adormeceu.

Ao raiar do dia, o fogo morrera. O rosto de Shin estava coberto pela geada. Enregelado até os ossos, calçou os sapatos e as meias, ainda molhados. Caminhou a manhã toda, seguindo estradas que ele esperava que o conduzissem para longe da fronteira. Por volta do meio-dia, viu uma barreira policial a distância, saiu da estrada, encontrou outra casa e bateu à porta.

— Poderia me dar alguma ajuda, por favor? — implorou.

Um coreano-chinês recusou-se a permitir que ele entrasse. Disse que sua mulher tinha uma doença mental. Mas deu-lhe duas maçãs.

Para evitar postos de controle e afastar-se mais da fronteira, Shin seguiu uma trilha que serpenteava pelas montanhas e passou a maior parte do dia caminhando. (Ele não sabe ao certo por onde andou nesse primeiro dia na China; imagens do Google Earth da região próxima à fronteira mostram montanhas cobertas de florestas e algumas casas espalhadas.) Ao anoitecer, tentou mais uma casa de fazenda, recém-construída com blocos de concreto e cercada de chiqueiros. Cinco cães ladraram quando ele entrou no quintal.

Um homem de meia-idade enfiou a cara gorducha para fora da porta.

— Você é da Coreia do Norte? — perguntou o sujeito.

Cansado, Shin assentiu com a cabeça.

O homem, um agricultor chinês que falava um pouco de coreano, convidou-o a entrar e mandou uma moça cozinhar arroz. Contou que outrora havia empregado dois desertores norte-coreanos e que eles haviam sido trabalhadores úteis. Ofereceu a Shin comida, um lugar para dormir e cinco iuanes por dia — certa de sessenta centavos de dólar — se ele estivesse disposto a cuidar de porcos.

Antes de comer sua primeira refeição quente na China, Shin tinha um emprego e um lugar para dormir. Ele já fora um prisioneiro, um dedo-duro, um fugitivo e um ladrão, mas nunca um empregado. O emprego era um novo começo e um alívio colossal. Punha fim a um terrível e gélido mês de fuga. Uma vida inteira de escravidão transformava-se de repente em passado.

Durante o mês seguinte, na cozinha do criador de porcos, Shin encontrou, por fim, comida em abundância. Ele enchia o estômago três vezes ao dia com a carne assada sobre a qual tecera fantasias no campo, ao lado de Park. Tomava banho com sabão e água quente. Livrou-se dos piolhos que o acompanhavam desde o nascimento.

O agricultor comprou antibióticos para as queimaduras nas pernas de Shin, junto com roupas quentes de inverno e botas de trabalho. Logo ele jogou fora as roupas furtadas e mal ajustadas que o identificavam como norte-coreano.

Tinha um quarto só para si, onde dormia no chão com vários cobertores. Podia dormir até dez horas por noite, um luxo inimaginável. A moça que morava na casa — Shin descobriu que ela era amante do agricultor — cozinhava para ele e ensinava-lhe rudimentos de chinês.

Ele trabalhava do nascer do sol até as sete ou oito horas da noite por sessenta centavos por dia. Além de cuidar dos porcos, caçava javalis com o fazendeiro nas montanhas próximas. Depois que o fazendeiro atirava neles, Shin arrastava a carcaça para fora da mata para ser retalhada e vendida.

Embora o trabalho fosse muitas vezes exaustivo, ninguém o esbofeteava, chutava ou esmurrava, e ninguém o ameaçava. O medo começou a refluir à medida que a comida abundante e o sono lhe permitiam recuperar as forças. Quando a polícia visitava a fazenda, o agricultor o instruía a se fazer de mudo. O fazendeiro dava testemunho de seu bom caráter e a polícia ia embora.

Entretanto, Shin compreendia que só era bem-vindo na casa do fazendeiro por ser mão de obra barata.

A capacidade que as fronteiras chinesas têm de absorver norte-coreanos é muito grande — e bastante subestimada fora do Nordeste da Ásia. A área não é assim tão estrangeira — ou pouco acolhedora — para imigrantes de língua coreana.

Quando desertores entram no país, os primeiros "estrangeiros" que encontram são, em geral, chineses de origem coreana que falam a mesma língua que eles, comem comida parecida e compartilham os mesmos valores culturais. Com um pouco de sorte, podem, como Shin, encontrar trabalho, abrigo e certo grau de segurança.

Essa situação se desenrola desde o final dos anos 1860, quando a fome atingiu a Coreia do Norte e lavradores famintos fugiram para o Nordeste da China através dos rios Tumen e Yalu. Mais tarde, o governo imperial chinês recrutou agricultores coreanos para criar uma barreira contra a expansão russa, e a dinastia Choson, da Coreia, permitiu que partissem legalmente. Antes da Segunda Guerra Mundial, os japoneses que ocuparam a península coreana e o Nordeste da China empurraram dezenas de milhares de agricultores coreanos para o outro lado da fronteira, com o objetivo de enfraquecer o domínio chinês sobre a região.

Quase dois milhões de chineses de etnia coreana vivem agora nas três províncias do Nordeste da China, concentrando-se em Jilin, onde Shin entrou depois de, engatinhando, atravessar o rio congelado. Dentro da província de Jilin, a China criou o Distrito Autônomo Coreano de Yanbian, onde 40% da população é de etnia coreana e o governo subsidia escolas e publicações em língua coreana.

A população de idioma coreano radicada no Nordeste da China foi também uma força não devidamente reconhecida de mudança cultural dentro da Coreia do Norte.

Ela produziu essa mudança ao assistir a telenovelas sul-coreanas captadas por antenas parabólicas, gravá-las em CDs de baixa qualidade e contrabandear centenas de milhares deles para a Coreia do Norte, onde são vendidos até por meros 15 centavos de dólar, segundo Rimjin-gang, a revista publicada em Osaka com informantes baseados no Norte.

As telenovelas sul-coreanas — que exibem os carros velozes, as casas opulentas e a explosão de confiança no país — são classificadas como "materiais visuais gravados impuros" e é ilegal assisti-las na Coreia do Norte. Mas arrebataram enormes audiências em Pyongyang e outras cidades, onde até os policiais encarregados de confiscá-las aparentemente as veem e os adolescentes imitam as entonações suaves da língua coreana tal como falada pela elite das estrelas de Seul.[3]

Esses programas de TV demoliram décadas de propaganda norte-coreana, que afirma que o Sul é um lugar pobre, reprimido e infeliz e que os sul-coreanos anseiam pela unificação sob a mão paternal da dinastia Kim.

―――

No último meio século, os governos da China e da Coreia do Norte usaram suas forças de segurança de maneira cooperativa para garantir que a infiltração através da fronteira nunca se transformasse numa inundação. Segundo o governo sul-coreano, no início dos anos 1960 os dois países assinaram um acordo secreto sobre segurança na fronteira. Por meio de outro acordo, em 1986, a China comprometeu-se a enviar os desertores norte-coreanos de volta para casa, onde muitas vezes enfrentam prisão, tortura e meses ou anos de trabalhos forçados.

Ao prender seus cidadãos dentro do país, a Coreia do Norte viola um acordo internacional que se comprometeu a cumprir. O acordo de 1966 diz: "Todos devem ser livres para deixar qualquer país, inclusive o seu próprio."[4]

Ao definir todos os desertores norte-coreanos como "refugiados econômicos" e enviá-los de volta a seu país para serem perseguidos, a China viola suas obrigações como signatária de uma convenção internacional dos refugiados de 1951. Pequim recusa-se a permitir que os desertores reivindiquem asilo e impede o escritório do Alto Comissariado da ONU para Refugiados de trabalhar ao longo da fronteira com a Coreia do Norte.

O direito internacional, na verdade, foi derrotado pelos interesses estratégicos da Coreia do Norte e da China. Um êxodo em massa da primeira poderia despovoar substancialmente o país, solapar sua já inadequada capacidade de cultivar alimentos e enfraquecer — ou talvez até derrubar — o governo. O risco de um êxodo como esse aumenta à medida que a economia da China prospera, a da Coreia do Norte afunda e a notícia de que a vida na China é melhor se espalha.

Para o governo chinês, uma onda descontrolada de refugiados coreanos

empobrecidos é indesejável por várias razões. Isso agravaria enormemente a pobreza em três províncias do Nordeste da China, que perderam em grande parte a chance de se beneficiar da riqueza gerada pelo boom econômico do país. E, o que é ainda mais relevante, poderia precipitar o colapso do regime na Coreia do Norte e levar à unificação da península sob um governo baseado em Seul e estreitamente aliado aos Estados Unidos. No processo, a China perderia uma importante barreira entre uma de suas regiões mais pobres e uma Coreia unida, abastada e voltada para o Ocidente. Isso, por sua vez, poderia despertar sentimentos nacionalistas entre chineses de etnia coreana nas fronteiras.

A aversão de Pequim por desertores norte-coreanos, tal como expressa pela polícia e pelos soldados na fronteira, é bem compreendida por fazendeiros, capatazes de fábricas e outros patrões nas províncias do Nordeste da China.

Mas, como Shin descobriu, eles tinham grande propensão a ignorar diretivas nacionais quando se viam diante de um norte-coreano laborioso, que mantém a boca fechada e trabalha duro em troca de sessenta centavos por dia. Além disso, os empregadores chineses estão livres para lesar e agredir esses trabalhadores norte-coreanos ou se desvencilhar deles a qualquer hora.

———

Depois de um mês, o arranjo de Shin com o agricultor azedou.

Ele apanhava água num riacho perto da fazenda quando encontrou dois outros desertores norte-coreanos. Esfaimados e com frio, eles estavam vivendo numa choça abandonada no bosque, não muito longe da fazenda de porcos. Shin pediu ao fazendeiro chinês para socorrê-los e ele o fez, mas com uma relutância e uma irritação que o empregado demorou a perceber.

Um dos desertores era uma mulher na casa dos quarenta anos, que havia cruzado a fronteira antes. Ela tinha um marido chinês e um filho. Eles moravam ali perto, e ela quis lhes falar por telefone. O fazendeiro autorizou-a a usar seu aparelho. Alguns dias depois, ela e o outro desertor foram embora.

Mas abrigar três norte-coreanos incomodara o fazendeiro, que disse a Shin que ele também teria de partir.

O fazendeiro sabia de outro emprego: cuidar de gado nas montanhas. Ofereceu-se para levar Shin até lá em seu carro. Após dirigir em estradas nas montanhas por duas horas, deixou-o no rancho de um amigo. Não ficava longe de Helong, uma cidade com cerca de 85 mil habitantes. Se Shin trabalhasse com afinco, disse-lhe o fazendeiro, seria generosamente compensado.

Só depois que o fazendeiro foi embora Shin descobriu que ninguém no rancho falava coreano.

CAPÍTULO 20

ASILO

Durante os dez meses seguintes, Shin ficou onde o criador de porcos o deixara, cuidando de gado em pastos na montanha e dormindo no chão de uma casa de fazenda com dois carrancudos vaqueiros chineses. Era livre para ir embora quando bem entendesse. Mas não sabia para onde ir ou que outra coisa fazer.

O futuro era para ter sido responsabilidade de Park. No campo, ele havia assegurado que, depois que os dois chegassem à China, ele providenciaria passagens para a Coreia do Sul. Pediria ajuda ao tio. Dinheiro, documentos e contatos lhes seriam fornecidos. Mas Park estava morto e a Coreia do Sul parecia impossivelmente distante.

A permanência num só lugar, porém, proporcionou alguns benefícios. As pernas de Shin ficaram curadas; o tecido cicatricial por fim cobriu as queimaduras. Com os vaqueiros e o administrador da fazenda, ele aprendeu um pouco de chinês coloquial. E, pela primeira vez na vida, teve acesso a uma máquina produtora de sonhos.

Um rádio.

Shin brincava com os botões toda manhã, mudando entre cerca de uma dúzia de estações de língua coreana que fazem transmissões diárias na Coreia do Norte e no Nordeste da China. Essas emissoras, financiadas pela Coreia do Sul, pelos Estados Unidos e pelo Japão, misturam notícias da Ásia e do mundo com uma cobertura acerbamente crítica da Coreia do Norte e da dinastia Kim. Elas se concentram na escassez crônica de alimentos, nas violações dos direitos humanos, nas provocações militares, no programa nuclear e na dependência em relação à China. Um tempo considerável é dedicado às vidas confortáveis, pelos padrões norte-coreanos, dos desertores que vivem na Coreia do Sul, onde recebem moradia e outros subsídios do governo na capital.

Algumas dessas estações são dirigidas por desertores (com ajuda financeira dos Estados Unidos e de outras fontes), que recrutam repórteres dentro da Coreia do Norte. Esses repórteres, munidos de telefones celulares e que contrabandeiam para fora do país gravações de som e vídeo em minúsculos pen drives, revolucionaram a cobertura noticiosa da Coreia do Norte. Em 2002, o mundo exterior levou meses para ficar sabendo das reformas econômicas que relaxaram as restrições sobre os mercados privados. Sete anos depois, quando o governo norte-coreano lançou uma desastrosa reforma da moeda que empobreceu e encolerizou dezenas de milhares de negociantes, a notícia foi transmitida horas depois pela Rádio Coreia do Norte Livre.

Na Coreia do Norte, a punição por ouvir essas emissoras pode chegar a dez anos num campo de trabalhos forçados. Mas, recentemente, o país foi inundado com aparelhos de rádio de três dólares contrabandeados da China, e entre 5 e 20% dos norte-coreanos as sintonizam diariamente, segundo um levantamento feito na China com desertores, negociantes e outras pessoas que cruzaram a fronteira.[1] Muitos deles disseram aos pesquisadores que ouvir rádios estrangeiras lhes forneceu uma importante motivação para deixar o país.[2]

Na fazenda de gado chinesa, ao ouvir o rádio, Shin sentia-se confortado por escutar vozes falando numa língua que compreendia. Ele escutou a notícia empolgante, embora já com um ano de idade, de que várias centenas de desertores norte-coreanos haviam sido levadas de avião do Vietnã para Seul. Prestava particular atenção aos relatos sobre as condições de travessia da fronteira, sobre as rotas que os desertores tomavam para viajar da China para a Coreia do Sul e as vidas que levavam depois que chegavam lá.

Precisava fazer um grande esforço, porém, para compreender a maior parte do que ouvia no rádio.

As transmissões eram destinadas a norte-coreanos instruídos, que tinham crescido com uma mídia estatal que venera os poderes e a sabedoria divina da dinastia da família Kim e também adverte que americanos, sul-coreanos e japoneses conspiram para assumir o controle de toda a península coreana. O Campo 14 excluíra Shin do circuito da propaganda, e ele ouvia a contrapropaganda do Ocidente com os ouvidos de uma criança — curioso, confuso, por vezes até entediado, mas sempre carecendo de um contexto.

Durante as quatro semanas em que instruíra Shin sobre o modo como o mundo funcionava, Park também havia criticado severamente o governo norte-coreano. Mas Shin só fingia estar interessado, exceto quando o amigo falava de comida.

Ele se sentia aturdido com grande parte das notícias que ouvia no rádio sobre a Coreia do Norte. Sabia pouco sobre a família Kim e menos ainda sobre como ela era vista ao redor do mundo. Mesmo quando ouvia boatos saborosos sobre as vidas de desertores na China e na Coreia do Sul, não tinha com quem compartilhá-los.

Sem uma língua para se comunicar com quem quer que fosse, sua solidão na fazenda de gado tornou-se maior do que havia sido no campo de trabalhos forçados.

No final de 2005, com o inverno avançando sobre as montanhas, Shin decidiu mudar-se.

Ele tinha ouvido no rádio que igrejas coreanas na China às vezes ajudavam desertores. Assim, traçou um plano vago: iria viajar para o oeste e para o sul, afastando-se o máximo possível da Coreia do Norte e dos soldados dos postos de

controle da fronteira. Depois procuraria coreanos amistosos. Com a ajuda deles, esperava encontrar um emprego estável no Sul da China e passar a viver discretamente. Nessa altura havia perdido toda a esperança de chegar à Coreia do Sul.

Sabia chinês suficiente agora para dizer ao administrador da fazenda de gado por que estava indo embora. Explicou que, se continuasse vivendo perto da fronteira, seria detido pela polícia e enviado à força de volta para a Coreia do Norte.

Sem dizer muita coisa, o administrador pagou-lhe seiscentos iuanes, ou cerca de 72 dólares. Pelos dez meses em que Shin cuidara do gado, isso equivalia a menos de 25 centavos de dólar por dia. Com base nos sessenta centavos que havia ganhado na fazenda de porcos, ele esperara ganhar pelo menos o dobro.

Fora lesado, mas, como todos os norte-coreanos que trabalhavam na China, não tinha condições de protestar. Como presente de despedida, o administrador da fazenda lhe deu um mapa e o levou à estação rodoviária em uma cidade próxima, Helong.

Comparada à viagem pela Coreia do Norte, a viagem pela China pareceu a Shin fácil e segura. Suas roupas — presente do fazendeiro de porcos — eram de fabricação local e atraíam pouca atenção. Viajando sozinho e mantendo a boca fechada, descobriu que seu rosto e suas maneiras não anunciavam sua identidade de fugitivo norte-coreano.

Mesmo quando mencionava que viera da Coreia do Norte em conversas com pessoas de etnia coreana a quem pedia comida, dinheiro ou trabalho, aprendeu que não era ninguém especial. Uma longa fila de desertores mendigara antes dele. A maioria das pessoas que encontrou não se assustava com norte-coreanos nem se interessava por eles. Estava enjoada deles.

Ninguém pediu para ver seus documentos de identidade quando ele comprou uma passagem em Helong para a viagem de 169 quilômetros até Changchun, a capital da província de Jilin, ou quando pegou um trem para a viagem de mais de oitocentos quilômetros até Pequim, ou quando viajou mais de 1.600 quilômetros de ônibus para Chengdu, uma cidade de cinco milhões de habitantes no Sudoeste da China.

Chegando a Chengdu, destino que escolhera ao acaso na estação rodoviária de Pequim, Shin começou a procurar trabalho.

Num restaurante coreano, encontrou uma revista que arrolava nomes e endereços de várias pequenas igrejas. Em cada uma, pedia para falar com o pastor, explicando que era um norte-coreano que precisava de ajuda. Os pastores de etnia coreana davam-lhe dinheiro, até o equivalente a cinquenta dólares em iuanes. Nenhum deles, porém, lhe ofereceu trabalho ou moradia. Diziam-lhe também para ir embora. Era ilegal, segundo eles, ajudar um desertor.

Quando pedia ajuda na China, Shin tomava cuidado para não falar demais. Não contou a ninguém que havia fugido de um campo de trabalhos forçados para

prisioneiros políticos, temendo que isso pudesse induzir alguém a denunciá-lo à polícia. Tentava evitar conversas prolongadas. Mantinha-se também longe de hotéis e hospedarias, onde tinha medo de que lhe pedissem para mostrar documentos.

Em vez disso, passava muitas de suas noites em PC bangs, como são chamados os onipresentes cibercafés do Leste da Ásia, onde homens jovens, sobretudo solteiros, jogam no computador e surfam na internet 24 horas por dia.

Ele descobriu que num desses cibercafés podia obter endereços e algum descanso, se não exatamente sono. Parecia-se com muitos dos jovens desempregados e sem rumo que faziam ponto nesses lugares, e ninguém lhe pedia documentos.

Depois que oito igrejas o mandaram embora, fez a longa e sofrida viagem de ônibus de volta a Pequim, onde durante dez dias voltou a se concentrar na procura de emprego em restaurantes coreanos. Por vezes os proprietários lhe davam comida ou algum dinheiro. Mas nenhum lhe ofereceu uma vaga.

Enquanto fracassava em sua busca por trabalho, Shin não entrou em pânico ou perdeu a coragem. Comida significava muito mais para ele do que para a maioria das pessoas, e em toda parte aonde ia na China havia uma impressionante abundância. Para seu espanto, naquele país até os cães pareciam bem alimentados e, quando ficava sem dinheiro para comprar comida, ele mendigava. Descobriu que os chineses em geral lhe davam alguma coisa.

Convenceu-se de que nunca passaria fome. Isso foi o bastante para acalmar seus nervos e dar-lhe esperança. Não tinha de arrombar casas para encontrar alimento, dinheiro ou roupas.

Deixou Pequim e fez uma viagem de ônibus de 113 quilômetros para Tianjin, uma cidade de dez milhões de habitantes, onde tentou novamente procurar pastores coreanos. Estes novamente lhe ofereceram pequenas quantias, mas nenhum trabalho ou moradia. Ele pegou um ônibus e foi para Jinan, uma cidade de cinco milhões de habitantes mais de 350 quilômetros ao sul, e passou cinco dias procurando igrejas coreanas. Ainda assim, não encontrou trabalho.

Foi de novo para o sul. No dia 6 de fevereiro de 2006 — um ano e uma semana depois de ter cruzado o rio Tumen congelado para entrar na China —, chegou a Hangzhou, uma cidade com cerca de seis milhões de habitantes no delta do rio Yang-tsé. No terceiro restaurante coreano em que entrou, o proprietário ofereceu-lhe um emprego.

O restaurante, chamado Haedanghwa Cozinha Coreana, era muito movimentado, e ele trabalhava longas horas, lavando pratos e limpando mesas. Depois de 11 dias, estava farto. Avisou ao proprietário que ia embora, recebeu seu pagamento e embarcou num ônibus para Xangai, cerca de 145 quilômetros ao sul.

———

Na estação rodoviária de Xangai, folheando uma revista escrita em coreano, Shin encontrou uma relação de restaurantes coreanos e partiu mais uma vez em busca de trabalho.

— Eu poderia falar com o proprietário? — perguntou à garçonete no primeiro restaurante de sua lista.

— Por que pergunta? — retrucou ela.

— Sou da Coreia do Norte, acabo de descer do ônibus, não tenho para onde ir — disse ele. — Pensei que talvez pudesse trabalhar neste restaurante.

A garçonete disse que o proprietário não estava disponível.

— Há alguma coisa que eu possa fazer aqui? — suplicou ele.

— Não há nenhum emprego, mas aquele homem que está comendo ali diz que é da Coreia; você deveria perguntar a ele.

A garçonete apontou para um cliente que almoçava.

— Com licença, sou da Coreia do Norte e estou procurando trabalho — disse Shin. — Por favor, ajude-me.

Após estudar-lhe o rosto por um momento, o homem lhe perguntou qual era sua cidade natal. Ele respondeu que era de Bukchang, a vila próxima do Campo 14, o lugar onde furtara seu primeiro saco de arroz.

— Você é mesmo da Coreia do Norte? — perguntou o homem, tirando do bolso um bloco de repórter e começando a fazer anotações.

Shin topara com um jornalista, o correspondente em Xangai de uma importante companhia de mídia sul-coreana.

— Por que veio para Xangai? — perguntou-lhe ele.

Shin repetiu o que acabara de dizer. Estava à procura de trabalho. Tinha fome. O jornalista anotava tudo. Esse não era o tipo de conversa a que Shin estava acostumado. Ele nunca conhecera um jornalista. Aquilo o deixou nervoso.

Depois de um longo silêncio, o homem lhe perguntou se ele queria ir para a Coreia do Sul — o que o deixou ainda mais nervoso. Quando chegou a Xangai, Shin já abandonara havia muito qualquer esperança de viajar para lá. Disse ao jornalista que não poderia ir porque não tinha nenhum dinheiro.

O homem sugeriu que saíssem juntos do restaurante. Na rua, ele parou um táxi, mandou Shin entrar e instalou-se a seu lado. Após vários minutos, disse-lhe que eles estavam a caminho do consulado da Coreia do Sul.

A inquietação de Shin transformou-se em pânico quando, em seguida, o jornalista passou a lhe explicar que poderia haver perigo ao saírem do táxi. Ele lhe disse que, se alguém o agarrasse, deveria se desvencilhar e correr.

Quando se aproximaram do consulado, viram carros de polícia e vários policiais uniformizados andando de um lado para o outro, diante da entrada. Desde 2002, o governo de Pequim tentava — com considerável sucesso — impedir que norte-coreanos invadissem embaixadas e consulados estrangeiros em busca de asilo.

Shin havia se mantido longe da polícia chinesa. Temendo ser preso e deportado, nunca ousara invadir casas à procura de roupas ou comida. Havia

tentado ser invisível, e conseguira.

Agora um estrangeiro o levava para um prédio fortemente vigiado — e o aconselhava a correr se a polícia tentasse detê-lo.

Quando o táxi parou em frente ao prédio com a bandeira sul-coreana, Shin sentiu uma opressão no peito. Ao descer na rua, teve medo de não conseguir andar. O jornalista disse-lhe para sorrir; passou o braço em volta dele e puxou-o para próximo de seu corpo. Juntos, caminharam rumo ao portão do consulado. Falando em chinês, o jornalista disse aos policiais que ele e seu amigo tinham negócios a tratar lá dentro.

Um policial abriu o portão e fez sinal para que entrassem.

Assim que entraram, o jornalista disse a Shin para relaxar. Mas ele não compreendeu que estava em segurança. Apesar de repetidas garantias do pessoal do consulado, não era capaz de acreditar que estava realmente sob a proteção do governo da Coreia do Sul. Imunidade diplomática não fazia sentido para ele.

O consulado era confortável, os funcionários sul-coreanos eram prestativos, e havia outro desertor com quem ele podia conversar.

Pela primeira vez em sua vida, Shin tomava banho de chuveiro diariamente. Tinha roupas novas, cuecas limpas. Repousado, limpo e sentindo-se cada vez mais seguro, esperou que fossem processados os documentos que lhe permitiriam viajar para a Coreia do Sul.

Soube pelos funcionários do consulado que o jornalista que o ajudara (e que ainda não quer ter seu nome e o de seu órgão de notícias divulgados) havia se envolvido em dificuldades com autoridades chinesas.

Após passar seis meses dentro do consulado, Shin voou para Seul, onde o Serviço Nacional de Inteligência da Coreia do Sul manifestou um interesse incomum por ele. Em interrogatórios que duraram um mês inteiro, ele contou sua história de vida a agentes do serviço de informações. Tentou ser o mais verdadeiro possível, embora tenha deixado de fora a parte referente à denúncia da mãe e do irmão.

CAPÍTULO 21

K'UREDIT K'ADUS

Quando os agentes do serviço secreto terminaram com ele, Shin apresentou-se a Hanawon, que significa "Casa da Unidade" em coreano. Trata-se de um centro de readaptação empoleirado numa verdejante região montanhosa a uns 65 quilômetros de Seul, megalópole de mais de vinte milhões de habitantes. O complexo parece um hospital psiquiátrico com fartos recursos financeiros e uma obsessão por segurança: prédios de tijolos vermelhos de três andares cercados por uma cerca alta encimada por videocâmeras e patrulhados por guardas armados.

Hanawon foi construída em 1999 pelo Ministério da Unificação para abrigar e alimentar desertores norte-coreanos e instruí-los sobre como se ajustar e sobreviver na cultura capitalista ultracompetitiva do Sul.

Com esse fim, o centro tem um quadro de funcionários que inclui psicólogos, consultores de carreira e professores dos mais diversos assuntos, de história do mundo à direção de automóvel. Há também médicos, enfermeiros e dentistas. Durante uma estada de três meses, os desertores aprendem quais são seus direitos sob as leis coreanas e fazem excursões a shopping centers, bancos e estações de metrô.

"Todos os que desertam têm problemas de adaptação", disse-me Ko Gyoung-bin, o diretor-geral de Hanawon, quando visitei o lugar.

De início, Shin parecia estar se adaptando melhor que a maioria.

As excursões não o surpreendiam ou amedrontavam. Tendo circulado sozinho por várias das maiores e mais prósperas cidades da China, ele estava acostumado a multidões agressivas, prédios altos, carros vistosos e engenhocas eletrônicas.

No primeiro mês em Hanawon, ele recebeu documentos de identidade com foto que certificavam sua cidadania sul-coreana, concedidos automaticamente pelo governo a todos os que fogem do Norte. Assistiu também a aulas que explicavam os muitos benefícios e programas oferecidos aos desertores, entre os quais um apartamento gratuito, um estipêndio mensal de oitocentos dólares para readaptação durante dois anos e nada menos de 1.800 dólares por mês enquanto se mantivesse fazendo um curso de treinamento para o trabalho ou de educação superior.

Numa sala de aula com outros desertores, aprendeu que a Guerra da Coreia começara quando a Coreia do Norte iniciara uma invasão de surpresa e não provocada do Sul em 25 de junho de 1950. Essa é uma lição de história que deixa estupefata a maioria dos recém-chegados do Norte. Desde a mais tenra infância, eles são ensinados pelo governo que a Coreia do Sul iniciou a guerra com o

estímulo e a assistência armada dos Estados Unidos. Em Hanawon, muitos desertores simplesmente se recusam a acreditar que esse pilar fundamental da história norte-coreana é uma mentira. Ficam irritados. É uma reação comparável à que norte-americanos poderiam ter se alguém lhes dissesse que a Segunda Guerra Mundial começou no Pacífico depois de um sorrateiro ataque americano a Tóquio.

Como quase nada lhe havia sido ensinado no Campo 14, uma revisão radical da história da península coreana não era significativa para Shin. Ele estava muito mais interessado em aulas que lhe ensinavam como usar um computador e encontrar informações na internet.

Mas perto do final de seu primeiro mês em Hanawon, exatamente quando começava a se sentir à vontade no lugar, ele começou a ter sonhos perturbadores. Via a mãe enforcada, o corpo de Park na cerca, e visualizava as torturas a que achava que o pai havia sido submetido após sua fuga. Com a continuação dos pesadelos, abandonou um curso de mecânico de automóveis. Não aprendeu a dirigir. Parou de comer. Esforçava-se em vão para dormir. Estava praticamente paralisado pela culpa.

———

Quase todos os desertores chegam a Hanawon com sintomas de paranoia. Falam aos sussurros e envolvem-se em brigas. Têm medo de revelar nome, idade ou local de nascimento. Seus modos, em geral, ofendem os sul-coreanos. Tendem a não dizer "obrigado" ou "desculpe".

Perguntas feitas por caixas de banco sul-coreanos, que eles encontram em excursões para abrir contas bancárias, com frequência aterrorizam desertores. Eles desconfiam das intenções de quase todas as pessoas em posições de autoridade. Sentem-se culpados em relação aos que deixaram para trás. Angustiam-se, por vezes ao ponto do pânico, em razão de sua inferioridade educacional e financeira em comparação com os sul-coreanos. Têm vergonha do modo como se vestem, falam e cortam o cabelo.

"Na Coreia do Norte, a paranoia era uma resposta racional a condições reais e ajudava essas pessoas a sobreviver", disse Kim Hee-kyung, uma psicóloga clínica que conversou comigo em seu consultório em Hanawon. "Mas ela os impede de compreender como as coisas se passam na Coreia do Sul. É um verdadeiro obstáculo à assimilação."

Adolescentes que vêm do Norte passam de dois meses a dois anos na Escola Secundária Hangyoreh, um estabelecimento de ensino em regime de internato para alunos com dificuldades, filiado a Hanawon. Ela foi construída em 2006 para ajudar jovens recém-chegados do Norte, cuja maioria é inapta para a escola pública na Coreia do Sul.

Quase todos eles se esforçam para aprender rudimentos de leitura e

matemática. Alguns têm déficits cognitivos, claramente em consequência de desnutrição aguda na primeira infância. Mesmo entre os jovens mais inteligentes, o conhecimento de história do mundo reduz-se essencialmente a histórias pessoais míticas do Grande Líder, Kim Il Sung, e de seu querido filho, Kim Jong Il.

"A educação que se recebe na Coreia do Norte é inútil para a vida na Coreia do Sul", disse-me Gwak Jong-moon, o diretor de Hangyoreh. "Quando a pessoa está com muita fome, não vai aprender e os professores não vão ensinar. Muitos estudantes passaram anos escondidos na China, sem nenhum acesso a escolas. Como crianças na Coreia do Norte, eles cresceram comendo cascas de árvore e pensando que isso era normal."

Durante excursões aos cinemas, jovens desertores muitas vezes entram em pânico quando as luzes se apagam, temendo que alguém possa sequestrá-los. Ficam aturdidos com o coreano falado na Coreia do Sul, onde a língua foi contaminada por americanismos como syop'ing (shopping) e k'akt'eil (coquetel).

Consideram inacreditável que dinheiro seja armazenado em k'uredit k'adus (credit cards; cartões de crédito) de plástico.

Pizza, cachorros-quentes e hambúrgueres — itens básicos da alimentação de um adolescente coreano — lhes dão indigestão. O mesmo efeito é provocado pelo excesso de arroz — o alimento básico de outrora, que na era pós-fome se tornou comida de rico na Coreia do Norte.

Uma adolescente na Escola Hangyoreh fez gargarejo com amaciante de roupa, confundindo-o com antisséptico bucal. Outra garota usou sabão em pó como farinha de trigo. Muitos alunos ficam aterrorizados quando ouvem pela primeira vez o ruído de uma máquina de lavar em funcionamento.

Além de paranoicos, confusos e intermitentemente tecnofóbicos, os desertores tendem a sofrer de doenças evitáveis e males quase inexistentes na Coreia do Sul. Chun Jung-hee, enfermeira-chefe de Hanawon há mais de dez anos, contou-me que uma alta porcentagem das mulheres provenientes do Norte tem infecções ginecológicas crônicas e cistos. Disse que chegam muitos desertores contaminados por tuberculose que nunca foram tratados com antibióticos. Eles também chegam comumente com indigestão crônica e hepatite B. Muitas vezes é difícil diagnosticar enfermidades rotineiras, contou a enfermeira, porque os desertores não estão acostumados com médicos e desconfiam daqueles que lhes fazem perguntas pessoais e prescrevem remédios. Homens, mulheres e crianças têm problemas dentários graves resultantes de desnutrição e da falta de cálcio em suas dietas. Metade do dinheiro gasto anualmente em cuidados médicos em Hanawon vai para tratamento dentário protético.

Muitos, se não a maioria, dos desertores que chegam a Hanawon fugiram da Coreia do Norte com a ajuda de contrabandistas baseados na Coreia do Sul. Estes esperam ansiosamente que eles terminem a temporada no centro de readaptação e comecem a receber estipêndios mensais do governo. Então cobram seu dinheiro. A ansiedade provocada por dívidas atormenta desertores dentro de Hanawon,

disse-me a enfermeira-chefe.

Shin não precisava se preocupar com contrabandistas, e sua saúde física era relativamente boa após meio ano de repouso e refeições regulares no consulado em Xangai.

Mas os pesadelos não iam embora.

Eles se tornaram mais frequentes e mais perturbadores. Shin não conseguia conciliar sua vida de conforto e alimentação farta com as horríveis imagens do Campo 14 que lhe povoavam a cabeça.

À medida que sua saúde mental se deteriorava, a equipe médica de Hanawon percebeu que ele precisava de cuidados especiais e transferiu-o para a enfermaria psiquiátrica de um hospital próximo, onde permaneceu dois meses e meio; ele ficou isolado durante um período e na maior parte do tempo tomou medicamentos que lhe permitiam dormir e comer.

Havia começado a manter um diário no consulado sul-coreano em Xangai, e médicos na enfermaria psiquiátrica do hospital estimularam-no a continuar escrevendo como parte de seu tratamento para o que diagnosticaram como transtorno de estresse pós-traumático.

Shin lembra-se de pouca coisa do tempo que passou no hospital, a não ser que os pesadelos diminuíram pouco a pouco.

Após ter alta, mudou-se para um pequeno apartamento comprado para ele pelo Ministério da Unificação. O imóvel localizava-se em Hwaseong, uma cidade de cerca de quinhentos mil habitantes nas planícies baixas da península coreana central, perto do mar Amarelo e pouco menos de cinquenta quilômetros ao sul de Seul.

Durante o primeiro mês, Shin raras vezes saiu de casa. Observava a vida sul-coreana desenrolar-se das janelas de seu apartamento. Por fim, aventurou-se nas ruas. Ele compara sua emergência ao lento crescimento de uma unha. Não sabe explicar como ou por que ela aconteceu. Simplesmente aconteceu.

Depois que começou a se aventurar na cidade, ele fez aulas de direção. Por causa de seu vocabulário limitado, foi reprovado duas vezes na prova escrita para a obtenção da carteira de motorista. Tinha dificuldade de encontrar um emprego que o interessasse ou de se manter em algum que lhe era oferecido. Juntou restos de metal, fez potes de argila e trabalhou numa loja de conveniência.

Conselheiros de carreira em Hanawon disseram que a maioria dos norte-coreanos tem experiências semelhantes do exílio. Muitas vezes eles dependem do governo sul-coreano para resolver seus problemas, não conseguem assumir responsabilidade pessoal por maus hábitos de trabalho ou por atrasos no emprego. Os desertores muitas vezes abandonam os postos que o governo arranja para eles

e iniciam negócios que fracassam. Alguns recém-chegados sentem repulsa pelo que veem como a decadência e a desigualdade da vida no Sul. Para encontrar empregadores que tolerem a irritabilidade de recém-chegados do Norte, o Ministério da Unificação paga a empresas até 1.800 dólares por ano caso se arrisquem a contratar um desertor.

Shin passava longas horas sozinho, sentindo-se desesperadamente solitário em seu sala e quarto. Tentou localizar o tio mais velho, Shin Tae Sub — cuja fuga para o Sul depois da Guerra da Coreia fora o crime pelo qual seu pai e toda a família haviam sido enviados para o Campo 14.

Mas tinha apenas um nome, e o governo sul-coreano lhe disse não ter nenhuma informação sobre ele. O Ministério da Unificação disse que só podia procurar pessoas que haviam se registrado para ser reunidas com parentes perdidos. Shin desistiu da procura.

Um dos psiquiatras que trataram dele no hospital o pôs em contato com um conselheiro do Database Center for North Korean Human Rights, uma organização não governamental em Seul que reúne, analisa e publica informações sobre abusos no Norte.

O conselheiro estimulou-o a transformar seu diário terapêutico nas memórias que o Database Center publicou em coreano em 2007. Enquanto trabalhava no livro, Shin começou a passar quase todo o seu tempo no escritório dessa organização em Seul, onde lhe deram um lugar para dormir, e ele fez amizade com seus editores e outros funcionários.

Quando a história de seu nascimento e fuga de um campo de trabalhos forçados e perpétuos espalhou-se, ele começou a conhecer muitos dos mais importantes ativistas dos direitos humanos e chefes de organizações de desertores no Sul. Sua história foi cuidadosamente examinada e esmiuçada por ex-prisioneiros e guardas dos campos, bem como por advogados especializados em direitos humanos, jornalistas sul-coreanos e outros especialistas com amplo conhecimento sobre o tema. Sua compreensão do modo operacional dos campos, seu corpo marcado por cicatrizes e a expressão assombrada de seus olhos eram convincentes — e ele foi amplamente reconhecido como o primeiro norte-coreano a ir para o Sul após fugir de uma prisão política.

An Myeong Chul, que foi guarda e motorista em quatro campos no Norte, declarou ao International Herald Tribune não ter dúvida de que Shin havia vivido numa zona de controle total. Quando eles se conheceram, An disse ter percebido sinais reveladores: Shin evita olhar o interlocutor nos olhos e tem os braços arqueados pelo trabalho infantil.[1]

“A princípio eu não podia acreditar em Shin porque nunca alguém teve sucesso

na fuga antes", disse-me Kim Tae Jin em 2008.[2] Ele é presidente da Democracy Network Against North Korean Gulag (Rede de Democracia Contra o Gulag Norte-Coreano) e um desertor que passou uma década no Campo 15 antes de ser libertado.

Depois de se encontrar com Shin, porém, Kim, como outros com conhecimento em primeira mão dos campos, concluiu que sua história era tão sólida quanto extraordinária.

Fora da Coreia do Sul, especialistas em direitos humanos começaram a dar atenção a Shin. Na primavera de 2008, ele foi convidado a contar sua história no Japão e nos Estados Unidos. Apresentou-se na Universidade da Califórnia, em Berkeley, e na Universidade de Columbia e conversou com funcionários do Google.

Fez amigos entre pessoas que compreendiam e valorizavam o que ele havia suportado, ganhou confiança e começou a tentar preencher lacunas na compreensão que ele tinha da sua terra natal. Devorava notícias sobre a Coreia do Norte na internet e em jornais sul-coreanos. Lia sobre a história da península coreana, a reputação da ditadura da família Kim e o status de seu país como um pária internacional.

No Database Center, onde os membros do pessoal haviam trabalhado com norte-coreanos durante anos, era visto como uma espécie de prodígio em bruto.

"Comparado a outros desertores, ele aprendia depressa e mostrava-se altamente adaptável ao choque cultural", disse Lee Yong-koo, um chefe de equipe da instituição.

A exemplo de seus novos amigos, Shin começou a ir à igreja nas manhãs de domingo, mas não compreendia o conceito de um Deus amoroso e clemente.

Por uma questão de instinto, relutava em indagar sobre o que quer que fosse. No campo, os professores puniam crianças que faziam perguntas. Em Seul, mesmo quando estava cercado por amigos solícitos e bem informados, parecia quase impossível a Shin pedir ajuda. Lia vorazmente, mas não usava um dicionário para consultar as palavras que não conhecia. Jamais pedia a um amigo para lhe explicar alguma coisa que não entendia. Como fazia vista grossa a tudo que não podia compreender de imediato, suas viagens a Tóquio, Nova York e Califórnia pouco fizeram para lhe provocar uma sensação de admiração e entusiasmo. Sabia estar minando sua capacidade de se adaptar à nova vida, mas também sabia que não podia se obrigar a uma mudança.

CAPÍTULO 22

OS SUL-COREANOS NÃO ESTÃO TÃO INTERESSADOS

Os únicos aniversários que importavam no Campo 14 eram aqueles de Kim Jong Il e Kim Il Sung. As datas são feriados nacionais na Coreia do Norte, e até num campo de trabalhos forçados valiam um dia de folga para os prisioneiros.

Quanto ao aniversário de Shin, ninguém lhe dedicava a menor atenção enquanto ele crescia, nem o próprio Shin.

Isso mudou quando ele completou 26 anos, na Coreia do Sul. Quatro de seus amigos organizaram uma festa surpresa num restaurante da rede T.G.I. Friday's, no centro de Seul.

"Fiquei muito comovido", disse-me ele quando nos encontramos pela primeira vez em dezembro de 2008, alguns dias após seu aniversário.

Mas ocasiões como essa eram raras, e, apesar da festa, Shin não estava feliz na Coreia do Sul. Ele havia deixado recentemente um emprego de meio expediente servindo cerveja num pub de Seul. Não sabia como pagar o aluguel de trezentos dólares do minúsculo quarto que ocupava num apartamento coletivo no centro, e o estipêndio mensal de oitocentos dólares que recebia do Ministério da Unificação havia acabado. Tinha zerado sua conta bancária. Expressou em voz alta o temor de ter de se juntar aos sem-teto na estação ferroviária central de Seul.

Sua vida social também não era lá grande coisa. Vez por outra ele compartilhava uma refeição com os companheiros com quem morava, mas não tinha namorada ou um melhor amigo. Recusava convites para sair ou trabalhar com outros norte-coreanos libertados de campos de trabalhos forçados. Nesse aspecto, era como muitos desertores. Estudos constataram que eles relutam em ter convívio social e evitam contato com outras pessoas durante dois ou três anos depois de chegarem ao Sul.[1]

O livro de memórias de Shin foi um completo fracasso, vendendo cerca de quinhentos exemplares de uma tiragem de três mil. Shin diz que não ganhou dinheiro nenhum com o livro.

"As pessoas não estão muito interessadas", declarou Kim Sang-hun, diretor do Database Center, ao Christian Science Monitor depois que sua organização publicou o livro. "A indiferença da sociedade sul-coreana à questão dos direitos na Coreia do Norte é apavorante."[2]

Mas Shin estava longe de ser o primeiro sobrevivente de um campo do Norte a ser recebido com um bocejo coletivo pelos sul-coreanos.

Kang Chol-hwan passou uma década com a família no Campo 15, antes de ser declarado "redimível" e libertado em 1987. Mas sua dolorosa história, escrita com a colaboração do jornalista Pierre Rigoulot e publicada primeiro em francês em 2000, também recebeu escassa atenção na Coreia do Sul, até que foi traduzida para o inglês sob o título The Aquariums of Pyongyang (Os aquários de Pyongyang) e um exemplar chegou à mesa do presidente George W. Bush. Ele convidou Kang para discutir a Coreia do Norte na Casa Branca e mais tarde descreveu Aquariums como "um dos livros mais influentes que li durante meu mandato".[3]

"Não quero criticar este país", disse-me Shin no dia em que nos conhecemos, "mas eu diria que, de toda a população da Coreia do Sul, só 0,001% tem qualquer interesse real pela Coreia do Norte. Não há lugar em seu modo de vida para pensar sobre coisas além de suas fronteiras. Não há interesse nisso".

Shin exagerava a falta de preocupação do Sul pelo Norte, mas tinha razão. É um ponto cego que desconcerta os grupos internacionais de defesa dos direitos humanos. Evidências esmagadoras de atrocidades incessantes dentro dos campos de trabalhos forçados no Norte pouco fizeram para mobilizar o público. Como a Associação Coreana dos Advogados observou, "sul-coreanos que prezam em público a virtude do amor fraterno têm se mantido inexplicavelmente atolados num profundo lamaçal de indiferença".[4]

Quando o presidente sul-coreano Lee Myung-bak foi eleito em 2007, apenas 3% dos eleitores citaram a Coreia do Norte como uma preocupação importante. Eles disseram aos pesquisadores que estavam mais interessados em obter salários mais elevados.

Em se tratando de ganhar dinheiro, a Coreia do Norte é uma total perda de tempo. A economia da Coreia do Sul é 38 vezes maior que a do Norte; seu volume de comércio internacional é 224 vezes maior.[5]

A beligerância periódica da Coreia do Norte, no entanto, é capaz de desencadear manifestações de ira no Sul. Isso foi especialmente verdadeiro em 2010, quando o Norte promoveu um ataque submarino sorrateiro que matou 46 marinheiros e afundou o Cheonan, um navio de guerra que navegava em águas territoriais sul-coreanas. O Norte promoveu também uma chuva de projéteis de artilharia sobre uma pequena ilha sul-coreana, matando quatro pessoas. Mas o gosto do Sul pela vingança tende a se dissipar com rapidez.

Depois que investigadores internacionais confirmaram que um torpedo norte-coreano afundou o Cheonan, os eleitores no Sul se recusaram a dar apoio ao presidente Lee, que havia declarado que o governo norte-coreano deveria "pagar". Não houve nenhuma versão sul-coreana do efeito "11/9", que impeliu os Estados Unidos para guerras no Afeganistão e no Iraque. Em vez disso, o partido de Lee

sofreu uma estrondosa derrota numa eleição de meio de mandato que mostrou que os sul-coreanos estão mais interessados em preservar a paz e proteger padrões de vida que em ensinar uma lição ao Norte.

— Não haverá vencedor se a guerra for deflagrada, seja ela quente ou fria — disse-me Lim Seung-youl, um distribuidor de roupas de 27 anos de Seul. — Nossa nação é mais rica e mais capaz que a Coreia do Norte. Temos de usar a razão e não o confronto.

Os sul-coreanos passaram décadas refinando o que significa usar a razão em resposta a um governo ditatorial vizinho que deslocou cerca de 80% de seu poder de fogo militar total para pouco mais de 95 quilômetros da Zona Desmilitarizada, a faixa fortemente guardada que separa as duas Coreias, e ameaçou várias vezes transformar Seul (localizada a apenas 56 quilômetros da fronteira) num "mar de fogo". Sangrentos ataques de surpresa promovidos pela Coreia do Norte tendem a se repetir com intervalos de dez a 15 anos. Tudo começou em 1968 com um bando de pistoleiros que tentaram assassinar um presidente sul-coreano e segue até os dias de hoje com os episódios mais recentes: o afundamento de um navio de guerra e o lançamento de projéteis sobre a ilha em 2010, passando pelo bombardeio de um avião a jato de passageiros da Korean Air em 1987 e pela infiltração fracassada de comandos das forças especiais norte-coreanas a bordo de um submarino em 1996.

Os ataques mataram centenas de sul-coreanos, mas ainda não incitaram o eleitorado a exigir que seu governo desfira um contra-ataque de vulto. Nem impediram o sul-coreano médio de ficar mais rico, mais instruído e dono de uma casa melhor naquela que se tornou a quarta maior economia da Ásia e a 11ª economia do mundo.

Os sul-coreanos prestaram muita atenção ao preço da reunificação alemã. A carga proporcional sobre a Coreia do Sul, constataram alguns estudos, seria duas vezes e meia maior do que a que recaiu sobre a Alemanha Ocidental depois que ela absorveu a antiga Alemanha Oriental. Os estudos concluíram que a unificação poderia custar mais de dois trilhões de dólares ao longo de trinta anos, elevar os impostos durante seis décadas e exigir que 10% do PIB do Sul fosse gasto no Norte por todo o futuro previsível.

Os sul-coreanos querem a reunificação com o Norte, mas não estão com pressa. Muitos não desejam que ela aconteça enquanto estiverem vivos — em grande parte porque o custo seria inaceitavelmente alto.

———

Shin e muitos outros desertores da Coreia do Norte queixam-se, com razão, que os sul-coreanos os veem como broncos e ignorantes, que falam e se vestem mal, cuja mixórdia de país dá mais preocupação do que merece.

Há amplas evidências de que a sociedade sul-coreana dificulta a adaptação dos desertores. A taxa de desemprego entre os norte-coreanos no Sul é quatro vezes maior que a média nacional; a taxa de suicídio entre eles é mais de duas vezes e meia superior à dos sul-coreanos.

Mas os próprios sul-coreanos fazem um enorme esforço para se ajustar a sua cultura obcecada pelo sucesso, preocupada com status e maníaca por educação. Shin esforçava-se para encontrar seu lugar numa sociedade singularmente extenuada pelo trabalho, insegura e estressada. Os sul-coreanos trabalham mais, dormem menos e se matam numa taxa maior que os cidadãos de qualquer outro país desenvolvido segundo a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), um grupo que apoia o crescimento econômico sustentável em 29 países ricos.

Eles também veem uns aos outros com um olhar crítico e devastador. A autoestima tende a ser definida de maneira estrita pela admissão num pequeno número de universidades extremamente seletivas e empregos prestigiosos e muito bem remunerados em conglomerados como a Samsung, a Hyundai e a LG.

"Esta sociedade é implacável, inflexível, e a competição é constante", disse-me Andrew Eungi Kim, professor de sociologia na Universidade da Coreia, uma das mais elitizadas do país. "Se não obtêm as credenciais certas — eles chamam isso de 'especificação correta' —, os jovens se tornam muito pessimistas. Acreditam que não poderão ter um bom começo na vida. A pressão para obter sucesso na escola começa a crescer na quarta série primária, acredite se quiser, e passa a ser tudo para os estudantes na altura da sétima série."

A busca da "especificação correta" superaqueceu os gastos com a educação. Entre os países ricos, a Coreia do Sul ocupa o primeiro lugar em gasto per capita em educação privada, o que inclui professores particulares, períodos intensivos de estudo e cursos de inglês no próprio país e no exterior. Quatro entre cinco estudantes da escola primária até a secundária fazem cursos intensivos após o horário da escola. Cerca de 6% do PIB do país é gasto em educação, mais do que o dobro da porcentagem destinada a esse fim nos Estados Unidos, Japão ou Grã-Bretanha.

———

A obsessão da Coreia do Sul com o desempenho pagou dividendos assombrosos. Economistas internacionais descrevem-na com frequência como o mais impressionante exemplo isolado do que livres mercados, governo democrático e trabalho árduo podem fazer para transformar um lugar atrasado e agrário numa potência global.

Mas o custo humano do enriquecimento repentino foi igualmente assombroso.

Enquanto na maioria dos outros países ricos a taxa de suicídio atingiu seu ponto

mais alto no início dos anos 1980, na Coreia do Sul ela continua a subir, tendo duplicado desde 2000. Em 2008, era duas vezes e meia maior que nos Estados Unidos e bem mais alta que no vizinho Japão, onde o suicídio tem profundas raízes culturais. A tendência a se matar parece ter se disseminado como uma espécie de doença infecciosa, exacerbada pelas pressões da ambição, da prosperidade, da desintegração da família e da solidão.

"Relutamos em procurar ajuda para a depressão. Temos muito medo de sermos vistos como loucos", disse-me Ha Kyooseob, psiquiatra da Faculdade de Medicina da Universidade Nacional de Seul e chefe da Associação Coreana para a Prevenção do Suicídio. "Este é o aspecto sombrio de nosso rápido desenvolvimento."

———

Embora os estresses da afluência possam explicar boa parte da indiferença do Sul por desertores como Shin, há outro fator importante: uma divisão na opinião pública sobre a maneira de administrar os riscos de viver ao lado da Coreia do Norte.

Dependendo da direção em que os ventos políticos sopram, o público e o governo em Seul oscilam entre a conciliação bitolada e o confronto cauteloso.

Após tomar posse em 2008, o presidente Lee e o partido da situação assumiram uma postura mais dura em relação à Coreia do Norte, cortando quase toda a ajuda e condicionando a cooperação a progressos no desarmamento nuclear e nos direitos humanos. Essa política resultou em vários anos turbulentos de lançamentos de mísseis, negociações econômicas paralisadas, tiroteios na fronteira e ameaças periódicas de "guerra total" por parte da Coreia do Norte.

Antes de Lee, a Coreia do Sul adotava uma abordagem quase exatamente oposta. Como parte de sua política, a chamada Sunshine Policy (Política do Raio de Sol), os presidentes Kim Dae-jung e Roh Moo-hyun compareceram a reuniões de cúpula com Kim Jong Il em Pyongyang, aprovaram grandes remessas de alimentos e fertilizantes e aceitaram selar generosos acordos econômicos. Essa política praticamente ignorava a existência dos campos de trabalhos forçados e não fazia nenhuma tentativa de monitorar quem se beneficiava com a ajuda na Coreia do Norte. Mas valeu a Kim Dae-jung o prêmio Nobel da Paz.

Por vezes, a esquizofrenia do Sul sobre a maneira de lidar com o Norte era encenada numa espécie de teatro kabuki na fronteira entre as duas Coreias. Ali, desertores lançavam balões destinados a sua pátria com mensagens que pretendiam ofender Kim Jong Il. Os folhetos o descreviam como consumidor de caríssimos vinhos importados, um sedutor de esposas de outros homens, um assassino, um senhor de escravos e "o demônio".

Assisti a um desses lançamentos de balões e observei a polícia do governo Lee esforçar-se para proteger um desertor norte-coreano chamado Park Sang Hak

contra unionistas irritados e intelectuais acadêmicos, que insistiam que a política de não agressão ao governo Kim era a única opção possível.

Antes que o ato estivesse encerrado, Park deu um pontapé bem na cabeça de uma das pessoas que se opunham ao protesto — um golpe que soou como um bastão atingindo com toda força uma bola de beisebol. Ele cuspiu também em várias outras. Puxou um revólver de gás lacrimogêneo do bolso do paletó e fez disparos para o ar antes que a polícia lhe tomasse a arma. Não foi capaz, porém, de impedir seus opositores de rasgar quase todos os sacos que continham folhetos de ataque à Coreia do Norte.

No final, o grupo de Park só conseguiu lançar um de seus dez balões, e dezenas de milhares de folhetos se esparramaram pelo chão.

—

Shin e eu nos encontramos pela primeira vez no dia seguinte a esse desastre dos balões. Ele não comparecera. Confrontos de rua não eram seu estilo. Estivera assistindo a filmes antigos sobre a libertação de campos de concentração nazistas pelos Aliados, que incluíam cenas de máquinas de terraplanagem desenterrando corpos que o Terceiro Reich de Adolf Hitler, em colapso, tentara esconder.

"É apenas uma questão de tempo", disse-me Shin, até que a Coreia do Norte decida destruir os campos. "Espero que os Estados Unidos, mediante pressão e persuasão, consigam convencer o governo a não assassinar todas aquelas pessoas."

Shin não havia solucionado os problemas de como pagar suas contas, ganhar a vida ou arranjar uma namorada na Coreia do Sul. Mas já decidira o que queria fazer com o resto de sua vida: seria um ativista dos direitos humanos e promoveria a consciência internacional sobre a existência dos campos de trabalhos forçados.

Para isso, pretendia deixar o país e mudar-se para os Estados Unidos. Havia aceitado uma proposta da Liberty in North Korea, a organização sem fins lucrativos que patrocinara sua primeira viagem àquele país. Estava de mudança para o Sul da Califórnia.

CAPÍTULO 23

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Numa noite fresca de fim de verão, num subúrbio à beira-mar de Los Angeles, Shin estava postado diante de uma pequena plateia de adolescentes americanos de origem coreana. De camiseta vermelha, jeans e sandálias, ele parecia relaxado e sorria amavelmente para os atentos garotos sentados em cadeiras de armar. Era o principal orador da noite na Torrance First Presbyterian Church. Seu assunto, como sempre em aparições públicas, era a vida no Campo 14.

Havia mais de um ano que seus patrocinadores na LiNK o enviavam para esse tipo de evento, importunando-o para preparar comentários apropriados. Eles queriam que desse uma palestra bem preparada, emocionalmente poderosa, de preferência em inglês, usando sua história para sacudir espectadores norte-americanos, motivar voluntários e talvez arrecadar dinheiro para a causa dos direitos humanos na Coreia do Norte. Como um dos executivos da LiNK me disse: "Shin poderia ser um incrível trunfo para nós nesse movimento. 'Você poderia ser o rosto da Coreia do Norte', nós lhe dizemos."

O próprio Shin não tinha tanta certeza.

Naquela noite em Torrance, ele não havia preparado nada. Depois de ser apresentado por um membro da LiNK, saudou os estudantes em coreano e perguntou-lhes, por meio de um intérprete, se tinham alguma pergunta.

Quando uma menina na plateia pediu-lhe para explicar como havia fugido, ele pareceu consternado.

"Esse é um assunto realmente muito pessoal e delicado", respondeu. "Tento evitar falar sobre ele o máximo possível."

Com relutância, contou uma história curta, esquemática e pasteurizada de sua fuga — em grande parte incompreensível para alguém que não estivesse plenamente familiarizado com os detalhes de sua vida.

"Minha história pode ser muito triste", disse ele, encerrando a sessão depois de cerca de 15 minutos. "Não quero que vocês fiquem deprimidos."

Tinha aborrecido e desconcertado o público. Um menino — claramente confuso sobre quem era ele e o que tinha feito na Coreia do Norte — fez uma última pergunta. Como foi a experiência de servir nas forças armadas norte-coreanas? Shin corrigiu o menino, dizendo que não tinha servido no Exército do Povo Coreano. "Eu não era digno", acrescentou.

Após assistir a sua apresentação na igreja, pressionei Shin a explicar o que

estava acontecendo: Por que quer ser uma testemunha em prol dos direitos humanos quando lhe parece tão difícil falar em público sobre o que aconteceu no campo? Por que deixa de fora da sua história partes que poderiam enfurecer uma plateia?

“As coisas pelas quais passei pertencem unicamente a mim”, respondeu ele, sem me olhar nos olhos. “Creio que para a maioria das pessoas será quase impossível saber sobre o que estou falando.”

Pesadelos — imagens de sua mãe na forca — continuavam a assombrar-lhe o sono. Seus gritos acordavam os companheiros na casa que ele compartilhava em Torrance com um grupo de voluntários da LiNK. Ele recusava o aconselhamento gratuito de psicoterapeutas falantes de coreano baseados em Los Angeles. Não se dispôs a se matricular em cursos que poderiam lhe dar uma certificação equivalente ao ensino médio. Recusou-se a considerar a ideia de fazer uma faculdade.

Várias vezes, durante nossas longas entrevistas, mencionou um “espaço morto” dentro de si, que dizia tornar difícil para ele sentir qualquer coisa com intensidade. Por vezes fingia estar feliz, disse-me, para ver como outras pessoas reagiam. Muitas vezes não fazia nenhum esforço.

A adaptação de Shin à vida nos Estados Unidos não havia sido fácil.

Pouco depois de chegar à Califórnia na primavera de 2009, Shin começou a ter dores de cabeça severas e recorrentes. Seus colegas na LiNK temeram que estivesse sofrendo de transtorno do estresse pós-traumático. Verificou-se que as dores de cabeça eram um sintoma de cáries não tratadas. Um dentista fez uma cirurgia de canal. As dores de cabeça desapareceram.

Essa cura instantânea foi a exceção.

Não há — não haverá — nenhuma maneira rápida e fácil para Shin se adaptar à vida do outro lado da cerca, seja nos Estados Unidos ou na Coreia do Sul. Foi o que seus amigos me disseram, e ele também.

“Shin continua sendo um prisioneiro”, disse Andy Kim, um jovem coreano-americano que ajudava na direção da LiNK e que, durante algum tempo, foi o confidente mais chegado de Shin. “Ele não consegue desfrutar sua vida enquanto há pessoas sofrendo nos campos. Vê a felicidade como uma forma de egoísmo.”

Andy e Shin têm mais ou menos a mesma idade e almoçavam juntos com frequência em Los Chilaquiles, uma espelunca mexicana barata num centro comercial próximo do escritório da LiNK, situado num distrito industrial de Torrance. Shin era louco por comida, e seus momentos mais falantes aconteciam em restaurantes coreanos e mexicanos. Ao longo de vários meses, Andy encontrou-se com ele uma vez por semana durante uma hora para discutir o rumo que sua

vida nos Estados Unidos estava tomando.

Havia várias coisas boas acontecendo. Shin passara a falar muito e a brincar no escritório. Deixava Andy e outros na LiNK pasmos ao aparecer de repente em suas salas e dizer que os "amava". Muitas vezes, porém, não reagia bem aos conselhos dessas mesmas pessoas e tinha dificuldade em distinguir entre críticas construtivas e deslealdade pessoal. Fez poucos progressos no aprendizado de como administrar seu dinheiro, por vezes gastando mais do que podia em jantares e passagens aéreas para amigos. Em chorosas conversas com Andy, descrevia-se como "lixo inútil".

"Às vezes Shin se vê através dos olhos de seu novo eu, e às vezes através dos olhos dos guardas do campo", disse Andy. "Ele está um pouco aqui e um pouco lá."

Quando perguntei a Shin se isso era verdade, ele concordou com a cabeça.

"Estou evoluindo, deixando de ser um animal", respondeu. "Mas é um processo muito, muito lento. Às vezes tento chorar e rir como outras pessoas, só para ver se tenho alguma sensação. Mas as lágrimas não vêm. O riso não vem."

Seu comportamento era compatível com um padrão que pesquisadores encontraram entre sobreviventes de campos de concentração no mundo todo. Eles muitas vezes avançam pela vida com o que Judith Lewis Herman, psiquiatra de Harvard, chama de "identidade contaminada".

"Eles sofrem não só de uma síndrome pós-traumática clássica, mas de profundas alterações em suas relações com Deus, com as outras pessoas e consigo mesmos", escreveu Herman em seu livro Trauma and Recovery (Trauma e recuperação), um estudo das consequências psicológicas do terror político. A maioria dos sobreviventes é "atormentada pela vergonha, o ódio de si mesmo e um sentimento de fracasso".[1]

Pouco depois da chegada de Shin à Califórnia, Kyung Soon Chung, a esposa de um pastor nascida em Seul, começou a cozinhar para ele, servir-lhe de mãe e monitorar sua adaptação à vida americana. Na primeira vez que ele apareceu na casa de Kyung para jantar, ela correu em sua direção e tentou lhe dar um abraço. Ele não aceitou. Sentia-se desconfortável ao ser tocado.

Mas continuou aparecendo para jantar, em parte porque gostava da comida de Kyung. Fez também amizade com os filhos dela, de vinte e poucos anos: Eunice, uma ativista dos direitos humanos que ele conhecera em Seul, e David, seu irmão mais moço, formado recentemente em Yale e também interessado em direitos humanos. A família, que amparou vários imigrantes norte-coreanos, vive em Riverside, uma cidade a quase cem quilômetros de Torrance. Kyung e o marido, Jung Kun Kim, dirigem um pequeno ministério cristão chamado Ivy Global Mission.

Shin descobriu uma família coreana que era aberta, acolhedora e afetuosa.

Tinha inveja e sentia-se um pouquinho sobrepujado pela intensidade com que eles zelavam um pelo outro — e por ele. Durante quase dois anos, em semanas alternadas, passou a noite de sábado à mesa de jantar de Kyung. Dormia no quarto de hóspedes e ia à igreja com a família no domingo.

Kyung, que não fala muito inglês, começou a chamar Shin de seu filho mais velho. Ele tolerou seus abraços e mais tarde passou a retribuí-los. Ficou sabendo que ela gostava muito de sorvete de iogurte e antes do jantar passava num supermercado para lhe comprar um. Ela caçoava dele, perguntando: "Quando você vai me trazer uma nora?"

Ele a lisonjeava, dizendo-lhe que estava mais magra e parecendo mais jovem. Conversavam por horas a fio, só os dois.

"Por que você é tão boa para mim?", Shin perguntou-lhe uma vez, entristecendo-se. "Não sabe o que fiz?"

Ele disse a Kyung que tem "nojo" de si mesmo, que não consegue fugir dos sonhos com a morte da mãe, que não pode se perdoar por ter deixado o pai para trás no campo e que se odeia por ter se arrastado sobre o corpo de Park. Disse, também, que se envergonha de ter furtado arroz e roupas de norte-coreanos pobres na sua fuga do país.

A culpa de Shin nunca terá fim, acredita Kyung. Mas ela lhe disse muitas vezes que ele tinha uma consciência vigorosa e um bom coração. Afirmou também que ele tinha uma vantagem em relação a outros norte-coreanos: não havia sido contaminado pela propaganda ou pelo culto à personalidade em torno da dinastia Kim.

"Há certa pureza em Shin", disse ela. "Ele nunca sofreu lavagem cerebral."

Seus filhos notaram surpreendentes mudanças na autoconfiança e nas habilidades sociais de Shin após uns dois anos na Califórnia: estava menos tímido, sorria com mais frequência e passou a gostar de abraçar. Antes e depois de algumas de nossas entrevistas, ele também me abraçou.

"Ele costumava ficar constrangido quando se encontrava com meus amigos da igreja", disse Eunice. "Agora dá gargalhadas."

David concordou. "Shin manifesta real compaixão pelos outros. Essa coisa chamada amor — talvez haja muito amor dentro dele."

A autoavaliação de Shin era menos otimista.

"Como estou cercado por pessoas boas, tento fazer o que as pessoas boas fazem", disse-me. "Mas é muito difícil. Isso não flui de mim naturalmente."

Na Califórnia, ele começou a atribuir a Deus todo o mérito por sua fuga do Campo 14 e pela sorte que teve ao encontrar uma maneira de sair da Coreia do Norte e da China. Sua fé cristã emergente, porém, não se aplicava ao passado. Ele só ouviu falar de Deus quando era tarde demais para sua mãe, seu irmão e Park. Duvidava também que Deus tivesse protegido seu pai da vingança dos guardas.

Da mesma forma, o sentimento de culpa não lhe ocorrera dentro do Campo 14. Quando adolescente, sentia-se furioso com a mãe por surrá-lo, por tentar fugir, por

causar sua tortura. Não se afligiu quando ela foi enforcada. Mas como um sobrevivente adulto, à medida que aumenta sua distância emocional do campo, sua fúria dá lugar à culpa e ao ódio de si mesmo. “Essas são emoções que começaram a brotar de dentro de mim pouco a pouco”, declarou ele. Tendo visto em primeira mão como famílias afetuosas se comportam, Shin não é capaz de suportar a lembrança do tipo de filho que foi outrora.

____

Shin viera para Torrance com a compreensão de que ajudaria a LiNK trabalhando com seus voluntários e falando ocasionalmente em seus eventos. Em troca, receberia moradia gratuita e uma ajuda de custo, mas nenhum salário.

Com a ajuda da LiNK, obteve um visto válido por dez anos para múltiplas entradas, podendo ficar no país até seis meses por vez.

A lei de imigração norte-americana dispensa especial consideração a refugiados norte-coreanos, e o status singular de Shin como vítima nascida e criada num campo para prisioneiros políticos lhe daria uma excelente chance de obter residência permanente no país. Mas ele não solicitou um green card. Não conseguia decidir onde queria viver.

Tinha dificuldade em se comprometer com o que quer que fosse. Matriculou-se num curso de língua inglesa em Torrance, mas abandonou-o três meses depois. Passava a maior parte de seu tempo no escritório da LiNK, onde lia na web notícias sobre a Coreia do Norte e conversava com as pessoas da equipe que falavam coreano. Por vezes ficava contente em limpar o chão, pôr caixas em ordem e carregar móveis. Disse a Hannah Song, a diretora executiva, que não deveria ser tratado de maneira diferente de qualquer outro integrante da equipe. Mas também ficava amuado quando algumas tarefas lhe eram designadas e sucumbia a ataques de raiva. A cada seis meses, seu trabalho era interrompido quando viajava de volta à Coreia do Sul, onde passava várias semanas em cada ocasião.

A LiNK estimula os norte-coreanos que ajuda a trazer para os Estados Unidos a fazerem um “plano de vida” logo que chegam. É uma lista de metas práticas e realizáveis que podem auxiliar um recém-chegado a construir uma vida estável e produtiva; em geral ela inclui fluência em inglês, treinamento para o trabalho e aulas sobre administração de dinheiro.

Shin recusou-se a fazer um plano de vida, e Song declarou que ela e os outros na LiNK não lhe cobraram isso.

“Sua história é tão forte”, disse Song. “Ele se sentia no direito de ser uma exceção, e nós permitimos. Ele apenas perambulava por Torrance. Sente necessidade de compreender por que sobreviveu àquele campo. Creio que ainda não encontrou a resposta.”

Fora de sua terra natal, não existe lugar melhor para um coreano perambular sem aprender outra língua do que a grande Los Angeles. Mais de trezentos mil coreano-americanos instalaram-se na cidade e em suas imediações.

Em Torrance e redondezas, Shin podia comer, fazer compras, trabalhar e participar de cultos religiosos falando apenas coreano. Ele aprendeu inglês suficiente para pedir hambúrgueres e comida mexicana e para conversar sobre beisebol e o tempo com seus companheiros de casa.

Dormia num beliche na casa de quatro quartos em estilo rancho fornecida pela LiNK, onde até 16 jovens estagiários e voluntários, todos com idade para cursar a faculdade, entravam e saíam. Na cozinha, no dia em que a visitei, um aviso pregado na lava-louça dizia: "Favor não abrir. Estou quebrada e com mau cheiro." Os móveis eram gastos, o tapete desbotado, e a larga varanda da frente estava coberta de tênis, sandálias e chinelos de dedo. Shin compartilhava um quarto pequeno e entulhado com três voluntários da LiNK.

A camaradagem quase caótica, própria dos dormitórios, lhe convinha. Embora seus companheiros de moradia nascidos nos Estados Unidos fossem por vezes barulhentos, falassem pouco coreano e nunca parassem em casa, ele preferia sua vigorosa transitoriedade a morar sozinho. Era um efeito remanescente da vida que conhecera no Campo 14. Dormia melhor e apreciava mais a comida quando estava cercado por pessoas, mesmo desconhecidas. Quando se esforçava para adormecer na casa coletiva ou quando pesadelos o despertavam, arrastava-se para fora de seu beliche e dormia como no campo — no chão nu com um cobertor.

Ia de bicicleta para o trabalho. É uma viagem fácil de vinte minutos por Torrance, um lugar ensolarado, suburbano-industrial e uma mixórdia multicultural. Localizado trinta quilômetros a sudoeste do centro de Los Angeles há um belo trecho de praia na baía de Santa Monica, onde Shin às vezes ia fazer caminhadas. As largas avenidas de Torrance foram traçadas um século atrás por Frederick Law Olmsted Jr., que ajudou a projetar o Mall, em Washington. A fachada no estilo mediterranean revival da Torrance High School foi o pano de fundo para as séries de TV Barrados no Baile e Buffy, a Caça-Vampiros. Torrance tem também uma refinaria da ExxonMobil que produz grande parte da gasolina consumida no Sul da Califórnia. Antes de morar na casa coletiva, Shin passou um bom tempo de seu primeiro ano em Torrance num velho e apinhado apartamento de três quartos num condomínio com área verde que a LiNK alugava perto de vastas instalações de armazenagem de petróleo chamadas ConocoPhillips/Torrance Tank Farm.

A LiNK transferiu-se de Washington, D.C., para Torrance em busca de aluguéis mais baratos, com o objetivo de criar um movimento de base. Considerava o Sul da Califórnia um lugar melhor para recrutar e abrigar os jovens voluntários, em sua maioria coreano-americanos, a quem chamam de "nômades". Eles são preparados em Torrance para viajar pelos Estados Unidos, fazer apresentações e aumentar a

consciência sobre as violações dos direitos humanos na Coreia do Norte.

No final do segundo verão de Shin na Califórnia, um desses “nômades” recém-chegados para treinamento era Harim Lee, uma jovem esbelta e muito atraente que nasceu em Seul e se mudou para os Estados Unidos com a família quando tinha quatro anos.

Ela frequentou a escola secundária nos subúrbios de Seattle e estava no segundo ano do curso de sociologia da Universidade de Washington quando viu Shin pela primeira vez, num vídeo do YouTube. Ele falava num auditório em Mountain View, Califórnia, respondendo a perguntas sobre sua vida feitas por funcionários do Google. Ela também encontrou a matéria que escrevi para o Washington Post, na qual ele dizia que gostaria de ter uma namorada, mas não sabia como encontrar uma.

Harim, que é bilíngue, havia viajado de volta para a Coreia do Sul para trabalhar brevemente como tradutora em uma ONG que tinha por foco a Coreia do Norte. Depois de cursar o terceiro ano da faculdade, ela decidiu abandonar os estudos e dedicar-se em tempo integral à questão da Coreia do Norte. Soube do programa Nômades da LiNK pela internet. Não se deu conta de que Shin estava morando em Torrance até duas semanas antes de sair de Seattle para começar a trabalhar na LiNK. No voo para Los Angeles, não conseguia parar de pensar em Shin. Via-o como uma celebridade e rezou no avião para que pudessem se aproximar. Em Torrance, logo o avistou indo para o escritório da LiNK em sua bicicleta e tratou de encontrar uma hora e lugar em que pudessem conversar. Gostaram um do outro imediatamente. Ele estava com 27 anos; ela, 22.

A LiNK tem uma norma severa que proíbe namoros entre refugiados norte-coreanos e estagiários, muitos dos quais têm entre 18 e 22 anos e estão longe dos pais. A regra destina-se a proteger tanto os estagiários quanto os refugiados e facilitar os desafios da administração do programa Nômades.

Shin e Harim ignoraram a regra. Quando foram avisados de que deveriam parar de se encontrar até que ela terminasse o estágio, ambos ficaram zangados. Harim ameaçou abandonar o programa. “Fizemos muito barulho para mostrar que a norma nos parecia errada”, disse-me ela.

Shin encarou o aviso como um insulto pessoal. Queixou-se do uso de dois pesos e duas medidas, de que faziam dele uma pessoa de segunda classe, e argumentou que seu confidente Andy Kim estava namorando uma estagiária. “Foi porque esperavam muito pouco de mim”, disse-me ele. “Pensavam que podiam regular minha vida pessoal.”

Depois de uma viagem à Coreia do Sul e de remoer o assunto durante vários meses, Shin deixou a LiNK. Seu relacionamento com Harim não foi a única razão por trás do rompimento. Hannah Song sentia-se frustrada porque Shin por vezes se furtava à responsabilidade, esperava tratamento especial e fazia pouco esforço para aprender inglês, o que limitava sua utilidade como porta-voz nos Estados Unidos. Houve também um problema de comunicação em relação à moradia. Tal

como Shin ouviu as coisas, a LiNK não lhe forneceria mais uma moradia. Segundo Song, o que ela lhe disse foi que, em algum momento, ele teria de encontrar seu próprio lugar para morar.

A tensão era provavelmente inevitável. E por certo não era incomum. Na Coreia do Sul, desertores norte-coreanos volta e meia deixavam seus empregos, afirmando ser alvo de perseguições. Em Hanawon, o centro de readaptação, orientadores vocacionais dizem que paranoias associadas ao local de trabalho, demissões tempestuosas e sentimentos persistentes de traição são problemas crônicos enquanto norte-coreanos se ajustam a suas novas vidas. Muitos deles nunca conseguem caminhar com os próprios pés.

Nos Estados Unidos, o padrão é semelhante. Cliff Lee, um americano nascido na Coreia que vive em Alexandria, Virginia, forneceu moradia para vários norte-coreanos nos últimos anos e percebeu um padrão em seus problemas de ajustamento: “Eles sabem que tudo que lhes foi dito na Coreia do Norte era mentira e, nos Estados Unidos, têm muita dificuldade em acreditar em qualquer coisa que uma organização diga.”

Song ficou desolada quando Shin decidiu afastar-se. Culpou-se por não ter exigido que ele se responsabilizasse por si mesmo assim que chegou à Califórnia. Sua principal preocupação, declarou ela, é não saber o que Shin planeja fazer pelo resto de sua vida.

EPÍLOGO
SEM SAÍDA

Em fevereiro de 2011, dias após romper com a LiNK, Shin viajou da Costa Oeste para o estado de Washington. Foi morar com Harim e seus pais em Sammamish, um subúrbio de Seattle nos contrafortes a oeste das montanhas Cascade.

Sua mudança súbita me surpreendeu. Temi também, como seus amigos em Los Angeles, que ele estivesse sendo impulsivo e queimando pontes sem bons motivos. Contudo, sua mudança, sem dúvida, simplificou a logística necessária para nossos encontros. Por acaso, sou do estado de Washington. Depois de deixar Tóquio e o *Washington Post*, mudei-me de novo para Seattle para trabalhar neste livro. Quando Shin telefonou para minha casa e me contou num inglês estropiado que se tornara meu vizinho, convidei-o para tomar um chá comigo.

Nosso trabalho juntos estava quase terminado, e Shin cumprira sua palavra. Permitira que eu tivesse acesso aos confins mais sombrios de seu passado. Mas eu precisava de um pouco mais: precisava de uma compreensão melhor do que ele desejava para o futuro. Quando ele se sentou com Harim no sofá de minha sala de estar, perguntei se poderia visitar a casa deles. Eu queria conhecer os pais de Harim.

Shin e Harim eram gentis demais para recusar. Em vez disso, disseram que a casa estava muito desarrumada. Teriam de encontrar um momento oportuno. Voltariam a falar comigo sobre isso. Sem o dizer, deixaram claro que prefeririam que nossas longas entrevistas terminassem — e logo.

Ele e Harim haviam formado uma ONG de duas pessoas chamada North Korea Freedom Plexus. Para financiá-la, esperavam levantar dinheiro de donativos, e ele pretendia dar muitas palestras. Tinham a meta ambiciosa de fundar abrigos para desertores que atravessassem a fronteira com a China e de introduzir panfletos antirregime na Coreia do Norte. Com esse objetivo, Shin disse ter viajado duas vezes para áreas de fronteira na China, com a intenção de voltar a fazê-lo. Quando lhe perguntei se não tinha medo de ser raptado ou preso na China, onde se sabia que agentes coreanos caçavam e sequestravam desertores, respondeu que gozava da proteção de um passaporte sul-coreano e era sempre cuidadoso. Mas essa resposta não satisfazia seus amigos, que o aconselhavam a se manter fora da China.

Lowell e Lynda Dye — o casal de Columbus que lera minha primeira matéria sobre Shin em 2008 e ajudara a pagar sua viagem aos Estados Unidos — ficaram decepcionados e preocupados ao saber que ele havia deixado a LiNK e se mudado para Seattle. Os Dye e a família Kim, em Riverside, Califórnia, disseram a Shin que

criar uma nova ONG era uma ideia arriscada e que ele seria mais eficaz se trabalhasse com uma organização já estabelecida e bem financiada.

Shin tornou-se muito próximo dos Dye. Chama-os de "pais" e leva suas preocupações a sério. Depois de se mudar para Seattle, aceitou um convite para viajar a Columbus e passar algumas semanas com eles. Harim ficou em casa.

Os Dye queriam ajudar Shin a fazer um plano para cuidar de seu futuro. Lowell, consultor administrativo, acredita que ele precisa de um agente, um administrador financeiro e um advogado. Mas, em Columbus, Lowell não pôde ter um conversa séria com Shin, em parte porque o rapaz se manteve no horário de Seattle, dormindo até tarde de manhã e ficando acordado à noite para conversar com Harim pelo Skype.

"Ele nos disse que realmente ama Harim", contou Lowell. "É por esse caminho que está seguindo. Ela o faz feliz."

Quando Shin voltou para Seattle, encontrei-me de novo com ele e Harim. Sua casa continuava desarrumada demais para que eu a visitasse, disseram-me, e assim tomamos um café em um Starbucks. Quando perguntei como andava a relação dos dois, Harim corou, sorriu e olhou amorosamente para Shin.

Ele não sorriu.

Não queria falar sobre isso.

Insisti, lembrando-o de que me dissera muitas vezes que não se considerava capaz de amar, e por certo não de se casar. Havia mudado de ideia?

"Acima de tudo, temos de trabalhar", disse ele. "Mas, depois que o trabalho está feito, há esperança de progresso."

O relacionamento não deu certo. Seis meses depois de se mudar para morar com Harim em Seattle, Shin telefonou-me para dizer que os dois estavam se separando. Não quis dizer a razão. No dia seguinte, ele pegou um avião para Ohio e foi morar com a família Dye. Não sabia ao certo para onde iria depois, talvez voltasse para a Coreia do Sul.

Quando Shin ainda estava na área de Seattle, convidou-me para ir a uma igreja pentecostal coreano-americana nos subúrbios ao norte da cidade. Daria uma palestra e parecia especialmente desejoso de que eu fosse ouvi-lo. Quando cheguei à igreja alguns minutos antes da hora, numa noite de domingo fria e chuvosa, Shin estava a minha espera. Apertou minha mão entre as suas, olhou-me nos olhos e disse-me para sentar num dos bancos da frente. Eu não me lembrava de tê-lo visto vestido de maneira mais formal: terno cinza, camisa azul de colarinho aberto e mocassins pretos bem engraxados. A igreja estava cheia.

Após um hino e uma oração feita pelo pastor, Shin andou até a frente da igreja e assumiu o comando da noite. Sem anotações, sem um só indício de nervosismo,

falou sem parar durante uma hora. Começou aguilhoando sua plateia de imigrantes coreanos e seus filhos adultos criados nos Estados Unidos, com a afirmação de que Kim Jong Il era pior do que Hitler. Enquanto Hitler atacava seus inimigos, disse, Kim obrigava seu próprio povo a morrer de tanto trabalhar em lugares como o Campo 14.

Tendo arrebatado a atenção da congregação, Shin apresentou-se então como um predador que havia sido criado no campo para delatar familiares e amigos — e não sentir nenhum remorso.

— Meu único pensamento era que eu tinha de tirar vantagem dos outros para assegurar minha sobrevivência — falou.

No campo, quando seu professor matou uma colega de classe de seis anos a pancadas por ter cinco grãos de milho no bolso, confessou ele à congregação, "isso não me pareceu nada demais".

— Eu não sabia o que eram compaixão ou tristeza — disse. — Eles nos educavam desde o nascimento para que não fôssemos capazes de emoções humanas normais. Agora que saí de lá, estou aprendendo a me emocionar. Aprendi a chorar. Tenho a impressão de que estou me tornando humano.

Mas ele deixou claro que ainda tinha um longo caminho a percorrer.

— Fugi fisicamente — disse —, não fugi psicologicamente.

Perto do fim de sua fala, descreveu como havia se arrastado sobre o corpo em combustão de Park. Seus motivos ao fugir do Campo 14, declarou, não eram nobres. Não estava sequioso de liberdade ou de direitos políticos. Estava simplesmente faminto de carne.

O discurso de Shin assombrou-me. Comparado ao orador acanhado e incoerente que eu vira seis meses antes no Sul da Califórnia, ele estava irreconhecível. Tirara partido do ódio que sentia por si mesmo, utilizando-o para indiciar o Estado que envenenara seu coração e matara sua família.

Sua confissão, eu soube mais tarde, havia sido o resultado calculado de um árduo trabalho. Ele havia percebido que suas desconexas sessões de perguntas e respostas faziam as pessoas dormirem. Decidiu então pôr em prática um conselho a que vinha resistindo havia anos: esquematizou sua fala, ajustou-a à sua audiência e decorou o que queria dizer. Sozinho numa sala, aperfeiçoou seu pronunciamento.

A preparação compensou. Naquela noite, seus ouvintes contorceram-se em seus bancos, os semblantes revelando desconforto, asco, raiva e choque. Alguns rostos ficaram manchados de lágrimas. Quando ele terminou, quando disse à congregação que um homem, caso se recuse a ser silenciado, pode ajudar a libertar as dezenas de milhares que continuam nos campos de trabalhos forçados da Coreia do Norte, a igreja irrompeu em aplausos.

Com aquele discurso, mesmo sem ter conseguido ainda tomar as rédeas de sua vida, Shin havia assumido o controle de seu passado.

A adaptação de Shin (na foto em Seattle, em 2011) à vida fora do Campo 14 tem sido vacilante. "Estou evoluindo, deixando de ser um animal", diz ele. "Às vezes tento rir e chorar como as outras pessoas, só para ver se sinto alguma coisa."

NOTAS

INTRODUÇÃO: NUNCA OUVIU A PALAVRA "AMOR"

1 Anistia Internacional, “Images Reveal Scale of North Korean Political Prison Camps”, 3 de maio de 2011, http://www.amnesty.org/en/news-and-updates/images-reveal-scale-north-korean-political-prison-camps-2011-05-03.

2 Kang Chol-hwan e Pierre Rigoulot, The Aquariums of Pyongyang (Nova York: Basic Books, 2001), p. 79.

3 Essas testemunhas, incluindo Shin, foram entrevistadas por David Hawk, pesquisador do U.S. Committee on Human Rights in North Korea. Suas histórias e fotos dos campos podem ser encontradas no relatório periodicamente atualizado de Hawk, “The Hidden Gulag: Exposing North Korea’s Prison Camps”, publicado pela primeira vez em 2003.

4 Associação Coreana dos Advogados, “White Paper on Human Rights in North Korea 2008” (Seul: Korea Institute for National Unification, 2008).

5 As jornalistas da televisão americana Laura Ling e Euna Lee passaram quase cinco meses em prisões na Coreia do Norte após entrar ilegalmente no país em 2009. Foram libertadas depois que o ex-presidente Bill Clinton viajou a Pyongyang e posou para uma fotografia ao lado de Kim Jong Il.

6 Hyun-sik Kim e Kwang-ju Son, Documentary Kim Jong Il (Seul, Chonji Media, 1997), p. 202, citado in Ralph Hassig e Kongdan Oh, The Hidden People of North Korea (Lanham, Md.: Rowman & Littlefield, 2009), p. 27.

CAPÍTULO 1: O MENINO QUE COMIA O ALMOÇO DA MÃE

1 Entrevista do autor com Chun Jung-hee, enfermeira-chefe no centro de readaptação Hanawon na Coreia do Sul. O centro financiado pelo governo mede e pesa desertores norte-coreanos desde 1999.

CAPÍTULO 3: A CLASSE SUPERIOR

1 Entrevistas do autor com desertores entre 2007 e 2010. Há também uma boa descrição do sistema em Andrei Lankov, North of the DMZ (Jefferson, N.C.: McFarland & Company, 2007), p. 67-69; e em Hassig e Oh, op. cit., p. 198-99.

2 Detalhes sobre o estilo de vida de Kim Jong Il estão reunidos em Hassig e Oh, p. 27-35. Ver também fotografias do Google Earth compiladas por Curtis Melvin, em seu blog, North Korean Economy Watch, http://www.nkeconwatch.com/2011/06/10/friday-fun-kim-jong-ils-train/.

3 Andrew Higgins, “Who Will Succeed Kim Jong Il”, Washington Post (16 de julho de 2009), A1.

CAPÍTULO 9: FILHO DA PUTA REACIONÁRIO

1 Kang e Rigoulot, op. cit., p. 100.
2 Kim Yong, Long Road Home (Nova York: Columbia University Press, 2009), p. 85.

CAPÍTULO 10: OPERÁRIO

1 Andrea Matles Savada (org.), North Korea: A Country Study (Washington, D.C.: GPO for the Library of Congress, 1993).
2 Yuk-Sa Li (org.), Juche! The Speeches and Writings of Kim Il Sung (Nova York: Grossman Publishers, 1972), p. 157. Citado no Stanford Journal of East Asian Affairs 1, nº 1 (primavera de 2003), p. 105.

CAPÍTULO 11: UM COCHILO NA FAZENDA

1 Stephan Haggard e Marcus Noland, Famine in North Korea (Nova York: Columbia University Press, 2007), p. 175.
2 Wonhyuk Lim, "North Korea's Economic Futures" (Washington, D.C.: Brookings Institution, 2005).

CAPÍTULO 13: A DECISÃO DE NÃO DELATAR

1 Elmer Luchterhand, "Prisoner Behavior and Social System in the Nazi Camp",International Journal of Psychiatry 13 (1967), p. 245-64.
2 Eugene Weinstock, Beyond the Last Path (Nova York: Boni and Gaer, 1947), p. 74.
3 Ernest Schable, "A Tragedy Revealed: Heroines' Last Days", Life (18 de agosto de 1958), p. 78-144. Citado por Shamai Davidson in "Human Reciprocity Among the Jewish Prisoners in the Nazi Concentration Camps", The Nazi Concentration Camps (Jerusalém: Yad Vashem, 1984), p. 555-72.
4 Terrence Des Pres, The Survivor: An Anatomy of Life in the Death Camps (Nova York: Oxford University Press, 1976), p. 142.

CAPÍTULO 14: A FUGA É PREPARADA

1 Yong, op. cit., p. 106.
2 Park era excessivamente otimista. As Nações Unidas, que nomearam um relator especial para direitos humanos norte-coreanos em 2004, não se mostraram capazes de exercer nenhuma influência sobre o governo em Pyongyang. Não tiveram tampouco muito sucesso em elevar a consciência internacional sobre os campos. A Coreia do Norte recusou-se de maneira terminante a permitir a entrada no país do representante da ONU para assuntos de direitos humanos e condenou seus relatórios anuais como complôs para derrubar o governo. Esses relatórios estão entre as análises mais firmemente críticas — e incisivamente escritas — sobre a crise dos

direitos humanos no Norte. Em 2009, quando terminou seu exercício de seis anos como relator, Vitit Muntarbhorn declarou: “A exploração das pessoas comuns [...] tornou-se a perniciosa prerrogativa da elite dominante.” E acrescentou: “A situação dos direitos humanos no país continua execrável em razão da natureza repressiva da base do poder: ao mesmo tempo enclausurada, controlada e insensível.”

CAPÍTULO 16: FURTOS

1 Yoonok Chang, Stephan Haggard e Marcus Noland, “Migration Experiences of North Korean Refugees: Survey Evidence from China” (Washington, D.C.: Peterson Institute, 2008), p. 1.

CAPÍTULO 17: RUMO AO NORTE

1 Lankov, op. cit.
2 Ver Daily NK, 25 de outubro de 2010, para uma descrição detalhada do sistema servi-cha e outra tentativa do governo de acabar com ele. http://www.dailynk.com/english/read.php?cataId=nk01500&num=6941.
3 Andrew S. Natsios, The Great North Korean Famine (Washington, D.C.: United States Institute for Peace Press, 2001), p. 218.
4 Charles Robert Jenkins, The Reluctant Communist (Berkeley: University of California Press, 2008) p. 129.
5 Barbara Demick, Nothing to Envy (Nova York: Spiegel & Grau, 2009), p. 159-72.

CAPÍTULO 18: A FRONTEIRA

1 Human Rights Watch, “Harsher Policies Against Border-Crossers” (março de 2007).
2 Lankov, op. cit., no final do capítulo “Gullible Travels”.
3 Entrevista do autor em Seul com funcionários da Good Friends, uma organização budista sem fins lucrativos com informantes baseados dentro da Coreia do Norte.

CAPÍTULO 19: CHINA

1 Chang et al., op. cit., p. 9.
2 Demick, op. cit., p. 163.
3 Rimjin-gang: News from Inside North Korea, organizado por Jiro Ishimaru (Osaka: AsiaPress International, 2010), p. 11-15.
4 United Nations International Covenant on Civil and Political Rights, Artigo 12 (2), http://www2.ohchr.org/english/law/ccpr.htm.

CAPÍTULO 20: ASILO

1 Lee Gwang Baek, “Impact of Radio Broadcasts in North Korea”, discurso na International Conference on Human Rights, 1º de novembro de 2010,http://nknet.org/eng/board/jbbs_view.

2 Peter M. Beck, “North Korea’s Radio Waves of Resistance”, Wall Street Journal (16 de abril de 2010).

CAPÍTULO 21: K'UREDIT K'ADUS

1 Choe Sang-hun, “Born and Raised in a North Korean Gulag”, International Herald Tribune (9 de julho de 2007).

2 Blaine Harden, “North Korean Prison Camp Escapee Tells of Horrors”, Washington Post (11 de dezembro de 2008), p. 1. http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2008/12/10/AR2008121003855.html.

CAPÍTULO 22: OS SUL-COREANOS NÃO ESTÃO INTERESSADOS

1 Suh Jae-jean, “North Korean Defectors: Their Adaptation and Resettlement”, East Asian Review 14, nº 3 (outono de 2002), p. 77.

2 Donald Kirk, “North Korean Defector Speaks Out”, Christian Science Monitor (6 de novembro de 2007).

3 George W. Bush, Decision Points (Nova York: Crown, 2010), p. 422.

4 Associação Coreana dos Advogados, op. cit., p. 40.

5 Moon Ihlwan, “North Korea’s GDP Growth Better Than South Korea’s”, Bloomberg Businessweek (30 de junho de 2009).

CAPÍTULO 23: ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

1 Judith Herman, Trauma and Recovery (Nova York: Basic Books, 1997), p. 94-95.

APÊNDICES

AS DEZ LEIS DO CAMPO 14

(Shin foi obrigado a memorizar estas regras na escola do campo, e frequentemente os guardas mandavam que as recitasse.)

1. **Não tente fugir.**
   Qualquer pessoa pega fugindo será fuzilada imediatamente.
   Qualquer testemunha de uma tentativa de fuga que não a denuncie será fuzilada imediatamente.
   Qualquer testemunha de uma tentativa de fuga deve notificar prontamente um guarda.
   É proibida a reunião de duas ou mais pessoas para conspirar ou tentar fugir.

2. **É proibida a reunião de mais de dois prisioneiros.**
   Qualquer pessoa que deixe de obter permissão de um guarda para uma reunião de mais de dois prisioneiros será fuzilada imediatamente.
   Aqueles que invadirem a aldeia dos guardas ou danificarem a propriedade pública serão fuzilados imediatamente.
   Nenhuma reunião pode exceder o número de prisioneiros permitido pelo guarda encarregado.
   Com exceção do trabalho, nenhum grupo de prisioneiros pode reunir-se sem permissão.
   À noite, três ou mais prisioneiros não podem deslocar-se em grupos sem a permissão do guarda encarregado.

3. **Não furte.**
   Qualquer pessoa encontrada furtando ou de posse de armas será fuzilada imediatamente.
   Qualquer pessoa que não informe ou que ajude alguém que tenha roubado ou que esteja na posse de armas será fuzilada imediatamente.
   Qualquer pessoa que furte ou esconda qualquer alimento será fuzilada imediatamente.
   Qualquer pessoa que estrague de propósito qualquer material usado no

campo será fuzilada imediatamente.

4. **Os guardas devem ser obedecidos de maneira incondicional.**

Qualquer pessoa que hostilize ou agrida um guarda será fuzilada imediatamente.
Qualquer pessoa que deixe de demonstrar total submissão às instruções de um guarda será fuzilada imediatamente.
Não deve haver nenhuma resposta insolente ou queixa para um guarda.
Ao encontrar um guarda, deve-se inclinar a cabeça em sinal de respeito.

5. **Qualquer pessoa que veja um fugitivo ou indivíduo suspeito deve denunciá-lo prontamente.**

Qualquer pessoa que forneça cobertura para um fugitivo ou o proteja será fuzilada imediatamente.
Qualquer pessoa que guarde ou esconda os bens de um fugitivo, conspire com ele ou deixe de denunciá-lo será fuzilada imediatamente.

6. **Os prisioneiros devem se vigiar uns aos outros e denunciar imediatamente qualquer comportamento suspeito.**

Todo prisioneiro deve observar os outros e permanecer vigilante.
A fala e a conduta dos outros devem ser atentamente observadas. Se alguma coisa despertar suspeita, um guarda deve ser notificado imediatamente.
Os prisioneiros devem comparecer fielmente às reuniões de luta ideológica e devem censurar os outros e a si mesmos com veemência.

7. **Os prisioneiros devem mais do que cumprir a tarefa que lhes é designada cada dia.**

Prisioneiros que negligenciem sua cota de trabalho ou deixem de cumpri-la serão considerados descontentes e fuzilados imediatamente.
Cada prisioneiro deve ser o único responsável por sua cota de trabalho.
Cumprir a própria cota de trabalho é lavar os próprios pecados, assim como recompensar o Estado pelo perdão que manifestou.
A cota de trabalho designada por um guarda não pode ser modificada.

8. **Fora do local de trabalho, não deve haver nenhuma convivência entre os sexos por razões pessoais.**

Caso ocorra contato físico sexual sem prévia aprovação, os perpetradores serão fuzilados imediatamente.
Fora do local de trabalho, não deve haver conversas entre os sexos sem

prévia aprovação.
É proibido visitar banheiros designados para membros do outro sexo sem prévia aprovação.
Sem motivo especial, membros de sexos opostos não podem circular de mãos dadas ou dormir lado a lado.
Sem prévia aprovação, prisioneiros não podem visitar os alojamentos de pessoa do sexo oposto.

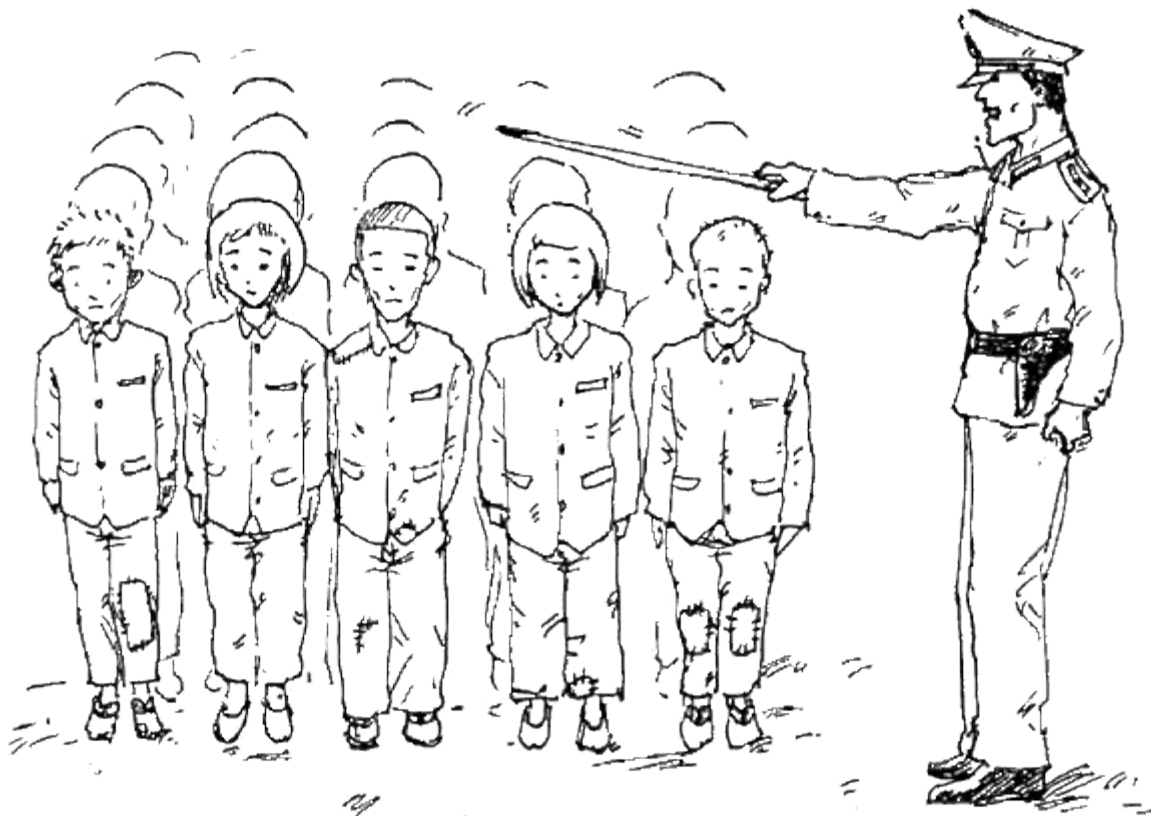
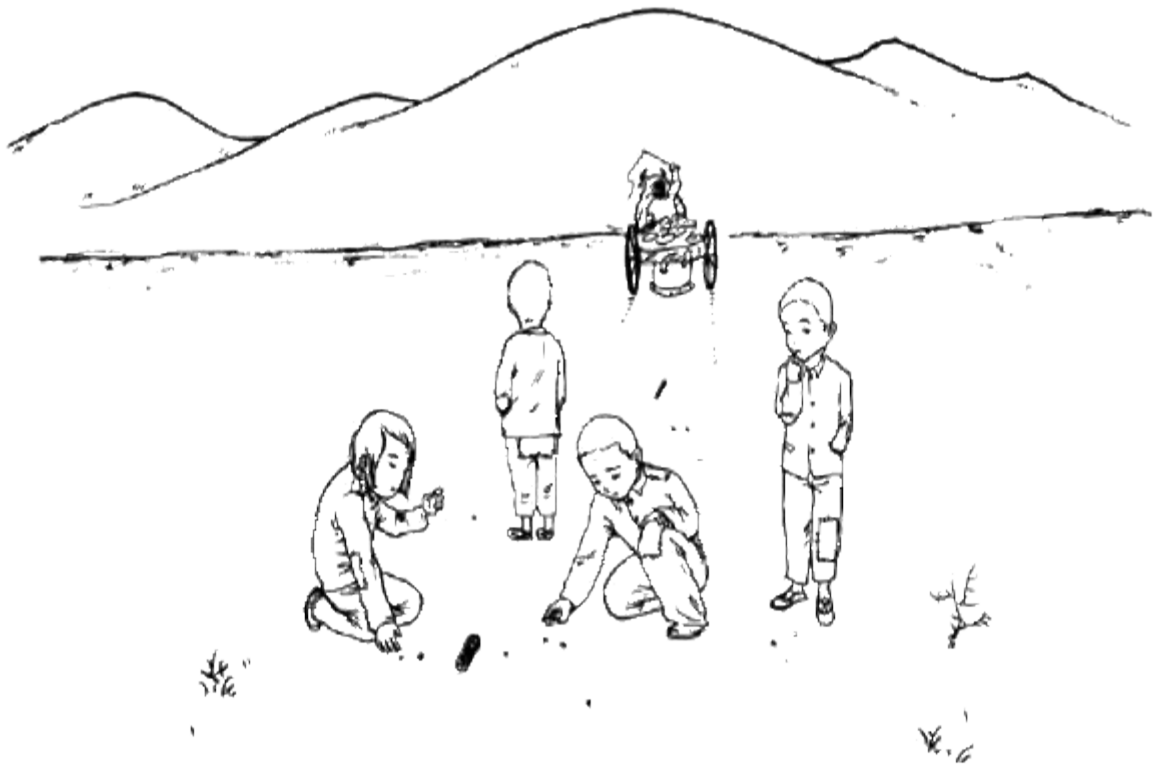
9. **Os prisioneiros devem se arrepender sinceramente de seus erros.**

Qualquer pessoa que não reconheça seus pecados e os negue ou mantenha uma opinião desviante sobre eles será fuzilada imediatamente.
O prisioneiro deve refletir profundamente sobre os pecados que cometeu contra seu país e a sociedade e esforçar-se para purificar-se deles.
Só após ter reconhecido seus pecados e refletido profundamente sobre eles um prisioneiro pode recomeçar.

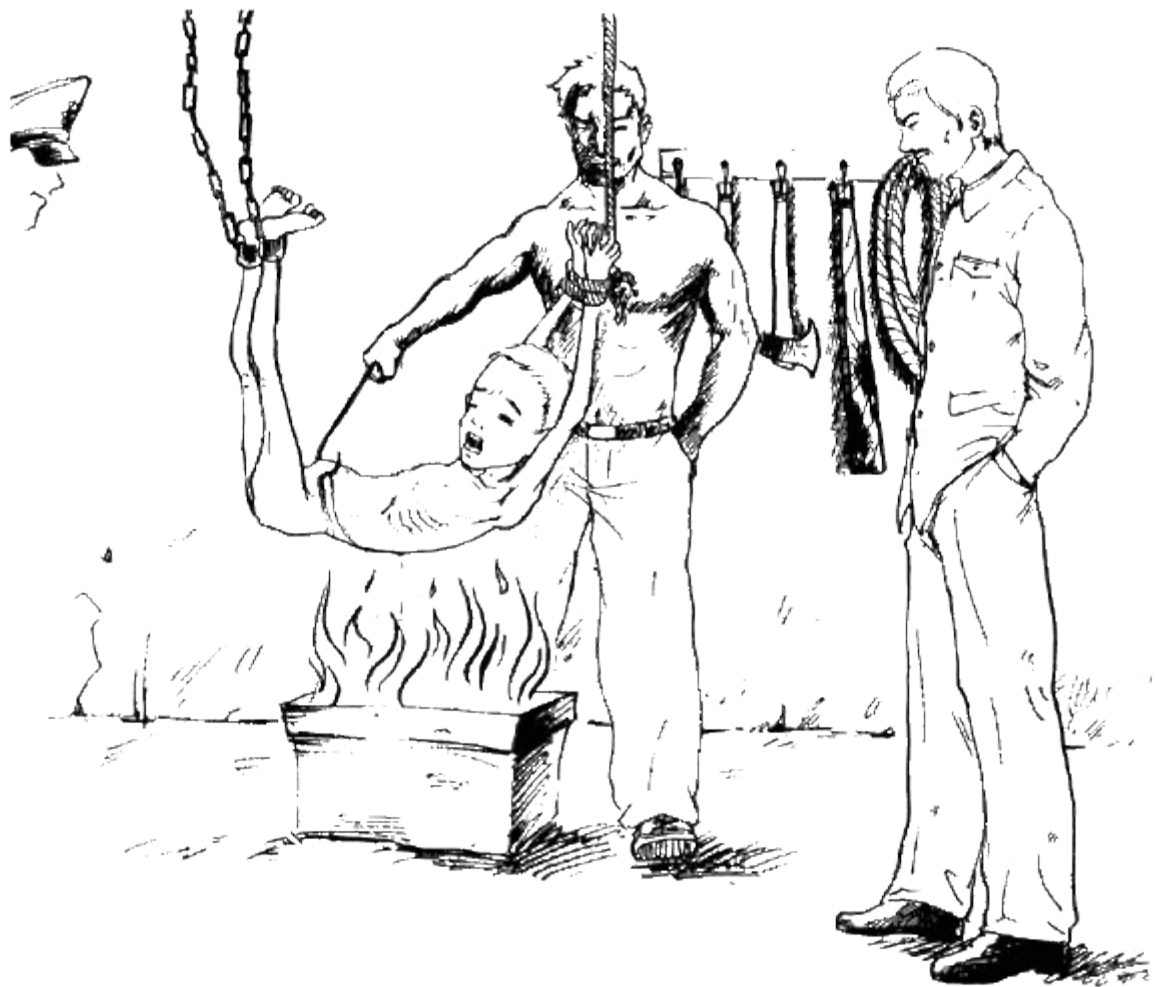
10. **Prisioneiros que violam as leis e regulamentos do campo serão fuzilados imediatamente.**

Todos os prisioneiros devem considerar os guardas como seus verdadeiros mestres e, obedecendo às dez leis e regulamentos do campo, entregar-se através da labuta e da disciplina à purificação de seus erros passados.

A VIDA NO CAMPO 14
EM DESENHOS DE SHIN

Cortesia do Database Center for North Korean Human Rights, que publicou o livro de memórias de Shin, Fuga para o Mundo Exterior.

Os professores da escola de Shin, no Campo 14, eram guardas uniformizados. Sempre portavam uma pistola, e Shin viu quando um deles surrou até a morte uma colega de seis anos de idade, golpeando-a com uma vara usada para apontar para o quadro-negro.

As crianças dos campos viviam em busca de alimentos, comendo ratos, insetos e grãos de milho não digeridos encontrados no estrume de vaca.

Shin viu a mãe ser enforcada e o irmão, fuzilado, por terem planejado uma fuga. Shin não disse nada a ninguém durante quinze anos, mas sabia que era o responsável pelas execuções.

Antes que a mãe e o irmão fossem mortos, Shin foi detido durante sete meses em uma prisão subterrânea secreta, no interior do Campo 14. Tinha 13 anos de idade.

Na prisão subterrânea, os guardas torturaram Shin sobre uma fogueira, procurando descobrir seu papel na fuga planejada pela mãe e pelo irmão. Para impedi-lo de se contorcer e se desviar das chamas, eles furaram sua barriga com um gancho de aço.

Como punição por ter deixado cair uma máquina de costura enquanto trabalhava na fábrica de roupas do campo, os guardas usaram uma faca para cortar o dedo médio direito de Shin, na altura da primeira falange.

AGRADECIMENTOS

Este livro, é claro, não poderia ter sido escrito sem a coragem, a inteligência e a paciência de Shin Dong-hyuk. Durante dois anos e em dois continentes, ele dedicou tempo a contar sua história em todos os horríveis detalhes e suportou a dor que isso lhe ocasionava.

Quero também agradecer a Lisa Colacurcio, membro do conselho do U.S. Committee for Human Rights in North Korea, que primeiro me falou sobre Shin. Kenneth Cukier, correspondente do Economist, disse-me que a história de Shin precisava de um livro e ofereceu sugestões úteis sobre como escrevê-la.

Como não falo coreano, dependi de intérpretes. Gostaria de agradecer a Stella Kim e Jennifer Cho em Seul. Também em Seul, Yoonjung Seo ajudou com a apuração de informações, assim como Brian Lee. Em Tóquio, Akiko Yamamoto ajudou com a apuração e a logística. No Sul da Califórnia, David Kim foi um intérprete de grande competência e amigo de Shin e meu. Ele também forneceu bons conselhos.

Na Liberty in North Korean (LiNK) em Torrance, Hannah Song e Andy Kim ajudaram-me a compreender a adaptação de Shin aos Estados Unidos. Além disso, Song passou muitas horas resolvendo problemas logísticos para Shin e para mim. Em Seattle, Harim Lee também foi prestativa. Em Columbus, Ohio, Lowell e Linda Dye, que ajudaram Shin e a quem ele considera como pais, ofereceram perspectiva e conselhos.

Pela orientação em minha tentativa de compreender o que se passa dentro da Coreia do Norte, agradeço a Marcus Noland, diretor adjunto e membro sênior do Peterson Institute for International Economics em Washington. Ele cedeu generosamente seu tempo e conhecimento especializado. Sua pesquisa sobre a Coreia do Norte com Stephan Haggard foi um recurso fundamental. As conversas com Kongdan Oh, pesquisadora da equipe do Institute for Defense Analyses em Alexandria, Virginia, ajudaram-me a compreender o que ouvi de Shin e de outros norte-coreanos. Os livros que ela escreveu com seu marido, Ralph Hassig, um estudioso da Coreia do Norte, foram também inestimáveis. Em Seul, Andrei Lankov, que leciona estudos norte-coreanos na Universidade Kookmin, esteve sempre disposto a compartilhar seu conhecimento.

Dois blogueiros incansáveis, Joshua Stanton da One Free Korea e Curtis Melvin da North Korean Economy Watch, forneceram-me informações úteis e constantemente atualizadas e análises sobre economia, liderança e questões militares e políticas na Coreia do Norte. Além disso, o excelente livro de Barbara Demick Nothing to Envy foi decisivo para minha compreensão do pensamento de norte-coreanos comuns.

Quero agradecer em especial ao Database Center for North Korean Human Rights, baseado em Seul. Ele publicou as memórias de Shin em coreano e o

estimulou generosamente a cooperar comigo. Também o "White Paper on Human Rights in North Korea 2008" da Associação Coreana dos Advogados foi um recurso valioso.

David Hawk, autor de "The Hidden Gulag: Exposing North Korea's Prison Camps" e talvez o indivíduo mais importante no trabalho de alertar os que estão do lado de fora para a existência e a operação dos campos, compartilhou comigo seu conhecimento especializado e sua pesquisa. Suzanne Scholte, que conduziu campanhas no mundo todo em prol dos direitos humanos na Coreia do Norte, também merece meus agradecimentos. Em Seattle, Blaise Aguera y Arcas deu sagazes sugestões sobre a narrativa, e Sam Howe Verhovek deu conselhos sobre o trabalho de apuração.

Meu agente, Raphael Sagalyn, realizou um trabalho magistral tornando este livro possível. Na Viking, a editora Kathryn Court abraçou este projeto e ofereceu conselhos que melhoraram significativamente o manuscrito, assim como Tara Singh, assistente de Kathryn.

David Hoffman, editor de assuntos estrangeiros do Washington Post, me enviou para a Ásia e me disse para investigar a fundo a Coreia do Norte. Quando hesitei, ele insistiu. Quando me esforcei, foi encorajador. Doug Jehl e Kevin Sullivan, editores do Post, foram também exigentes e solidários. Donald G. Graham, o presidente da Washington Post Company, dedicava uma surpreendente atenção à Coreia do Norte e sempre me fez saber quando eu conseguia escrever alguma coisa interessante sobre ela.

Por fim, minha mulher, Jessica Kowal, desempenhou um importante papel na feitura deste livro. Além de lê-lo e corrigi-lo, ela me convenceu de que contar a história de Shin era a melhor coisa que eu poderia fazer. Meus filhos, Lucinda e Arno, fizeram muitas perguntas boas sobre a vida de Shin. Eles não eram capazes de compreender a crueldade da Coreia do Norte, mas reconheceram Shin como uma pessoa extraordinária. É o mesmo que sinto.

SOBRE O AUTOR

BLAINE HARDEN (na foto com Shin Dong-hyuk) é repórter do programa Frontline, da PBS, e colaborador da revista The Economist. Reside em Seattle, depois de uma temporada como chefe da sucursal do jornal The Washington Post em Tóquio. É autor dos livros Africa: Dispatches from a Fragile Continent e A River Lost: The Life and Death of the Columbia.